



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Lívia Galete Braga Pinheiro

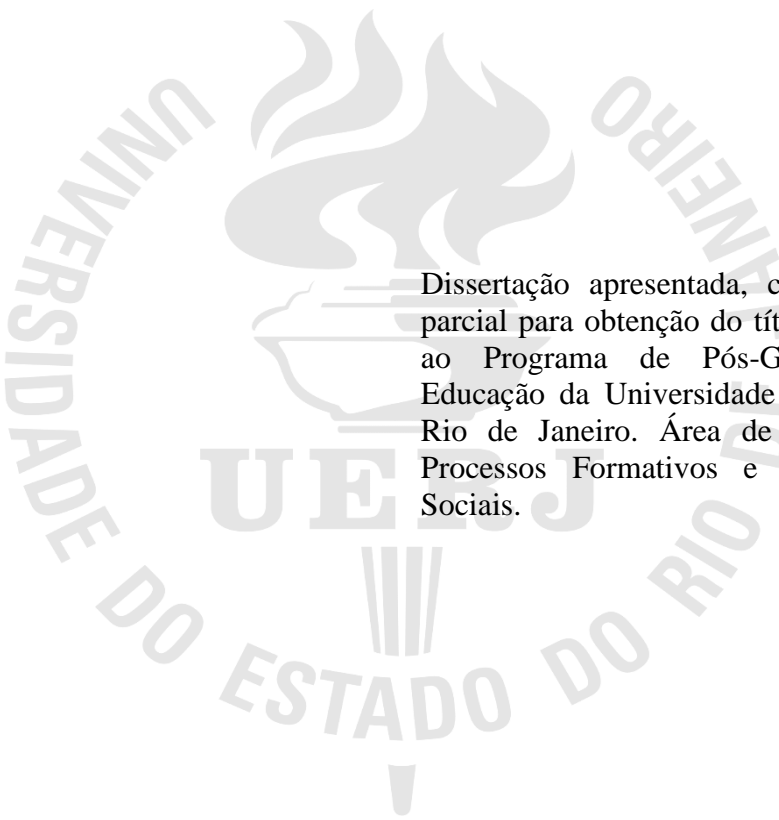
**Trajetórias de escolarização de jovens em Nova Friburgo: com a palavra os
jovens rurais**

São Gonçalo

2017

Lívia Galete Braga Pinheiro

Trajéórias de escolarização de jovens em Nova Friburgo: com a palavra os jovens rurais



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Lúcia Velloso Maurício

Co-orientadora: Prof^ª. Dra. Elaine Ferreira Rezende de Oliveira

São Gonçalo

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

P654

Pinheiro, Lívia Galete Braga.

Trajetórias de escolarização de jovens em Nova Friburgo:
com a palavra os jovens rurais / Lívia Galete Braga Pinheiro –
2017.

142f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dra. Lúcia Velloso Maurício.

Coorientadora: Prof^a. Dra. Elaine Ferreira Rezende de
Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Comunidades agrícolas – Nova Friburgo (RJ) – Teses .
2. Educação do adolescente – Teses. I. Maurício, Lúcia Velloso.
II. Oliveira, Elaine Ferreira Rezende de. III. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores.
IV. Título.

CDU 374.3(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Lívia Galete Braga Pinheiro

**Trajétórias de escolarização de jovens em Nova Friburgo: com a palavra os jovens
rurais**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em 19 de maio de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Lúcia Velloso Maurício (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^ª. Dra. Elaine Ferreira Rezende de Oliveira
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Waldeck Carneiro da Silva
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Jorge Nassim Vieira Najjar
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof^ª. Dra. Maria Tereza Goudard Tavares
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho...

Aos jovens rurais, especialmente da cidade de Nova Friburgo, que percorrem grandes distâncias, antes do nascer do sol, em busca do estudo e, conseqüentemente, de uma vida melhor.

AGRADECIMENTOS

À Marta e a Vicente, pais dedicados, os pilares de minha existência.

À Maria Clara, a estrela que mesmo distante enche de luz minha vida.

A Bruno, meu companheiro, meu amigo, meu amor.

À Lavínia, fruto do nosso amor, que mesmo do meu ventre me acompanhou nesta caminhada.

Aos amigos Izabella e Maicon, pela força e amparo durante a realização deste curso.

À professora Elaine, por sua dedicação, amizade e comprometimento durante a elaboração desta dissertação.

À professora Lúcia, por sua orientação e conselhos para a conclusão desta pesquisa.

Aos professores Jorge Najjar, Waldeck Carneiro e Maria Tereza Goudard Tavares por aceitarem participar da Banca Examinadora.

Aos funcionários e demais professores da FFP, pela dedicação mesmo em momentos conturbados como os que estamos vivendo.

Aos meus alunos que, a cada dia, me incentivam a ser uma professora em busca de uma educação mais consciente.

E, especialmente a Deus, por me guiar e permitir que realizasse mais um sonho.

Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes.

Paulo Freire

RESUMO

PINHEIRO, Livia. *Trajetórias de escolarização de jovens em Nova Friburgo: com a palavra os jovens rurais*. 2017. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

Frente às dificuldades de se observar a escola como um espaço voltado para a construção e formação de um público específico de procedência rural, este trabalho pretende por meio de um estudo de caso de um Colégio Estadual, localizado na cidade de Nova Friburgo, investigar aspectos das trajetórias escolares de jovens de comunidades rurais. Cabe ressaltar que, privilegio a análise de trajetórias de jovens que estudam numa escola caracterizada como urbana, mas que recebe um público rural com anseios e objetivos divergentes daqueles oriundos das áreas urbanas. Investigo a escolarização desses jovens por meio de autores da Sociologia da Educação, como Pierre Bourdieu e Daniel Thin a fim de compreender a reprodução das desigualdades sociais em suas trajetórias escolares e busco compreendê-las com o auxílio de trabalhos acerca das juventudes brasileiras. Para isto, trago trabalhos de Paulo Freire, Maria José Carneiro, Anita Brumer e o estudo de Valadares et al. Traço um paralelo com a visão dos jovens entrevistados sobre a vida no meio rural e sobre a experiência de estudar em uma escola urbana, apresentando suas expectativas e medos em relação ao futuro.

Palavras-chave: Jovens rurais. Trajetórias escolares de Jovens. Desigualdade Social. Desigualdades de rendimentos escolares.

ABSTRACT

PINHEIRO, Lívia. *Schooling trajectories of youth in Nova Friburgo*: with the word the young rural. 2017. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

Facing the difficulties of observing the school as a space facing the construction and formation of a specific audience of rural origin, this work intends to through a case study of a State College, located in the town of Nova Friburgo, investigate aspects of the school trajectories of young people from rural communities. It is noteworthy that privilege analysis of trajectories of young people who study at a school characterized as urban, but receiving a rural public concerns and divergent objectives of those from urban areas. Investigate the education of these young people through the authors of Sociology of education, such as Pierre Bourdieu and Daniel Thin in order to understand the reproduction of social inequalities in their school careers and seek understand them with the aid of works about the Brazilian youths. For this, bring the work of Paulo Freire, Maria José Carneiro, Anita Brumer and the study of Valadares et all. Trace a parallel with the vision of young people interviewed about life in rural areas and about the experience of studying in an urban school, showing their expectations and fears about the future.

Keywords: Rural youth. Young school trajectories. Social inequality. Income inequality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização de Nova Friburgo	19
Figura 2 – Localização do bairro Mury em relação ao município de Nova Friburgo	22
Figura 3 – Localização dos bairros de moradia de estudantes do Colégio Estadual X	25
Figura 4 – Quantitativo de escolas que utilizam a metodologia da alternância no Brasil	31
Figura 5 - Folião em Rio Bonito de Lumiar	105
Figura 6 - Palhaço em Rio Bonito de Lumiar	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados Gerais de Nova Friburgo	20
Tabela 2 - Dados dos jovens estudantes	51
Tabela 3 - Roteiro de entrevistas com jovens do Colégio Estadual X.....	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAR	Associação de Crédito e Assistência Rural
CEASA	Centrais Estaduais de Abastecimento
CEFFA	Centros Familiares de Formação por Alternância
CFR	Casas Familiares Rurais
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECOR	Escolas Comunitárias Rurais
EFA	Escolas Famílias Agrícolas
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ENERA	Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária
EPA	Escolas Populares de Assentamentos
ETA	Escolas Técnicas Agrícolas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PRONERA	Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SAERJ	Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro
SAERJINHO	Sistema Bimestral de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro
SEEDUC	Secretaria de Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SSR	Serviço Social Rural
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ENTRE O RURAL E O URBANO: A EDUCAÇÃO DOS JOVENS	18
1.1 A cidade, os bairros e a escola na relação com os jovens pesquisados	19
1.2 A oferta de educação rural no Brasil	27
1.3 As fronteiras entre o rural e o urbano	35
1.4 O Jovem rural e o Jovem urbano no currículo	39
2 O OLHAR SOBRE OS JOVENS: A OPÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA	45
2.1 As juventudes	46
2.2 Os jovens da pesquisa: opções	49
2.3 Instrumentos de pesquisa e a abordagem teórico-metodológica	52
3 UM DIÁLOGO COM OS JOVENS: ENTRE EXPECTATIVAS E CONDIÇÕES DE VIDA	56
3.1 A inserção social dos jovens pesquisados	58
3.1.1 <u>Os efeitos do lugar: o campo</u>	63
3.1.2 <u>As trajetórias de escolarização</u>	68
3.1.3 <u>Estruturas e obstáculos para a escolarização</u>	75
3.1.4 <u>O mundo do trabalho e o projeto de vida dos jovens</u>	81
3.1.5 <u>A escola multisseriada e a escola de ensino regular</u>	85
3.1.6 <u>Pedagogia da Alternância e o ensino voltado para o campo</u>	90
3.1.7 <u>Expectativas para o futuro e escolha profissionais</u>	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICE A – Fotos de Rio Bonito de Lumiar	105

APÊNDICE B – Ficha de Inserção Socioeconômica	106
APÊNDICE C – Roteiro de entrevistas	108
APÊNDICE D – Entrevistas na íntegra	111

INTRODUÇÃO

Quando se percorre o caminho de Niterói para a serra fluminense, o viajante se depara com sua grandiosidade e densa área de mata. Os diversos tons de verdes da vegetação e a fauna atraem turistas e moradores que buscam momentos de silêncio e lazer. Concomitante ao espaço das reservas naturais, encontram-se conjunto de casas, pequenas chácaras e sítios formando a imagem de um lugar que entrelaça o urbano e o rural.

Eu me coloco como esse viajante admirado pela exuberância do lugar. Em busca de uma vida mais tranquila optei por morar e trabalhar em um município em que o urbano e o rural se encontram. Os caminhos percorridos nesta pesquisa coincidem com minha vivência enquanto moradora e professora deste local, uma área turística no município de Nova Friburgo.

Minha trajetória acadêmica inicia-se com uma graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) no período entre 2003 e 2007. O momento da graduação foi muito importante para a construção da minha trajetória profissional e de formação pessoal. Durante a faculdade eu me interessava mais pelas disciplinas de Sociologia e de Antropologia, como Sociologia da Pós-Modernidade e Sociologia Rural. Quando estava nos últimos períodos da graduação, tive contato com as disciplinas da licenciatura e, por sua vez, com a Faculdade de Educação e percebi que trabalhar com educação era algo encantador.

A colação de grau da Graduação em Ciências Sociais ocorreu em 2007, no mesmo ano em que eu aguardava a convocação do concurso do Governo do Estado para assumir minha primeira vaga como professora da educação pública. Assumi, no entanto, minha primeira matrícula na disciplina de Sociologia em 2008 na rede estadual de educação. Eu fui convocada para a Regional Metropolitana I que abrangia naquele período a maior parte das cidades da Baixada Fluminense¹.

Com as tensões e questionamentos que surgiram a partir da minha vivência em sala de aula, senti falta do que nós, professores, sempre buscamos: conhecimento. Desse modo, iniciei em 2009 uma especialização em Ensino de História e Ciências Sociais pela UFF. Tínhamos um encontro semanal em que discutíamos a educação e o nosso papel como educadores na atualidade. Elaborei como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma

¹ A partir do dia 30 de abril de 2011, a estrutura das Regionais Administrativas da Secretaria Estadual de Educação foi modificada. Atualmente a Metropolitana I abrange Japeri, Nova Iguaçu e Queimados. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=375402>>. Acesso em: 01 Abr. 2016.

pesquisa sobre a Sociologia como componente curricular do Ensino Médio. Por ser professora desta disciplina, fiz uma análise do percurso da Sociologia até ser inserida no currículo básico do Estado do Rio de Janeiro bem como sua aceitação pelos alunos. Com este trabalho pude perceber a existência de questões políticas que influenciaram a entrada e a saída da disciplina Sociologia dos currículos escolares e também observei a receptividade dos estudantes em relação ao estudo desta disciplina no Ensino Médio.

Depois de dois anos no magistério, troquei a Baixada Fluminense pela Região Serrana e pude observar muitas semelhanças nas relações entre professores e ações da gestão escolar, mas notei algumas diferenças no público estudantil. Este, diferente do que vivenciei na região metropolitana, mostrou-se mais calmo durante as aulas. Por outro lado, notei que as famílias rurais também eram ausentes na vida escolar dos alunos, poucas participavam de reuniões e eventos na escola.

De 2013 a 2015, tive a oportunidade de assumir outras funções na escola em que trabalho: primeiro como Diretora Adjunta e, posteriormente, como Coordenadora Pedagógica. Estes cargos foram interessantes para modificar a forma como eu percebia a educação, isto é, de dentro da sala enquanto professora. Como Diretora Adjunta convivi com processos administrativos e financeiros e, assim, pude entender que a escola vai além de projetos pedagógicos e notas. Vivenciei pressões da Secretaria de Educação por meio de visitas de inspetoras escolares que verificavam documentos e de outros funcionários da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) que acompanhavam as ações da equipe gestora. Muitas vezes, vivi com a sensação de “apagar incêndios” na minha rotina escolar, pois apenas resolvia pequenos problemas pela escola sem conseguir pensar e planejar melhorias para aquele ambiente.

Estas pressões aumentaram, a partir de 2011, depois que ocorreram mudanças no programa de educação do estado do Rio de Janeiro, no segundo governo de Sérgio Cabral/PMDB². Isto se iniciou após um intenso debate devido ao baixo desempenho das escolas estaduais no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica³. Com este

² Sigla para Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

³ O IDEB foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2007. O cálculo do IDEB é feito a partir de dados sobre aprovação escolar, “obtidos por meio do Censo Escolar, e médias de desempenho nas avaliações do SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica – para as unidades da federação e para o país, e a Prova Brasil para os municípios”. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/o-que-e-o-ideb>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

resultado ruim, o governo lançou um programa de educação que consistia em um planejamento estratégico com metas e ações que alcançavam escolas, docentes e alunos⁴.

Mesmo quando assumi funções estratégicas, como diretora e coordenadora pedagógica, não saí de sala de aula, pois tenho duas matrículas e na rede estadual não é possível acumulá-las nesses referidos cargos. Assim, obrigatoriamente, permaneci com uma matrícula na regência de turma. Na condição de membro de equipe pedagógica e de docente, presenciei conflitos e situações que, ao meu olhar, pareciam estar em desacordo com as características dos jovens daquela localidade.

Com a aprovação no curso de mestrado *Stricto Sensu* em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais na UERJ/FFP, transferei uma matrícula para o município de Niterói a fim de me deslocar menos e aproveitar mais meu tempo para leituras e estudo. Mais uma vez deparei-me com outra realidade: a escola localizada próxima ao centro da cidade de Niterói que recebe estudantes moradores das adjacências, em que muitos destes alunos vivenciam os conflitos entre a polícia e o tráfico em suas comunidades, quase que diariamente resultando em comportamentos que interferem negativamente em seus rendimentos escolares.

Além disso, durante no ano de 2016 a rede estadual de educação permaneceu em greve por melhores salários e condições de trabalho durante quase cinco meses⁵. Juntamente com o movimento de greve surgiu o movimento secundarista ocupando algumas escolas estaduais. Na escola em que trabalho em Niterói houve ocupação estudantil tornando-se um pólo de encontros e fortalecimento do movimento de ocupação dos estudantes secundaristas⁶. Assim, durante minha trajetória profissional vivencio duas situações de ensino-aprendizagem distintas, nas cidades de Niterói e Nova Friburgo.

A escola em que realizei esta pesquisa está localizada em um distrito turístico da cidade de Nova Friburgo e recebe um público proveniente de zona rural. Optei por chamá-la de Colégio Estadual X a fim de preservar seu nome. Neste parágrafo já apresento um dos conflitos presentes no cotidiano desta escola: a convivência entre o urbano e o rural. A escola

⁴ Planejamento Estratégico da SEEDUC. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=374683>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

⁵ Mais informações sobre a greve da educação durante o ano de 2016, ver: <<http://www.seperj.org.br/>> e <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/apos-quase-5-meses-professores-decidem-suspender-greve-no-rj.html>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

⁶ Mais informações sobre o movimento secundarista durante o ano de 2016, ver: <<http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2016/05/no-rio-de-janeiro-segue-crescendo-o-movimento-de-ocupacao-das-escolas-5041.html>> e <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/ocupacao-de-escolas-e-legitima-diz-secretario-de-educacao-do-rj.html>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

é preparada com os currículos, os regimentos e as determinações da secretaria estadual de educação do Rio de Janeiro para ser uma escola da cidade recebendo alunos e docentes da cidade. Contudo, a instituição atende em torno de sessenta por cento (60%) de jovens entre 11 e 20 anos vindos de áreas rurais que, possuem sentimentos, desejos e expectativas de futuro um pouco divergentes dos estudantes que vivem nas cidades.

As mudanças que ocorreram no meio rural nas últimas décadas, como a mecanização da agricultura, os investimentos em grandes plantações com a finalidade de exportar alimentos, dentre outros, fizeram com que um grande contingente de pessoas do campo migrasse para as periferias das cidades. Por outro lado, muitos daqueles que permaneceram no campo ficaram sem direitos básicos como transporte, saúde e educação, fato que reforçou a ideia da migração já que mesmo em condições ruins, na cidade existiriam mais oportunidades de empregos e de acesso à escolas e hospitais.

Este dilema campo-cidade mostrou ser um problema presente também no campo educacional. Nos últimos anos, muitas escolas rurais foram extintas (CORDEIRO, 2013) e, conseqüentemente, muitos alunos deixaram de estudar por morarem longe ou por não demonstrarem interesse nos conteúdos que aprendiam nas escolas urbanas. Isto porque, muitas vezes, os jovens que desejam permanecer no campo almejam um aprendizado que pode divergir daquele planejado para o jovem da cidade. Pelo que pude observar em minha prática como docente da Educação Básica, nem sempre secretarias de educação e seus respectivos governos preocuparam-se em organizar escolas e conteúdos diferenciados para alunos provenientes da zona rural.

Com esta dissertação, busco compreender melhor a situação descrita acima. Por se tratar do ambiente de meu trabalho, convivo com as preocupações em relação ao processo de ensino-aprendizagem e trajetórias destes jovens alunos e também com as ausências do poder público nas localidades em que vivem. Assim, tenho como prioridade investigar e analisar como ocorrem as trajetórias de escolarização de jovens estudantes oriundos da área rural matriculados em uma escola urbana. Além disso, pretendo também observar como o conflito rural e urbano interfere na escolarização destes jovens estudantes. Ao seguir este raciocínio considero importante questionar: por que esses jovens optaram por estudar em uma escola urbana ao invés de uma escola rural ou com proposta de pedagogia de alternância? Quais seriam as escolhas profissionais desses jovens e suas expectativas de vida? Como as condições e vida em áreas rurais interferem nas trajetórias escolares desses jovens?

A dissertação está dividida em três capítulos: no capítulo I - Entre o rural e o urbano: A Educação dos Jovens, descrevo e analiso dados sócio-históricos e econômicos da cidade de Nova Friburgo, do bairro de Mury e apresento informações da escola pesquisada. Trago teorias e reflexões sobre as questões do rural e do urbano, bem como analiso o percurso histórico da oferta de educação nas áreas rurais.

No capítulo II - O olhar sobre os jovens: a opção teórica e metodológica, traço um perfil dos grupos de alunos que frequentam o Colégio Estadual X e discorro sobre a metodologia da pesquisa, tomando a ficha socioeconômica e a entrevista como instrumentos de coleta de dados, além de apresentar as opções teóricas que nortearam o estudo, como as obras de Pierre Bourdieu (2006, 2012, 2013 e 2014) e de seu discípulo Daniel Thin (2006). Analiso teorias sobre juventudes, principalmente a respeito dos jovens que moram em áreas rurais. Para isto, trago trabalhos de Maria José Carneiro (2007, 2011), Anita Brumer (2007) e o estudo de Valadares et al (2016).

No capítulo III - Um diálogo com os jovens: entre expectativas e condições de vida, trago a visão dos jovens sobre a vida no meio rural e sobre a experiência de estudar em uma escola urbana, apresentando suas trajetórias de vida e escolarização e suas expectativas e medos em relação ao futuro.

1 ENTRE O RURAL E O URBANO: A EDUCAÇÃO DOS JOVENS

O dia a dia na sala de aula é repleto de situações que deveriam ser pensadas e questionadas pelos profissionais da educação. As questões relacionadas às práticas docentes e ao processo de ensino-aprendizagem são impostas pelo Estado, muitas vezes, sem levar em consideração o contexto sócio-cultural dos jovens que frequentam os bancos escolares. Tal fato desconsidera aspectos peculiares de cada instituição, da região em que está localizada e, por sua vez, das juventudes que as frequentam. De acordo com o Estatuto da Juventude, no Brasil, para as políticas públicas “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.” (LEI Nº 12.852, DE 05 DE AGOSTO DE 2013)

Juarez Dayrell (1996) critica esse posicionamento quando afirma que a escola é um lugar em que se encontram sujeitos sociais detentores de ações e opiniões diversas. Assim, a instituição escolar não pode ser considerada como algo apático e homogêneo. Para Dayrell:

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (DAYRELL, 1996, p. 136).

Para o autor, os indivíduos são colocados como autores e sujeitos do mundo capazes de modificarem a sociedade em que vivem e, do mesmo modo, a escola. Esta, portanto, é o resultado de ações e confrontos de indivíduos que possuem características diferentes e influenciam o local em que vivem e convivem. Segundo Dayrell:

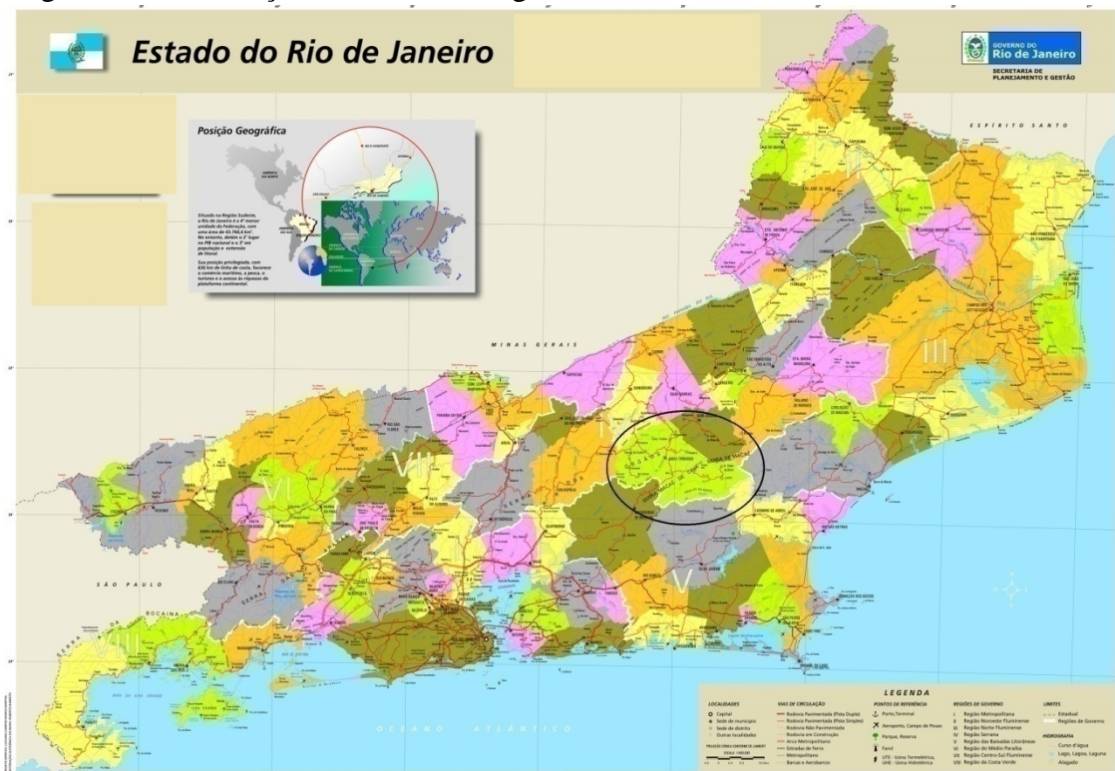
Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas (DAYRELL, 1996, p.137).

Tal discurso defende que as escolas não devem ser tratadas de forma semelhante, pois são instituições heterogêneas, ou seja, com uma grande diversidade de sujeitos sociais com origens e trajetórias sociais diferentes. Assim, os conteúdos programáticos, as regras de entrada e saída, a alimentação e os projetos devem ser construídos e programados a partir do contexto sócio-cultural daquela comunidade específica.

1.1 A cidade, os bairros e a escola na relação com os jovens pesquisados.

Nova Friburgo é uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, precisamente localizada na região serrana com aproximadamente 184.786 habitantes⁷ em uma área de 933,415 km² de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trata-se de um município com uma história peculiar já que foi criado com o intuito de abrigar imigrantes suíços que chegaram ao Brasil após um acordo entre o Império Brasileiro e a Suíça no ano de 1818⁸. Assim, um tratado foi realizado e, a partir de um decreto real, Nova Friburgo foi fundada homenageando a cidade de Freiburg na Suíça. Essas famílias e outros grupos de estrangeiros, como espanhóis e alemães, que vieram nos anos posteriores, contribuíram para a construção e desenvolvimento da cidade. A localização do município de Nova Friburgo em relação ao estado do Rio de Janeiro está assinalada no mapa abaixo:

Figura 1 – Localização de Nova Friburgo



Fonte: Disponível em: <<https://geo06371.wordpress.com/category/oficial/page/5/>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

⁷ Para mais informações do número de habitantes divididos entre as áreas urbana e rural, verificar em: <<http://noticias.uol.com.br/censo-2010/populacao-urbana-e-rural/rj>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

⁸ Disponível: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330340&search=||infoogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 19 out. 2015.

Durante o século XIX e XX, Nova Friburgo viu surgir inúmeras fábricas de couro, tecido e metalurgia que possibilitaram o crescimento social e econômico da cidade, transformando-a em cidade pólo para os municípios vizinhos. Muitas destas indústrias foram fundadas por imigrantes como é o caso da Fábrica Ypu⁹, fundada por um alemão, que obteve bastante prosperidade durante o século XX.

Nos últimos anos, Nova Friburgo também ficou conhecida como a capital da moda íntima, com muitas confecções e pelo cultivo de flores, que conferiu à cidade o título de maior produtora de flores do estado do Rio de Janeiro¹⁰.

Abaixo, alguns dados gerais sobre Nova Friburgo¹¹:

Tabela 1 – Dados gerais de Nova Friburgo

Dados gerais de Nova Friburgo	
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal -2010 (IDHM)	0,745
Matrícula – Ensino Fundamental – 2012	25.575
Matrícula – Ensino Médio – 2012	5.434
PIB per capita a preços correntes – 2013	20.185,88 reais
População residente	184.786
População residente – Homens	87.254
População residente – Mulheres	97.532
População residente alfabetizada	161.972
População residente, religião católica apostólica romana	86.882
População residente, religião evangélicas	51.384
População residente, religião espírita	6.404
Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Rural	450,00 reais
Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Urbano	612,00 reais
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar por situação do domicílio – Rural	1557,47 reais
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar por situação do domicílio – Urbano	2695,68 reais

Fonte: IBGE, 2010.

⁹ Disponível em: <<http://fabricaypu.wix.com/site#!sobre/cp1x>>. Acesso em 29 Nov. 2015.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/26751597/produtor-de-flores-de-corte>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

¹¹ Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=330340&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>>. Acesso em: 16 maio 2016.

O município de Nova Friburgo determinou através de lei (Lei Municipal nº 2249/88) a divisão do seu espaço em três regiões: 1ª região ou de desenvolvimento urbano; 2ª região ou de desenvolvimento rural; e 3ª região ou de interesse ambiental ou ecológico. O espaço urbano está dividido em três zonas: zona urbana, zona de expansão urbana e zona de proteção natural. Para ser considerada zona urbana, o espaço deve agregar áreas ocupadas com habitação, comércio e indústria, devendo apresentar, no mínimo, dois dos itens seguintes: calçamento com canalização de águas pluviais; abastecimento de água; sistema de esgoto sanitário; rede de iluminação pública; escola primária ou posto de saúde nas proximidades¹².

De acordo com a Lei Orgânica do município¹³ e com a Lei 2249/88, para ser zona rural o espaço deve ser destinado à exploração agrícola, pecuária, extrativismo vegetal e mineral, agroindustrial, industrial e habitações multifamiliares¹⁴. Sendo assim, o bairro Mury é considerado zona urbana, com núcleo comercial e residencial, pois não possui áreas de grandes plantações, criações ou extrativismos. O bairro é caracterizado por construções residenciais e comerciais juntamente com uma imensa área verde de Mata Atlântica, bioma existente no estado do Rio de Janeiro. Contudo, isto foi motivo de dúvida para esta pesquisa por Mury apresentar locais com preservação de mata ocupando boa parte de seu território.

Nessa perspectiva, procurei compreender se esse distrito não seria uma área de interesse ambiental ou ecológico. Esta dúvida foi retirada a partir da própria Lei 2249/88 que esclarece que o espaço urbano pode apresentar zonas de proteção ambiental. Desta forma, considerei que a prefeitura de Nova Friburgo delimitou o bairro Mury como zona urbana com zona de proteção natural já que possui infraestrutura, como calçamento, abastecimento de água e rede de iluminação pública, por exemplo, mas também apresenta áreas com mata.

O distrito de Mury foi uma das regiões destinadas aos suíços que vieram na condição de imigrantes para o Brasil. A família que se estabeleceu no local se chamava Murith. Contudo, apenas no século XX o bairro ficou conhecido por esse nome quando um comerciante, dono de uma mercearia de secos e molhados, chamado Luís Mury conseguiu trazer uma estação de trem para a região. Logo, a localidade ficou conhecida como a Parada do Mury, ou seja, um ponto estratégico para as viagens de trem entre as cidades de Nova

¹² LEI MUNICIPAL Nº 2249/88 – Dispõe sobre o Desenvolvimento Urbano e Rural do Município de Nova Friburgo. Disponível em: <<http://www.leisonline.net/nfb/?Ano=1988&Dip=L2249#18547>> Acesso em: 02 abr. 2016.

¹³ LEI MUNICIPAL Nº 2343/90 – Lei Orgânica do Município de Nova Friburgo. Disponível em: <<http://www.leisonline.net/nfb/?Ano=1990&Dip=L2343>> Acesso em: 02 abr. 2016.

¹⁴ Idem nota 12.

Friburgo e Niterói¹⁵. Com a expansão e urbanização na segunda metade do século XX, Mury recebeu mais moradores, estabelecimentos comerciais, escolas e postos de saúde e, mesmo com o fim da linha de trem, o bairro ainda é ponto de parada de quem se desloca para a cidade de Nova Friburgo, pois a rodovia RJ116 atravessa a cidade. Além disso, Mury é conhecido por ser um importante polo gastronômico visitado por turistas e pelos moradores da cidade. Na figura 2, pode se observar a localização do bairro Mury em destaque:

Figura 2 – Localização do bairro Mury em relação ao município de Nova Friburgo



Fonte: Disponível em: <http://www.ecosentido.xpg.com.br/nova_friburgo.htm>. Acesso em: 19 out. 2015.

O presente trabalho tem como foco as trajetórias escolares de um grupo específico de alunos jovens de origem rural que estudam no Colégio Estadual X¹⁶ fundado em 1942 e situado no distrito¹⁷ de Mury¹⁸ em Nova Friburgo – RJ. É uma escola considerada urbana pela

¹⁵ Disponível em: <<http://historiadefriburgo.blogspot.com.br/2010/09/mury-quer-pertencer-friburgo.html>> Acesso em: 12 abr. 2016.

¹⁶ Optei por não divulgar o nome da escola, assim como de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa a fim de preservar suas identidades.

¹⁷ Mury tornou-se distrito apenas em 1988 através da lei nº2263, “de autoria do vereador Benício Valladares (...) com terras desmembradas dos 1º, 4º e 5º distritos, abrangendo as localidades de Mury, Debossan, Theodoro de Oliveira e Recanto Folly.” Disponível em: <<http://www.turismoemnovafriburgo.com.br/distritos-de-nova-friburgo>> Acesso em: 07 maio 2016.

¹⁸ Na pesquisa, encontrei a palavra Mury também escrita com i: Muri. Não encontrei a grafia oficial, apenas a explicação que é uma derivação do nome Murith. Sendo assim, optei por escrever Mury conforme os documentos da prefeitura.

SEEDUC localizada em um bairro turístico caracterizado pela sua tranquilidade e proximidade às áreas de matas e do meio rural do município.

O Colégio Estadual X, por se localizar no município de Nova Friburgo, faz parte da Regional Serrana II¹⁹, denominação atribuída pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro - SEEDUC para a área que abrange uma parte das escolas da região serrana do Rio de Janeiro.

Apesar de receber um público basicamente de área rural, o Colégio Estadual X é denominado urbano. Essa classificação, juntamente com a legislação e determinações da secretaria, configura currículos e a estrutura física da escola que é, muitas vezes, oposta às necessidades dos jovens que residem na zona rural e estudam na escola pesquisada. De acordo com informações de funcionários da própria escola, o decreto de fundação que data o ano de 1942 menciona uma “escola rural”, porém no sistema Conexão Educação²⁰, do governo atual, o colégio é caracterizado como urbano. Questionei esta mudança com a direção da escola e com alguns funcionários da Regional, porém ninguém conseguiu me explicar o motivo da troca de escola rural para escola urbana. Conversando com alguns colegas professores elaboramos a hipótese da transformação para a escola urbana ter acontecido devido às próprias mudanças do bairro, como a colocação de asfalto nas ruas, a instalação de um supermercado e o surgimento de vários restaurantes caracterizando Mury como pólo gastronômico da região. Com o passar dos anos, Mury começou a apresentar mais características urbanas que rurais e isto pode ter afetado a denominação dada pela SEEDUC.

O Colégio X é uma escola pequena classificada como nível D pela SEEDUC. Esta classificação interfere na quantidade e valores de verbas recebidas e no número de diretores que a escola pode ter. Esta instituição escolar possui um quantitativo de trinta e cinco (35) professores, uma (1) diretora geral, uma (1) diretora adjunta, uma (1) orientadora educacional, duas (2) articuladoras pedagógicas, um (1) inspetor de alunos, uma (1) secretária, uma (1) auxiliar de secretaria, uma (1) agente de pessoal, um (1) bibliotecário e três (3) funcionários

¹⁹ A partir de 2011, entrou em vigor a nova organização de Regionais Administrativas e Pedagógicas dividindo os municípios do estado do Rio de Janeiro em 14 Diretorias Regionais. A Regional Serrana II com sede em Nova Friburgo engloba os seguintes municípios: Bom Jardim, Cachoeiras de Macacu, Cantagalo, Carmo, Casimiro de Abreu, Cordeiro, Duas Barras, Macuco, Nova Friburgo, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Silva Jardim, Sumidouro e Trajano de Moraes, totalizando 92 escolas. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=375402>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

²⁰ O projeto Conexão Educação é o sistema informatizado da secretaria de educação que permite acesso aos diretores, docentes e alunos com a finalidade de maior rapidez na busca de informações. Disponível: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=374757>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

terceirizados divididos pela cozinha e serviços gerais. Durante esta pesquisa, o Estado não renovou o contrato dos porteiros que também eram funcionários terceirizados.

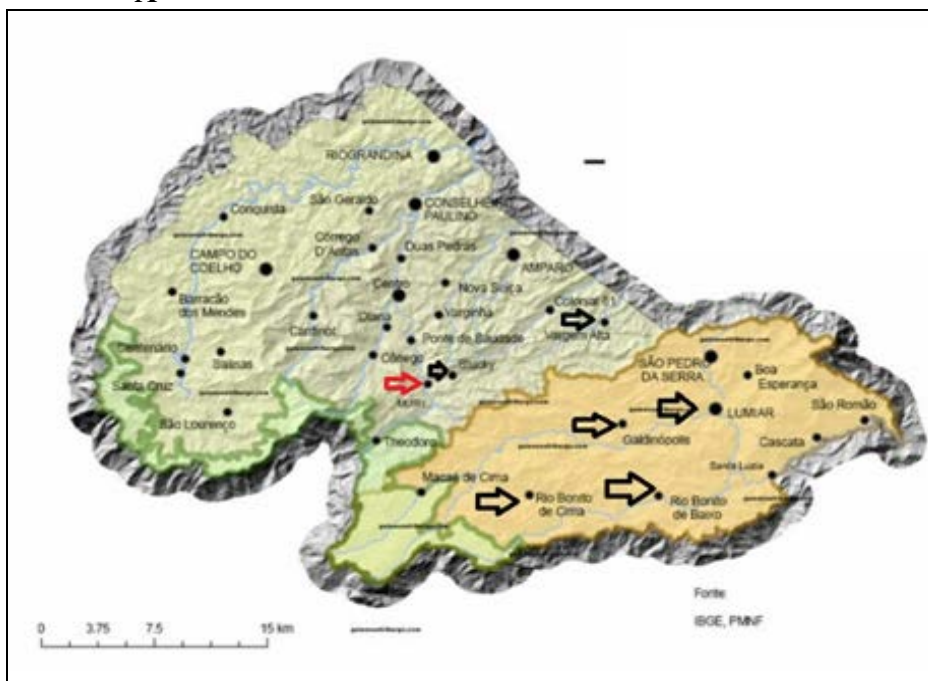
A escola apresenta um total de duzentos e sessenta e nove (269) alunos divididos em dois turnos: duzentos e nove (209) no turno da manhã e sessenta (60) no turno da tarde. No turno da manhã, o colégio tem: quatro (4) turmas de Ensino Fundamental II, 6º ao 9º anos; e cinco (5) turmas de Ensino Médio, sendo duas (2) turmas do primeiro ano, uma (1) turma do segundo ano e duas (2) turmas do terceiro ano. Na parte da tarde, há quatro (4) turmas de Ensino Fundamental II, 6º ao 9º anos; e duas (2) turmas de Ensino Médio, uma (1) turma de primeiro ano e uma (1) turma de segundo ano.

Existe uma disputa pelas vagas do turno da manhã o que explica a diferença na quantidade de matrículas em relação ao turno da tarde. Os estudantes que moram nos bairros mais afastados, como os moradores das localidades de Rio Bonito de Lumiar, Galdinópolis e Vargem Alta, encontram dificuldades nos transportes, pois os ônibus passam em horários determinados limitando o tempo de permanência na escola. Além disso, muitos jovens necessitam estudar neste horário, pois trabalham no período da tarde ou fazem cursos. Desta forma, há uma enorme diferença de movimentação na escola entre os períodos da manhã e da tarde.

A grande maioria dos jovens que estudam no Colégio Estadual X mora nas regiões mais afastadas da escola. Segundo dados da própria escola, do total de alunos, cento e setenta e dois (172) moram em áreas rurais, isto é, sessenta e três por cento (63%) dos estudantes são moradores da zona rural. A região que mais tem alunos é a de Galdinópolis e Rio Bonito de Lumiar com noventa e um (91) estudantes, seguidos do bairro do Stucky com cinquenta (50) estudantes, Lumiar com dezessete (17) estudantes e Vargem Alta com catorze (14) estudantes. No bairro de Mury moram setenta e sete (77) estudantes. Os demais alunos moram no centro e adjacências totalizando apenas vinte (20) indivíduos.

A localização desses bairros em relação à escola pode ser observada na figura abaixo:

Figura 3 - Localização dos bairros de moradia de estudantes do Colégio Estadual X



Fonte: Disponível em: <<http://www.schuindt.com.br/Imagens/ImgMapas.html>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

A seta vermelha apresenta o bairro de Mury onde está localizado o Colégio Estadual X e as setas pretas indicam os bairros em que a grande parte dos estudantes tem suas moradias.

Aqueles que moram mais longe vêm das localidades de Galdinópolis e Rio Bonito de Lumiar, que no mapa acima está dividido em Rio Bonito de Baixo e Rio Bonito de Cima. Estes locais ficam há uma distância de uma hora e meia a duas horas do centro de Friburgo, com acesso à cidade por meio de uma estrada de chão. Estes bairros estão rodeados pela mata atlântica e são destinos de turistas e de moradores sazonais, isto é, aqueles que vivem na região apenas nos finais de semana ou férias. Por isso, há grande concentração de pousadas para receber este público que, por sua vez, emprega a população local. A principal atividade econômica desta região é a agricultura de mandioca e inhame produzida em sítios de pequeno e médio porte. A produção destas leguminosas é tão importante que dá nome a duas festas da região: Festa do Aipim em Galdinópolis e Festa do Inhame em Rio Bonito. Esta é realizada anualmente em homenagem à colheita deste tubérculo e movimenta a comunidade com danças, música, campeonato de futebol e bingos²¹. A localidade de Rio Bonito também é

²¹ Disponível em: <<http://www.novafriburgoagora.com.br/noticia-detahes/rio-bonito-de-lumiar-um-tesouro-de-nova-friburgo-emoldurado-pela-mata-atlantica-voce-conhece-523.html>> Acesso em: 07 maio 2016.

conhecida pelo tradicional Carnaval da Moita²². Todo ano alguns foliões se cobrem dos pés à cabeça com plantas e folhas de várias árvores encontradas na região e brincam de assustar moradores e turistas. A tradição se repete desde os anos de 1980 e é bastante valorizada na região²³.

Outro grupo mora na localidade de Vargem Alta. Este local não é tão distante, localiza-se a vinte quilômetros do centro de Nova Friburgo, mas torna-se de difícil acesso devido à escassez de transporte público. Trata-se de um bairro conhecido pelas plantações de flores como, cravos, rosas e crisântemos. Este bairro é importante para a economia, pois Friburgo é a maior produtora de flores do estado do Rio de Janeiro e a segunda maior do Brasil, perdendo apenas para a cidade de Holambra no estado de São Paulo²⁴.

Os jovens que moram em Lumiar têm a opção de estudar no próprio distrito, pois existe uma escola estadual no local. Contudo, muitos alunos preferem se deslocar até o colégio de Mury por ele estar mais próximo ao centro da cidade aproveitando o tempo após a escola para fazerem cursos e, às vezes, até para passear. Lumiar é um distrito que fica a vinte e três (23) km de Mury e trinta e um (31) km do centro de Nova Friburgo. Trata-se de um bairro mais movimentado que os demais com muitos restaurantes, bares e pousadas. É um local turístico conhecido por sua natureza recebendo muitos visitantes nos feriados e finais de semana. Por este motivo, Lumiar apresenta um centro urbano com posto dos correios, caixa eletrônico, escolas, cartório e imobiliárias que atendem a demanda dos moradores e do grande número de turistas.²⁵ Apesar da história desse bairro remontar à chegada dos suíços no século XIX, Lumiar ficou bastante conhecido a partir da década de 70, quando surgiram diversas comunidades alternativas que buscavam uma vida tranquila em contato constante com a natureza.²⁶

Há também o grupo de moradores do bairro do Stucky. Esse local não é tão distante, mas os moradores têm dificuldades no acesso ao transporte público, devido à pouca oferta de horários de viagens de ônibus. O Stucky foi um dos bairros mais afetados na tragédia que assolou a região serrana em 2011, quando muitos moradores perderam criações, plantações,

²² Ver Anexos, p. 104.

²³ Disponível em:<<https://avozdaserra.com.br/noticias/criatividade-das-fantasia-das-foliao-de-rio-bonito-de-cima-lumiar>> Acesso em: 06 mar. 2017.

²⁴ Disponível em:<<http://avozdaserra.com.br/noticias/as-belas-flores-de-vargem-alta>> Acesso em: 07 maio 2016.

²⁵ Disponível em:<<http://www.lumiaresaopedrodaserra.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

²⁶ Disponível em:<<http://www.turismoemnovafriburgo.com.br/distritos-de-nova-friburgo>> Acesso em 07 maio 2016.

casas e parentes. O bairro apresenta características residenciais com pequenos sítios que produzem agricultura de subsistência e algumas propriedades mais extensas que produzem flores comercializadas na cidade do Rio de Janeiro.

1.2 A oferta de educação rural no Brasil

De acordo com autores que pesquisam os movimentos rurais e suas preocupações com a educação de seus membros, iniciou-se um debate na década de 90 em prol do surgimento e fortalecimento da educação do campo. Segundo alguns autores (ARROYO, 1999; HAGE, 2011; BEZERRA NETO, 2010) a questão da educação do campo se tornou mais presente com o fortalecimento dos movimentos sociais e do aparecimento de políticas públicas que se voltaram para os moradores das áreas rurais.

A história das políticas públicas educacionais voltadas para a educação rural está relacionada ao desenvolvimento da educação no Brasil. No entanto, ações voltadas para uma educação no campo, tanto do Estado quanto dos movimentos populares, têm apresentado estratégias diferenciadas de acordo com cada região. Em muitos locais, a educação rural está presente em poucas unidades escolares com atendimento somente até o Ensino Fundamental.

De acordo com CALAZANS (1993, apud CAMPOLIN, 2000, p.60), desde o século XIX há iniciativas para promover a educação rural no Brasil. Contudo, apenas a partir de 1930 foram elaborados programas a fim de atender este público específico. Nessa época havia uma industrialização crescente e pouco investimento nas áreas rurais, fato que levava muitas famílias a se deslocarem do campo para a cidade com o objetivo de melhores condições de vida.

Campolin (2000) afirma que devido ao êxodo rural brasileiro crescente e aos problemas sociais relacionados a ele, tais como: inchaço das cidades e consequente favelização, violência, dentre outros, o Estado começou a desenvolver projetos que pudessem atender a população das áreas rurais. Assim, a partir da década de 40, do século XX, iniciaram-se vários programas com parcerias entre os Ministérios da Educação e da Agricultura objetivando o desenvolvimento da comunidade e do país. Campolin (2000) reforça esta ideia quando nomeia os programas do governo que surgem neste período com seguintes objetivos:

Campanha Nacional de Educação Rural – CNER, cujos objetivos eram inspirados na UNESCO; o Serviço Social Rural – SSR, com a finalidade de incentivar o cooperativismo, o associativismo, a economia doméstica, artesanato, entre outros; a Campanha de Educação de Adultos, através de Missões Rurais de Educação de Adultos, visando uma ação educativa integral para o soerguimento geral das condições de vida material e social de pequenas comunidades rurais; e a Associação de Crédito e Assistência Rural – ACAR, que inaugura o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural no Brasil. (CAMPOLIN, 2000, p. 61 - 62)

A autora aponta que estes programas propunham uma educação que reforçasse as diferenças entre o mundo rural e o mundo urbano. Desta forma, não ocorreram muitos avanços no campo educacional para a população rural neste período.

As décadas de 60 e 70 foram de avanços e de retrocessos acerca dessa temática. Houve projetos que buscavam a melhoria das condições de vida no campo, principalmente com o surgimento de políticas para a reforma agrária (CAMPOLIN, 2000), mas logo foram suspensos com o golpe militar que depôs o presidente João Goulart no ano de 1964. Um dos sinais desse fato ocorreu com a Superintendência da Política de Reforma Agrária que foi criada em 1962 e substituída pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário em 1964.

Nas décadas seguintes algumas ações foram feitas para a educação rural principalmente em relação à alfabetização de jovens e adultos. O analfabetismo rural demonstrou ser uma preocupação do Estado e de muitos teóricos e pedagogos como Paulo Freire que organizou um método para alfabetizar pessoas que não puderam estudar na idade correta. Paulo Freire (1979, 1980, 1987) mostrou em suas obras que a escola e o ensino para jovens e adultos poderiam ser uma oportunidade para a ação e a transformação da sociedade, possibilitando o desenvolvimento de estudos a partir da realidade vivenciada pelo povo.

Em relação à legislação atual, temos a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – nº 9394/96 nos seus artigos 26 e 28 que fazem referência à educação rural como podemos observar abaixo:

Art. nº 26 - Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base comum, a ser complementada pelos demais conteúdos curriculares especificados nesta lei e, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (...)

Art. nº 28 Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural:

II – organização escolar própria, incluindo adequação ao calendário escolar e às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que

considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (LDB 9394/96)

Ao ler estes artigos, observo que a lei orienta que os municípios tenham autonomia para definirem suas políticas de educação ao considerarem as singularidades e realidades de cada local. Deste modo, a oferta da educação para o público rural, assim como currículos e metodologia, deveria ser elaborada juntamente com a comunidade. Por outro lado, notei que a maioria das propostas de educação rural é para o Ensino Fundamental. Quase não há oferta para Ensino Médio. Isso é possível notar a partir do estudo de caso de Nova Friburgo em que existem poucas escolas de Ensino Médio nas áreas rurais levando o aluno a se deslocar grandes distâncias para estudar.

Além da LDB, o decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, sancionado pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. De acordo com este decreto:

§1º Para os efeitos deste Decreto, entende-se por:

I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e
II - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo.

§ 2º Serão consideradas do campo as turmas anexas vinculadas a escolas com sede em área urbana, que funcionem nas condições especificadas no inciso II do § 1º.

§ 3º As escolas do campo e as turmas anexas deverão elaborar seu projeto político pedagógico, na forma estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação.

§ 4º A educação do campo concretizar-se-á mediante a oferta de formação inicial e continuada de profissionais da educação, a garantia de condições de infraestrutura e transporte escolar, bem como de materiais e livros didáticos, equipamentos, laboratórios, biblioteca e áreas de lazer e desporto adequados ao projeto político pedagógico e em conformidade com a realidade local e a diversidade das populações do campo. (DECRETO 7.352/2010)

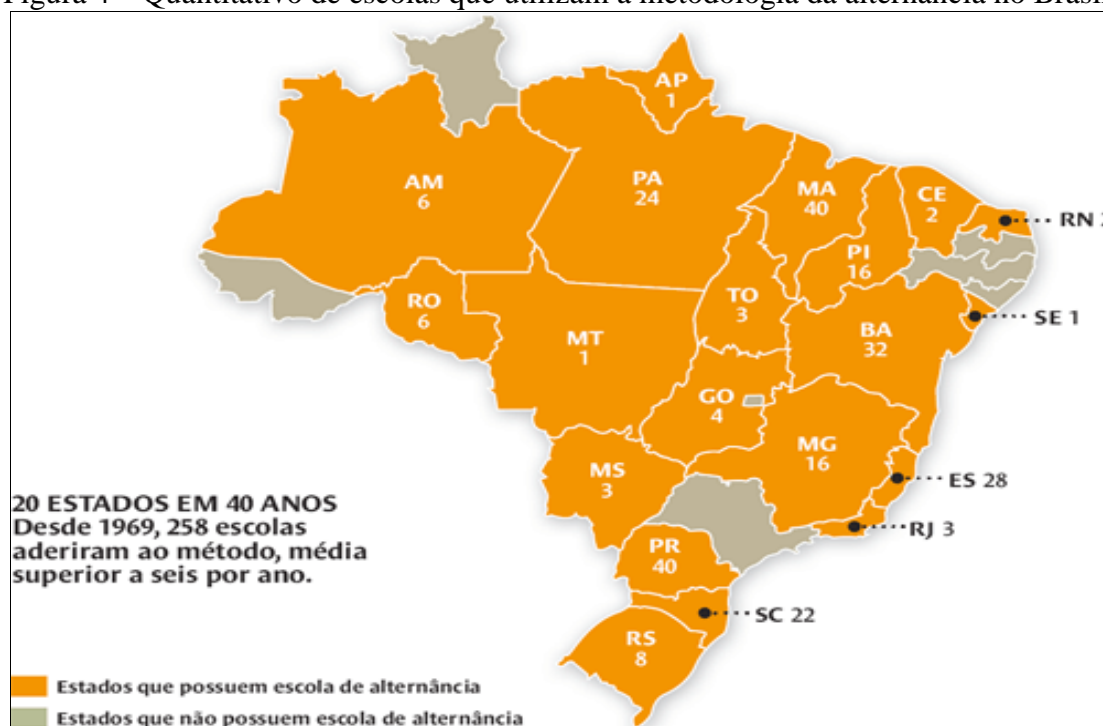
Deste modo, não há necessidade de estar em uma área rural para a instituição escolar ser classificada como escola do campo. O fato do Colégio X estar na cidade, mas atender predominantemente população de áreas rurais ou tenha turmas anexas vinculadas à escolas de área urbana, permite que ele seja classificado como escola do campo. O Colégio Estadual X

apresenta 63% dos alunos provenientes da zona rural, ou seja, mais da metade dos estudantes. No entanto, a comunidade escolar, em nenhum momento, exigiu ou buscou um ensino voltado para a vida no campo. Assim, levantei a hipótese que depois foi confirmada pelas entrevistas concedidas pelos jovens, de que os pais e os estudantes têm a preocupação do estudo como um caminho para uma vida melhor sem as tribulações do mundo do trabalho rural. Com isso, os pais e responsáveis incentivam e apóiam a escola nos moldes urbanos, pois consideram que esta prepara melhor os jovens para passar no ENEM e cursar uma faculdade. Além disso, esse modelo de escola facilita o acesso a um curso de aprendizagem/técnico no SENAI. Portanto, não faz sentido exigir junto à SEEDUC uma educação rural se o público estudantil tem outros anseios em relação a estudo e a trabalho.

Muitos teóricos, entre os quais destaco Paulo Freire, debateram e criaram alternativas de processos educativos que satisfizessem o homem do campo nos seus estudos. Cabe aqui observar que Nova Friburgo não possui presença de movimentos sociais comuns no campo, como o MST, mas possui duas escolas que utilizam a Pedagogia da Alternância, isto é, uma proposta pedagógica e metodológica utilizada no meio rural que alterna períodos em que o estudante frequenta a escola com períodos que permanece em casa. Esta ideia chegou ao Brasil no final da década de 1960 a partir da experiência francesa das *Maisons Familiales Rurales* (grifo meu) que, segundo Cordeiro (2011), tinham o objetivo de diminuir a evasão escolar dos alunos procedentes de áreas rurais que acabavam por abandonar a escola devido à distância e a um currículo que destoava da vida rural.

No Brasil, “o ponto de partida em alternância é a experiência das EFA’s (Escolas Familiares Agrícolas), em 1969 no Estado do Espírito Santo” (CORDEIRO 2011, p. 119). Contudo, ainda segundo a autora, com o passar dos anos foram organizados os CEFFA’s – Centros familiares de Formação por Alternância que reúnem as EFA’s, as CFR’s (Casas Familiares Rurais), as ECOR’s (Escolas Comunitárias Rurais), as EPA’s (Escolas Populares de Assentamentos), o ProJovem Rural (Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais) e as ETA’s (Escolas Técnicas Agrícolas). É importante ressaltar que cada uma destas instituições possui um sistema de alternância diferenciado em relação ao tempo e a permanência na escola. Assim, há aqueles que permanecem uma semana na escola e uma semana na comunidade e outros que ficam três semanas na escola e uma semana na comunidade. Existem também escolas que não oferecem dormitórios e os alunos devem ir e voltar para suas casas todos os dias. Abaixo, apresento o mapa do Brasil com as unidades federativas que possuem escolas que utilizam a metodologia da alternância:

Figura 4 – Quantitativo de escolas que utilizam a metodologia da alternância no Brasil



Fonte: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/salvacao-lavoura-497826.shtml>>. Acesso em: 08 maio 2016.

O Decreto 7.532/2010 também prevê a Pedagogia da Alternância como modalidade para formação de professores, educação básica e educação superior, conforme os artigos abaixo:

§ 2º A formação de professores poderá ser feita concomitantemente à atuação profissional, de acordo com metodologias adequadas, inclusive a pedagogia da alternância, e sem prejuízo de outras que atendam às especificidades da educação do campo, e por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão. (...)

Art. 7º No desenvolvimento e manutenção da política de educação do campo em seus sistemas de ensino, sempre que o cumprimento do direito à educação escolar assim exigir, os entes federados assegurarão:

- I - organização e funcionamento de turmas formadas por alunos de diferentes idades e graus de conhecimento de uma mesma etapa de ensino, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental;
- II - oferta de educação básica, sobretudo no ensino médio e nas etapas dos anos finais do ensino fundamental, e de educação superior, de acordo com os princípios da metodologia da pedagogia da alternância; e
- III - organização do calendário escolar de acordo com as fases do ciclo produtivo e as condições climáticas de cada região. (DECRETO 7.532/2010)

Cordeiro (2011) afirma que a Pedagogia da Alternância surge como uma metodologia a fim de manter o aluno na escola sem tirá-lo de sua vida rural. Este método é utilizado em algumas escolas do estado do Rio de Janeiro permitindo que o aluno fique uma semana estudando na escola, geralmente em horário integral, e na outra semana na propriedade da

família auxiliando na produção. Os resultados desta pedagogia foram: menores taxas de evasão escolar da população rural e, principalmente, uma formação mais direcionada para o homem do campo considerando suas ideias e modos de vida.

Em Nova Friburgo há os CEFFA's: Colégio Municipal CEFFA Flores de Nova Friburgo na localidade de Vargem Alta; Colégio Municipal CEFFA Rei Alberto I e o Colégio Estadual CEFFA Rei Aberto I no bairro de Salinas. Esta última escola é administrada tanto pelo município oferecendo o Ensino Fundamental quanto pelo o estado, ofertando o Ensino Médio.

O bairro de Salinas fica distante de Mury enquanto que a localidade de Vargem Alta encontra-se nas proximidades, tanto que o Colégio Estadual X tem muitos alunos que moram na região e já estudaram no CEFFA Flores. Conversando de maneira informal com os jovens pesquisados, muitos me relataram que desistiram de estudar “na alternância” por acharem que era muito difícil. A princípio, eles tinham a ideia de que permanecer uma semana em casa seria muito bom. No entanto, nesta semana com a família, o aluno não permanece à toa e deve pôr em prática projetos e fazer roteiros de estudos em casa. Os alunos com quem eu conversei desistiram porque não conseguiam cumprir os prazos e voltavam para a escola sem terem realizado as atividades. Alguns disseram que a escola de ensino regular é mais fácil mesmo que tenha que ir todos os dias. Nenhum mencionou o fato do currículo e as estratégias pedagógicas da escola de ensino regular urbana ser diferente daqueles utilizados pela escola de alternância rural.

Outro fato que chama atenção é que estes jovens não têm pais escolarizados, pois muitos dos responsáveis não chegaram a completar o Ensino Fundamental. Isto indica que esses estudantes não recebem ajuda da família no momento de fazer as lições de casa, delegando essa tarefa à escola. Talvez por esse motivo preferiram estudar na instituição de ensino regular, como o Colégio Estadual X, que as escolas com metodologia da alternância. A prática de projetos e de pesquisar roteiros de estudo em casa necessita do apoio de ferramentas, como computadores e internet, mas também de uma pessoa que possa ajudar no trabalho. Tal situação fica difícil quando os familiares não possuem estudo nem tempo para realizar essas atividades com os estudantes, resultando em desânimo e uma possível desistência.

Esta ideia se aproxima do pensamento de Pierre Bourdieu quando ele pensa a noção de capital cultural. Trata-se de um poder que tem origem na posse, na apreciação ou consumo de

bens culturais socialmente dominantes. Para Maria Alice Nogueira (2014), Bourdieu utiliza o termo capital cultural por analogia a capital econômico e explica que:

[...] o indivíduo que domina, por exemplo, o padrão culto da língua (...) beneficia-se de uma série de vantagens sociais. O domínio da língua culta funciona como uma moeda (um capital) que propicia a quem o possui uma série de recompensas, seja no sistema escolar, seja no mercado de trabalho, seja até mesmo no mercado matrimonial. (NOGUEIRA, 2014, p. 35)

De acordo com Bourdieu (2014b), entender o que é capital cultural é indispensável para a compreensão do desempenho escolar e sua relação com a classe social dos indivíduos. Para o sociólogo francês (BOURDIEU, 2014b), há três estados de capital cultural que auxiliam na compreensão das desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos procedentes de diferentes classes sociais. Assim:

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, (...) e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2014b, p. 82)

Nesse sentido, para o autor, o capital cultural em seu estado incorporado pressupõe estar ligado ao corpo, isto é, como parte integrante do indivíduo. Caracteriza-se por não poder ser transmitido por compra ou mesmo troca e termina quando seu portador morre. Além disso, está relacionado ao que o indivíduo se apropria “(...), ou seja, habilidades linguísticas, postura corporal, crenças, conhecimentos, preferências, hábitos e comportamentos relacionados à cultura dominante, adquiridos e assumidos pelo sujeito.” (NOGUEIRA, 2014, p.35) Portanto, esse estado está ligado à convivência em família e ao que esta proporciona para seus membros, pois quanto mais cedo o sujeito inicia a acumulação de capital cultural com tempo livre para isso, mais ele pode incorporar.

O capital cultural em seu estado objetivado se refere à propriedade de objetos valorizados, tais como livros e obras de arte, e de certa forma, está relacionado com o estado incorporado. Isto porque para ter acesso a determinado objeto há a necessidade de adquirir certos conhecimentos. Para se apropriar de algo material, além do capital cultural incorporado, é preciso o capital econômico. Neste caso, aquelas pessoas pertencentes às classes sociais com menor poder aquisitivo não possuem condições de usufruírem de muitos bens nem de garantir acesso a conhecimentos. Sem recursos financeiros não é possível

realizar passeios por lugares históricos, conhecer culturas diferentes, estudar línguas ou até mesmo maior dedicação aos estudos.

O capital cultural em seu estado institucionalizado diz respeito à certificação, isto é, “(...) à posse de certificados escolares, que tendem a ser socialmente utilizados como atestados de certa formação cultural” (NOGUEIRA, 2014, p. 35). Assim, o reconhecimento institucional por meio de um diploma confere ao indivíduo um valor em relação à cultura e à sua posição na sociedade.

Os estudantes das escolas públicas por não terem capital cultural nem econômico, não têm acesso a conhecimento socialmente valorizado e construído a partir de viagens, exposições, livros, filmes, cursos de línguas e outros. Além disso, a maioria deles não tem o apoio de suas famílias no momento das tarefas escolares, o que na Pedagogia de Alternância é fundamental. Acredito que o fato dos jovens terem afirmado que a escola era “difícil” e por isso preferiram a escola de ensino regular, tenha sido pela falta de apoio e estrutura para o estudo em suas casas.

Outra questão que pode interferir na opção por escolher escolas de ensino regular ou de Pedagogia de Alternância é o período que o aluno permanece no colégio durante o ano letivo. Na escola de alternância CEFFA Flores as semanas são intercaladas com estudo na instituição e pesquisas em casa, ou seja, durante a semana na escola, os alunos permanecem em horário integral retornando ao final do dia para suas casas e na outra semana, levam para suas residências as atividades e projetos para colocarem em prática. O período de estudo nas escolas de ensino regular também é extenso: os estudantes devem comparecer todos os dias optando pela manhã, tarde ou noite.

Cabe aqui observar que o tempo para se completar o ensino básico é de no mínimo catorze anos que podem ser vistos de forma negativa por famílias que necessitam da mão de obra de seus filhos. Há de se compreender que o tempo para a escolarização pode ser considerado longo para os estudantes da classe trabalhadora que precisam ajudar nas despesas familiares. Portanto, passam a não serem considerados alunos ideais por não se dedicarem aos estudos como deveriam.

Tânia Dauster (1996) aponta que esta é uma questão que atravessa a vida da classe trabalhadora já que ela é obrigada a colocar suas crianças cada vez mais cedo no mercado de trabalho. A autora trabalha com a ideia de infância de curta duração, isto é, uma passagem prematura e forçada para a vida adulta. Geralmente ocorre com aqueles jovens que começam a trabalhar muito cedo e deixam de se dedicar aos estudos para terem responsabilidades de

adulto. Tal fato se contrapõe às crianças e jovens de classes mais abastadas que podem disponibilizar seu tempo apenas para sua formação intelectual e profissional e, desse modo, contam com uma infância de longa duração, que é adequada ao modelo de escola no nosso sistema de ensino.

1.3 As fronteiras entre o rural e o urbano

Ao desenvolver esta pesquisa junto a um grupo de jovens estudantes de Ensino Médio de origem rural, surgiu a necessidade de especificar alguns conceitos que irão permear este estudo. O termo rural, por exemplo, cabe ser compreendido, pois seu significado faz referência ao campo, próprio do campo; agrícola, campestre: vida rural.²⁷ No entanto, apenas este conceito não alcança o entendimento sobre o que é rural e sobre os jovens que estão relacionados a ele. Há inúmeros significados de acordo com a região e com a posição dos sujeitos na hierarquia social das áreas rurais. Isto se explica, por exemplo, no uso da terra e dos meios de produção, pois o agricultor nem sempre é o dono das terras em que trabalha, ocupando, muitas vezes, a função de assalariado.

De acordo com Maia e Buainain (2015), houve uma mudança significativa no quantitativo da população rural a partir da década de 70. Assim, “entre 1970 e 2010, a população rural caiu de 44% para 15,6%, o que qualifica a velocidade do processo de urbanização no Brasil.” (MAIA E BUAINAIN, 2015) Isto pode ser explicado por vários motivos, dentre estes, as mudanças na estrutura familiar com a queda da natalidade e a fragmentação das famílias. Além disso, a modernização da agricultura e a desigualdade no acesso à terra levou parte da população a migrar para os centros urbanos em busca de melhores oportunidades de emprego e renda. Desta forma, a cidade tornou-se um polo de atração para os jovens que vivem do campo. Por sua vez, os centros urbanos sem terem um planejamento adequado, passaram a ser aglomerados populacionais com acentuada desigualdade social e baixa qualidade de vida. Segundo Camararo e Abramovay (1999, apud MAIA E BUAINAIN, 2015), dentre a quantidade de pessoas que saem do campo em direção à cidade, a parcela de jovens é a mais significativa, entre estes, percebe-se um grande número

²⁷ Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/rural/>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

de mulheres. Brumer (2007) reforça este dado ao afirmar que ocorre a masculinização do campo, pois há poucas atribuições para as mulheres nas atividades rurais. Segundo a autora:

Assim como existem diferenças nos processos de socialização e nas oportunidades de inserção na atividade agrícola para rapazes e moças, eles e elas diferenciam-se também nas representações sobre a vida no meio rural, sendo as moças mais críticas e com posições mais negativas do que os rapazes. (BRUMER, 2007, p. 39)

Sendo assim, há uma desvalorização das atividades que as mulheres desempenham na agricultura familiar, muitas permanecendo em atividades domésticas ou em pequenos cuidados com a criação. Ou ainda trabalhando na produção agrícola quando a família necessita. Alguns dados encontrados nessa pesquisa, afirmam o que é demonstrado na literatura, quando por exemplo apenas um rapaz entrevistado afirma que faz tarefas domésticas, enquanto os outros cinco afirmam que quem cuida da casa é a mãe. Outro fato que chama atenção é que as quatro moças entrevistadas não exercem atividades na produção rural. Quando trabalham, é na faxina na casa de parentes ou de veranistas e nas confecções de moda íntima.

Outro fator que movimenta a mudança do campo para a cidade é a busca por maior escolarização. Muitos jovens almejam continuar ou aprimorar seus estudos e, por isso, optam por morarem nas cidades a fim de estarem mais próximos das universidades e locais para estágios e empregos. Maia e Buainaim (2015) acrescentam que:

Como consequência da migração seletiva nas áreas rurais, com o fluxo predominante de jovens mais escolarizados e do sexo feminino, vem se intensificando o processo de envelhecimento e a masculinização da população rural, comprometendo a reprodução das famílias e da sociedade rural “tradicional”. (MAIA e BUAINAIM, 2015)

Assim, o envelhecimento da população rural, bem como a maior presença de homens do que mulheres, tem modificado a estrutura social do campo levando a um menor crescimento desta população. As famílias que permanecem no campo estão se tornando menores, o que poderia levar a uma mudança na distribuição de funções dentro das famílias, contudo, os dados da pesquisa aqui apresentados não confirmam algumas dessas análises.

Outro conceito necessário para a compreensão deste trabalho é o de franja rural-urbana ou periurbanização. Consiste em um elemento de transição entre dois espaços: urbano e rural. De acordo com Maia e Andrade (2016):

[...] à medida que o espaço urbano é expandido, automaticamente se expandem suas redes de influências para áreas periféricas modificando muitas vezes a dinâmica presente nos territórios usurpados pela urbe, porém algumas áreas podem apresentar

resistência a nova dinâmica proposta pela expansão da cidade são as chamadas franjas rurais-urbanas. (MAIA E ANDRADE, 2016, p.160)

Trata-se, portanto, de um fato recorrente na dinâmica da urbanização das cidades. Silva (2011 apud MAIA E ANDRADE, p. 161) afirma que “franja urbana pode ser conceituada como produto do processo de periurbanização espacial e das modificações na dinâmica do território causadas pela expansão e influência da cidade”. Isto ocorre devido à necessidade de incorporar áreas periféricas que estão ao redor das cidades a fim de atender às necessidades econômicas e de espaço da população.

De acordo com Maia e Andrade (2016), a relação urbano-rural caracteriza-se por ser contínua. Contudo, apesar da coexistência entre o urbano e o rural, o campo é subordinado à cidade. Pode-se observar isto com a escolha dos produtos a serem cultivados no campo a partir da demanda da população urbana. Além disso, a cidade dita a moda e apresenta novas tecnologias, como a internet e os programas de televisão, que acabam por influenciar a dinâmica da vida do indivíduo que mora no campo, principalmente do jovem. Desta forma, práticas sociais e culturais que antes existiam apenas no espaço urbano, passam a fazer parte do cotidiano de quem mora no campo. Não há como ignorar a proximidade física entre campo e cidade, nem os ideais e práticas culturais e sociais semelhantes entre estes dois locais.

Observo esta situação em Nova Friburgo quando, em um passeio pela Avenida Alberto Braune²⁸ no centro da cidade, reparo em senhores com chapéus e vestimentas utilizados em trabalhos rurais caminhando e conversando com outros senhores que apresentam roupas e posturas de trabalhadores urbanos. Ou ainda quando em uma sala de aula observo o modo de falar peculiar de moradores do campo convivendo simultaneamente com hábitos de moradores da cidade e percebo que, mesmo com diferenças nas pronúncias de algumas palavras e colocação de frases, todos interagem e conversam sobre os mesmos assuntos. Esta situação caracteriza-se pelo fato de campo e cidade estarem cada vez mais próximos, não sendo possível apenas separá-los em conceitos que se opõem.

Rocha et al (2005) afirmam que: “O conceito de urbanidade implica que se encare a distinção urbano-rural como um *continuum* e não como uma dicotomia.” Isto porque quando a maior parte da população vivia em zonas rurais esta dicotomia campo – cidade era coerente nos discursos teóricos sobre o assunto. No entanto, quando ocorre o inverso e a urbe passa a ter maior concentração de pessoas e, conseqüentemente, tem uma expansão territorial em direção ao que era zona rural, a oposição campo – cidade deixa de fazer sentido. Para os

²⁸ Principal avenida da cidade. Disponível em: <<http://avozdaserra.com.br/noticias/das-maos-que-construiram-nossa-historia-um-homem-chamado-alberto-braune>> Acesso em: 18 mar. 2017.

autores, na atualidade há uma dificuldade de precisar “onde acaba o urbano e onde começa o rural?” (ROCHA ET ALL, 2005) Desse modo, pode-se dizer que, antes da industrialização e da modernidade em si, era fácil delimitar o que era cidade e o que era campo apenas pelas paisagens e modo de vida de seus habitantes, o que não ocorre na sociedade contemporânea.

Salgueiro (1992, apud ROCHA ET ALL, 2005), analisa estas mudanças da seguinte forma:

Cada vez mais se vem verificando uma difusão gradual do modo de vida urbano pelo território, invadindo os lugares mais recônditos e inimagináveis. Conduzida pela rádio, televisão, telefone, auto-estradas, e mais recentemente pelas novas tecnologias de informação (fax, internet, etc.), e pelas pessoas, onde se destaca o papel dos migrantes, a informação e as inovações que decorrem no mundo vão possibilitar a difusão do modo de vida urbano a uma escala tal, que leva ao desaparecimento do “rural puro”. (ROCHA ET AL, 2005)

Esta citação é consonante com o que foi dito anteriormente sobre a influência da cidade na dinâmica da vida dos moradores do campo. O modo de vida urbano se espalha assim como seus limites físicos que deixam de delimitar o fim de uma área e início de outra. A zona rural se assemelha cada vez mais a área urbana, transformando-se no *continuum* urbano-rural. (ROCHA ET ALL, 2005)

Ao observar este fato com os jovens entrevistados nessa pesquisa, percebi que, apesar de morarem em áreas rurais, eles apresentam um modo de vida semelhante aos jovens que moram nas cidades. Tanto nas opções de lazer e gostos musicais, quanto nas escolhas do trabalho. A maior parte dos jovens estudantes entrevistados relatou que trabalha ou deseja trabalhar com empregos considerados urbanos, como: estética, magistério, construção civil, fisioterapia e comércio. Isto exemplifica uma aproximação com o estilo de vida urbano, que é difundido e se sobrepõe ao meio rural.

Segundo Maria José Carneiro (2007) há uma intensa comunicação entre a cidade e o campo, que modifica a análise do jovem que reside na área rural, “não apenas da atração que a cidade e seus bens materiais e imateriais exercem sobre eles como também, na direção oposta, em face da revalorização do meio rural por segmentos da população urbana.” (CARNEIRO, 2007, p. 53) Para a autora, os jovens de residência rural são indivíduos que transitam em áreas urbanas e rurais, mas mantêm residência na zona rural.

Desta forma, o cenário rural se modifica e passa a incluir indivíduos de origem urbana e residência rural, como também indivíduos de origem rural e residência urbana que seriam aquelas pessoas que trabalham e/ou estudam na cidade, ou até mesmo têm algum tipo de lazer na zona urbana, mas moram em áreas rurais. Não há como ter a convivência em um local sem

levar as experiências para o outro. Sendo assim, o modo de vida do sujeito que vive no campo é afetado pelo que vive na cidade mais do que seu oposto, pois como já foi mencionado, os programas de televisão, a internet e as redes sociais fazem o papel de transmitir o modo de vida da cidade com maior força alcançando um número maior de pessoas.

De acordo com Maia e Andrade (2016) a proximidade com a cidade permite também mudanças no modo de viver e nas opções de trabalho de quem mora no campo. Para os autores:

[...] cada vez aumenta no campo a influência de elementos característicos do urbano não apenas relacionados a tecnologias como também na relação com o espaço rural em que antes, toda família trabalhava na terra e agora os mais jovens buscam o mercado de trabalho na cidade. Observando estas modificações na relação rural urbano entendem-se as franjas rurais como áreas frágeis e vulneráveis a extinção a curto ou médio prazo. (MAIA E ANDRADE, 2016, p. 162)

Segundo os autores, estas áreas rurais tendem a se acabar, tornando-se zonas urbanas. Outro ponto importante é que, apesar da importância da área rural, esta, por muitas vezes, é vista como um espaço de atraso, esquecido pelo poder público e depreciado por quem mora na zona urbana. Tal fato é citado pelos entrevistados desta pesquisa que apontam as dificuldades que vivenciam por morarem na zona rural de Nova Friburgo. Os problemas apontados, como poucos ônibus e ausência de internet, são vistos como obstáculos para a permanência na zona rural. Neste caso, a ideia da busca por uma vida melhor pode significar o ideal de troca de residência do campo para a cidade.

1.4 O jovem rural e o jovem urbano no currículo

Penso, nesta pesquisa, a educação como um ato político em que os atores sociais se manifestam defendendo seus pontos de vistas estendendo-os para a formação pedagógica e para o ambiente fora da escola. Dessa forma, a educação se caracteriza por não ser neutra já que teorias e ideias perpassam a fala das secretarias, dos currículos e dos professores alcançando a formação do aluno.

Paulo Freire (1996) afirma que a educação é um ato político e humano em que sujeitos aprendem e também ensinam estabelecendo uma troca de conhecimentos. Portanto, ela jamais pode ser neutra, na medida em que é uma extensão daquele que ensina e daquele que aprende. Para Paulo Freire “(...) não há docência sem discência, (...) Quem ensina aprende ao ensinar e

quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.” (FREIRE, 1996, p. 23) Assim, neste jogo dialético percebe-se que não há neutralidade na educação, sendo o conhecimento construído a partir da formação e relação do sujeito com o mundo onde vive.

A fim de compreender esta situação, utilizo Paulo Freire (1996) novamente com o objetivo de pensar a educação como prática humanizadora, favorecendo o diálogo e as discussões que problematizam questões vivenciadas neste espaço escolar desvelando as contradições da escola e dos grupos que a frequentam. Desta forma, torna-se importante tentar compreender as interações e não interações neste universo escolar em que o rural e o urbano se encontram. Neste caso, a localização da instituição escolar e a origem social dos estudantes deveriam servir como modelo para analisar se a escola está preocupada com a formação integral de um sujeito crítico e consciente da realidade em que vive.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, “identidade é aquilo que se é.” (SILVA, 2014, p. 74) Aquilo que define o ser e que é produzido pelo próprio ser humano a partir das suas relações sociais e culturais. Para Silva, a identidade não é “do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social.” (SILVA, 2014, p. 76) Desta forma, ao definir uma identidade rural e uma identidade urbana pressupõe-se que existam elementos inerentes à sociedade e a cultura que possam caracterizar a formação de determinado indivíduo. Desse modo, o currículo escolar contribui para a formação das identidades dos indivíduos no interior do sistema de ensino.

Sendo assim, percebo que no ambiente escolar pesquisado há duas identidades que divergem em muitos aspectos. Contudo, a identidade rural não parece ser aceita quando ela não está presente nos currículos escolares, nos projetos, na formação do professor e na própria organização de horários da escola.

A construção do currículo²⁹ e a própria formação do professor destoa dos objetivos que estes estudantes buscam para suas vidas. As escolas estaduais visam resultados em avaliações externas (Enem, Prova Brasil, SAERJ, SAERJINHO) e, por isso, se ocupam de conteúdos, fundamentados em um currículo mínimo, que preparam os alunos para serem aprovados nestas provas. Da mesma forma, o docente que serve como um “preparador” de alunos, se ocupa, muitas vezes, da transmissão de conteúdos sem relacioná-los às experiências e objetivos de vida daquele público específico.

²⁹ Desde 2010 a SEEDUC oferece orientações curriculares que devem ser seguidas pelos professores. Estas propostas foram a base para o Currículo Mínimo que foi estabelecido em 2011 na rede estadual do Rio de Janeiro.

Outro ponto capaz de influenciar as políticas públicas educacionais é que no ano de 2015, iniciou-se um processo de mudança na base curricular da educação básica: trata-se de um debate para se discutir a Base Nacional Comum Curricular. O texto foi elaborado pelo Ministério da Educação e submetido à consulta pública para possíveis modificações durante o ano de 2016³⁰. Este documento visa à padronização de pelo menos 60% do currículo da educação básica, isto é, parte dos conteúdos seria igual independente do contexto social de cada escola e estudantes.

A situação descrita acima ocorre no Colégio Estadual X que, por ser da rede estadual, tem que seguir estas determinações. Contudo, ao trilhar esta linha de pensamento, a escola possui um discurso desigual, pois propaga a fala dominante beneficiando um determinado grupo de jovens em detrimento de outro. Assim, os processos educativos reproduzem o *status quo* da sociedade, isto é, a escola defende o estudo como alternativa à vida no campo de forma que “o melhor” para o jovem é estudar com um currículo que permite entrar em uma faculdade e o prepara para viver em uma realidade que difere bastante da vivida por ele com sua família na área rural.

Os professores, assim como a escola, não são preparados para atender este público que, em sua maioria, chega ao final do Ensino Médio, quando consegue terminar este ciclo, sem entender o porquê do estudo e de sua aplicação em sua vida. Desta forma, não há uma preocupação na elaboração de uma escola que seja voltada para o modo de vida e trabalho daquele público específico, no caso o jovem que vive no meio rural.

Também não há, por parte da Secretaria Estadual de Educação, um jeito de facilitar o acesso à escola para esse grupo de jovens. Como já mencionei, os moradores de Rio Bonito de Lumiar enfrentam de uma hora e meia a duas horas de viagem, sendo boa parte em estrada de chão, até chegarem à escola. Os moradores de outros bairros rurais, como Stucky e Vargem Alta, não possuem ônibus com frequência. Tal situação leva a escola a fazer certas concessões na entrada e saída dos alunos a fim de facilitar a vida deles. Assim, a tolerância do horário de entrada das aulas é maior para estes estudantes. Da mesma forma o horário de saída que é antecipado devido ao ônibus.

Há baixa autoestima nos responsáveis dos alunos, denominada por Pierre Bourdieu (2014a) de interiorização do possível. Muitos não estudaram e vêem no professor um indivíduo melhor preparado que eles para lidar com a escolarização de seus filhos, o que justifica parte da transferência de responsabilidade pelo acompanhamento do estudo para o

³⁰ Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 12 dez. 2015.

professor (THIN, 2006). Na maioria das vezes os responsáveis são mães e avós que trabalham e não dispõem de muito tempo para irem à escola participar da vida escolar de seus filhos. Muitos se envergonham de não terem estudo e se mostram acanhados por acharem que não sabem se comportar naquele ambiente. Isto interfere no diálogo escola-família já que não há trocas entre a equipe pedagógica e os responsáveis pelos jovens rurais.

Para Daniel Thin (2006), há outro fator entre escola e família: modos de ver e viver diferentes. Assim:

As relações produzidas pela escolarização colocam face a face seres sociais cujas práticas socializadoras são muito diferentes, até contraditórias, entrecidas por lógicas antinômicas: de um lado, os professores, cujas lógicas educativas fazem parte daquilo a que se chama “modo escolar de socialização; de outro, as famílias populares, com lógicas socializadoras estranhas àquelas outras. (...) Por intermédio dos alunos – comportamento, atenção, desatenção, adesão às regras da escola, tipo de vestuário, objeto de conversas em sala de aula etc. –, os professores vão criando uma representação das práticas e do modo de vida das famílias. (THIN, 2006, p.19)

Com isso, o conflito inerente na relação entre jovens de camadas populares e escola se apresenta nas diferentes lógicas voltadas para a escolarização, tanto dos professores, quanto dos alunos. Estes últimos trazem para a escola suas maneiras de pensar e agir que representam a maneira como vivem suas famílias. Isto contrapõe às práticas da escola/professores que, muitas vezes, criticam e não compreendem as atitudes dos alunos. Não há uma preocupação em tentar entender o porquê de ações “estranhas” às praticadas nas escolas.

De acordo com Thin (2006), segundo a escola, as práticas das famílias de camadas populares são inadequadas à escolarização do jovem que não compreende o discurso da escola. Desta forma, há a necessidade de entender esta relação e perceber que o modo escolar se impõe na formação do aluno. Os currículos, práticas e o ideal de estudo da escola prevalece sobre a compreensão e a bagagem cultural e social da família. A escola defende a lógica de anos de escolarização sem considerar o contexto sociocultural dos alunos. Os anseios de um público de origem rural podem até ser semelhantes àqueles de jovens da área urbana, contudo, o modo de vida é diferente. Muitos alunos não podem permanecer no contra turno, pois precisam auxiliar suas famílias na lavoura ou têm o compromisso de trabalho em jardins, mercados ou confecções de moda íntima. Existe a necessidade de contribuir para a renda familiar e, deste modo, a dedicação ao estudo deve ser dividida com essas atribuições. Outro fator é o próprio horário do ônibus que não permite que a aula se estenda muito além. Se os alunos que moram na localidade de Rio Bonito de Lumiar, por exemplo, perderem o ônibus de 12h20, o próximo será às 13h20. Se os alunos tiverem que pegar este ônibus, não chegam a tempo de cumprirem suas tarefas, pois são quase duas horas de viagem até a localidade citada.

Com isso, a escola é obrigada a liberá-los antes do tempo para não prejudicá-los. Por diversas vezes, isto gera conflito entre professores e alunos: os primeiros demoram a compreender que os alunos necessitam sair antes da aula terminar. Algumas vezes a equipe teve que interceder, senão os estudantes sairiam prejudicados.

Martins (2015) salienta que há uma visão do sujeito que vive no campo como um indivíduo com saberes de menor valor em relação ao homem da cidade. Assim, “raramente se pensa no homem do campo como preservador e criador de cultura, como agente dinâmico do processo social e cultural. É quase sempre concebido como um passivo à espera do messias cultural que vai educá-lo, “civilizá-lo”.” (MARTINS, 2015) Tal citação caracteriza a pessoa que habita a área rural como passiva, ou seja, como alguém que apenas aguarda as ideias e conhecimentos da cidade para construir sua vida. Isto vai ao encontro com um pensamento muitas vezes comum que desvaloriza os saberes e os desejos deste público, expresso nas políticas públicas educacionais contemporâneas do estado do Rio de Janeiro.

Além disso, o jovem rural é apontado ou confundido muitas vezes como apenas um trabalhador, isto é, um ser que é identificado como realizador e repetidor de tarefas sem a capacidade intelectual de criação, de modificação da sua própria realidade.

Pierre Bourdieu (2012a) afirma que há um conflito entre os campos: província x capital, o que no Brasil poderia ser colocado como rural x urbano. Assim, os indivíduos que ocupam posições nestes lugares apresentam objetos de disputa que os caracterizam como pessoas pertencentes a estes locais. Tal apropriação também está ligada a ter ou não propriedade sobre o capital. Deste modo, valoriza-se o urbano e aqueles que pertencem a classes sociais mais abastadas, enquanto os habitantes da zona rural são colocados em segundo plano, principalmente se desprovidos de poder econômico. Para o autor:

[...] os que não possuem capital são mantidos à distância, seja física, seja simbolicamente, dos bens socialmente mais raros e condenados a estar ao lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros. A falta de capital intensifica a experiência da finitude: ela prende a um lugar. (BOURDIEU, 2012a, p. 164)

Assim, o capital tem a função de afastar ou aproximar indivíduos e espaços, além de definir o que é ou não desejável. O lugar possui a característica de segregar ou incluir o indivíduo. Tal fato está de acordo com outro conceito de Pierre Bourdieu: a dominação por meio do capital, tanto o econômico, quanto o cultural ou social. Tratam-se de conceitos capazes de levar a compreensão acerca das disputas de conhecimento e de posição social. Isto porque, segundo o autor, as classes mais abastadas, além do poderio econômico, têm maior acesso ao capital cultural e social. Assim, os indivíduos pertencentes a estas classes possuem

meios e tempo para usufruírem de bibliotecas, teatros, museus, viagens, etc., diferentemente dos jovens das classes mais baixas, ou moradores de áreas rurais que, muitas vezes, buscam apenas a sobrevivência.

Tal situação é observada nas escolas públicas em que a grande maioria de estudantes é oriunda da classe trabalhadora. No Colégio Estadual X não poderia acontecer diferente, pois os jovens que o frequentam não possuem o capital cultural e social solicitado pelo sistema de ensino. Desta forma, percebe-se como a distribuição deste capital entre classes e frações de classes interfere no desempenho escolar.

Libâneo (2012) fortalece esta ideia quando afirma o agravamento da disparidade da educação oferecida desigualmente para ricos e aquela destinada aos pobres. Para este autor, as políticas educacionais atuais seguem a cartilha das forças econômicas que gerem as grandes potências mundiais, como o Banco Mundial, por exemplo. Assim, percebe-se que muitas ações dos governos, seja o federal ou o estadual, não consideram as realidades da escola, mas sim o que a economia mundial estabelece e requisita dos sistemas de ensino.

Cordeiro (2013) também ressalta esta modificação da estrutura escolar enfatizando o fechamento de uma grande quantidade de escolas rurais no estado do Rio de Janeiro. Esta ausência de preocupação em relação à educação ofertada à população rural representa mais que um descaso, isto é, traz a ideia de uma luta política e ideológica por territórios em que os sujeitos da área rural perdem seus espaços para a área urbana. De acordo com Cordeiro (2013), apesar de existirem ações do Governo Federal e de movimentos sociais, as práticas das secretarias de educação estaduais e municipais demonstram o contrário, já que muitas escolas rurais são fechadas no estado. Tal fato se aproxima do caso do Colégio Estadual, apresentado nesta pesquisa, que é procurado pela comunidade rural como alternativa para o prosseguimento dos estudos de seus filhos, pois não há outras escolas nas proximidades de suas residências que ofereçam Ensino Fundamental II e Médio. Com isso, os jovens da zona rural passam a frequentar uma escola com características e currículos pautados na cultura urbana que não consideram suas características e modos de vida.

2 O OLHAR SOBRE OS JOVENS: A OPÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Com a finalidade de analisar as trajetórias escolares de jovens do meio rural em uma escola urbana, busquei um referencial teórico e metodológico capaz de me dar suporte e segurança na condução de minha investigação. O ato de pesquisar se caracteriza por ser uma atividade social, portanto, tanto pesquisador quanto pesquisado, mantêm relações a partir dos contextos históricos, sociais, culturais e econômicos em que vivem. Assim, são capazes de influenciar e serem influenciados com seus pensamentos e ações. Bourdieu (2012b) reafirma esta ideia quando sustenta que:

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma relação social que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos. (BOURDIEU, 2012b, 694)

Eu comecei a trabalhar como professora na escola pesquisada no ano de 2010 e recorro que fiquei surpresa quando soube do quantitativo de alunos que moravam em áreas rurais e percorriam grandes distâncias para estudar. Observei, logo na primeira semana, que muitos alunos tinham que sair antes do término da aula para não perderem o ônibus. Notei que alguns alunos mostravam desânimo para o estudo. Alguns pelo cansaço, outros por não gostarem de estudar. Todos estes fatores me traziam questionamentos sobre como estes jovens estudantes viam a escola e o que esperavam fazer de suas vidas após terminarem os estudos. Desse modo, tornei-me professora – pesquisadora quando comecei a levantar questões a fim de tentar compreender a realidade vivida pelos meus alunos jovens rurais.

Nessa perspectiva, quando elaborei a metodologia a ser seguida nesta pesquisa pensei que eu deveria ter um cuidado ao analisar o objeto estudado evitando interferir o mínimo possível nas falas e análises dos pesquisados. Além disso, deveria demonstrar cautela no momento das conversas informais com os alunos por ser funcionária da escola e, por isso, ser uma figura pertencente àquele local.

Há a necessidade de um diálogo constante entre a teoria e a metodologia usada no trabalho de campo, isto porque a teoria deve orientar a coleta de dados, as formas de análise e formulação dos nossos problemas de pesquisa.

No primeiro momento, elaborei alguns questionamentos para eu pensar a respeito no decorrer deste trabalho de investigação. Assim, indaguei: quem são os jovens rurais? Posso falar em meio rural sem pensar no meio urbano? Que representações estes jovens trazem de si

mesmos? E a família interfere na forma deste jovem encarar a educação? Qual o espaço que o jovem de origem rural ocupa na escola pesquisada? O que eles pensam sobre o futuro? Que relação este jovem estabelece entre o que aprende na escola e seu cotidiano?

As minhas observações de campo foram realizadas na própria escola nos momentos de aula e de convivência no espaço escolar. Com o intuito de obter melhores resultados neste trabalho, optei por fazer um recorte e selecionei as duas turmas concluintes do Ensino Médio no ano de 2016 para investigar. Fiz esta escolha por esses jovens estudantes estarem concluindo uma fase de estudos e, por isso, haver uma preocupação com o futuro após o término da Educação Básica.

2.1 As juventudes

De acordo com Oliveira (2015), no século XX as políticas para as juventudes ganham espaço a partir do crescimento desse grupo social na população. No entanto, a visibilidade para os problemas e incentivos aos jovens ganham força no Brasil com o surgimento do Plano Nacional da Juventude e outros programas governamentais.

Os jovens são uma parte considerável da população brasileira totalizando cerca de 51,3 milhões de acordo com o Censo 2010³¹. Com este quantitativo não se pode tratar de juventude no singular, pois não há apenas um tipo de jovem e sim, vários. Segundo Bernard Charlot (2007) os diversos modos de vida e o conjunto de suas relações sociais levam à pluralidade da juventude, tanto no campo quanto na cidade. Deste modo, para o autor, devemos usar o termo juventudes no plural, pois:

“Juventude” remete a um conjunto de relações sociais entre jovens e adultos. A articulação entre essas relações e uma conjuntura histórica define a condição da juventude em uma determinada época. Essa condição faz sentido além das diferenças nacionais, geográficas e até de gênero. Entretanto, nem por isso se deve esquecer que, adotando-se uma distinção usada por vários sociólogos brasileiros, essa condição é vivida em várias situações de gênero, classe, etnia, etc. Esse é um dos embasamentos para a utilização do termo juventudes no plural e leva a combinar o plural com a unicidade dos jovens, em especial em relação a outras gerações. (CHARLOT, 2007, p. 209).

Para Dayrell (2003, apud PENATIÉRI, 2012, p. 122) a utilização do termo juventudes no plural ocorre devido à diversidade existente que se contrapõe a ideia de unidade. Segundo

³¹ Disponível em: <<http://cnttl.org.br/index.php?tipo=noticia&cod=3138>> Acesso em: 18 mar. 2017.

Gisele Penatieri:

[...] para Dayrell (2003), a perspectiva de unidade não dá conta de compreender o ser social jovem já que é na diversidade que se concretizam as condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos que os sujeitos se constituem como seres históricos e sociais. (PENATIERI, 2012, p. 122)

Desta forma, para se compreender as juventudes é importante analisá-las pelas perspectivas sócio-histórico-culturais a fim de constatar que não existe uma juventude única e homogênea. Há diversos indivíduos com diferentes gostos, opiniões, modos de vida e projetos para o futuro numa mesma faixa etária.

Mas, afinal, o que é ser jovem? Como definir as juventudes? O senso comum aponta a juventude como uma fase da vida em que os sujeitos vivem uma época de curtição e irresponsabilidades, que termina na chegada à fase adulta. (PENATIERI, 2012; PEREGRINO, 2014; SPOSITO, 2011) No entanto, sabe-se que a juventude não significa apenas diversão. Muitos jovens de acamadas populares trabalham e assumem responsabilidades de sustento e chefia de suas famílias desde muito cedo, seja no campo ou na cidade.

Gisele Penatieri (2012), afirma que há um dilema que marca esta fase da vida, pois os jovens têm que fazer escolhas que vão determinar parte de seu futuro: se querem ter relacionamentos, em que vão trabalhar, se continuarão estudando, dentre outras. Para a autora:

Ser jovem, de classe social baixa ou média baixa e estar concluindo a educação básica traz uma configuração de diversos modos de viver os tempos sociais produzidos em torno da vida escolar, tensão não resolvida entre as demandas do presente e a “recompensa”, perspectivas incertas do/no futuro, dadas as restritas chances de continuidade de estudos no ensino superior e as crescentes dificuldades de inserção no mundo do trabalho que emprega cada vez menos e exige cada vez mais qualificação. Este discurso já não é tão eficiente para mobilizar os jovens para o trabalho escolar. (PENATIERI, 2012, p. 127)

Este discurso da tensão em relação as escolhas do presente e suas consequências para o futuro estão presentes na vida dos jovens da cidade e do campo.

Alexandre Valadares et all. (2016) trazem os dados do Censo 2010 e apontam que cerca de 8,5 milhões de jovens brasileiros vivem no campo e que, apesar deste quantitativo populacional a produção acadêmica sobre o assunto ainda não é profunda.

Anita Brumer (2007) segue este raciocínio ao afirmar que:

Quando se focaliza a juventude rural, apesar de haver estudos sobre diferentes aspectos, dois temas são recorrentes: a tendência emigratória dos jovens em grande

parte justificada por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e dos benefícios que ela propicia; e as características ou problemas existentes na transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração. (BRUMER, 2007, p.36)

Para a autora, o espaço rural é muitas vezes marcado pelo estigma da inferioridade em oposição ao espaço urbano que pode ser visto como solução para os problemas de desemprego e outras dificuldades na vida rural. Tal situação pode ser observada mais a frente no capítulo 3 deste trabalho quando trago as falas dos jovens estudantes acerca de sua vida, expectativas de trabalho e futuro.

Observa-se nas pesquisas apresentadas que a questão da migração do jovem do campo para a cidade ainda é um assunto bastante debatido. Os dados apresentados por Valadares et all. (2016) demonstram que a atração para o meio urbano e o descaso com a área rural sempre mexeu no imaginário do jovem. O discurso do campo como sinal de atraso foi proferido durante um bom tempo até porque, em relação às cidades, a zona rural recebia menos investimentos e atenção das políticas públicas. Contudo para Valadares et all (2016) houve uma mudança apresentada no Censo 2010 que confirma maior permanência dos jovens no campo a partir do ano 2000. Isto é explicado porque nesta década surgiram importantes transformações econômicas e sociais que possibilitaram melhorias na condição da vida no campo e, conseqüentemente, menor migração para a cidade.

Para Valadares et all. (2016), esta permanência no campo se explica, dentre outras coisas, pela:

[...] organização e a ampliação do acesso a políticas públicas voltadas para a agricultura familiar e para a promoção da cidadania conseguiram desacelerar em alguma medida a saída de jovens do campo. Ou seja, mesmo em um cenário ainda bastante hostil à agricultura familiar, uma hipótese pertinente para explicar o aumento da permanência diz respeito às “pequenas” conquistas dessa população, que contaram ao longo dos anos 2000 com um incremento considerável da renda, com notável reflexo no padrão de consumo de bens duráveis, incluindo veículos automotores; melhoria nas condições de infraestrutura, com ampliação significativa do acesso à energia, à água, à telefonia e à internet; ampliação do acesso e da importância das políticas sociais, em especial as transferências de renda e a previdência social, que tem seu piso atrelado ao salário mínimo; crescimento do acesso a políticas produtivas, tais como reforma agrária, crédito, assistência técnica, entre outras. (VALADARES ET ALL, 2016, p. 68)

Para os autores, houve um incentivo para muitos jovens permanecerem no campo como a instalação de eletricidade e internet e o advento de políticas públicas que visavam melhorar a qualidade de vida no meio rural e possibilitou uma renda financeira maior para os moradores do campo pertencentes às classes mais baixas. Contudo, o meio rural é diverso e nem todos os locais são favorecidos com estas benfeitorias. Muitas pesquisas (CASTRO,

2005; CARNEIRO, 2007; 2011) mostram o oposto: o incentivo à mudança para a cidade seja para estudar, seja para arrumar um emprego. No caso da presente pesquisa com jovens rurais de Nova Friburgo, apesar de constatarem as dificuldades da vida no campo a maioria dos jovens não querem ir morar na cidade, mas desejam arrumar empregos urbanos que tenham maior retorno financeiro.

2.2 Os jovens da pesquisa: opções

Os jovens que fizeram parte dessa pesquisa eram das turmas (3001 e 3002) do Colégio Estadual X, que contavam com um total de trinta e sete (37) alunos. Destes, vinte e dois (22) alunos moram nas áreas rurais: nove (9) moram em Galdinópolis e Rio Bonito de Lumiar; oito (8) moram no bairro do Stucky; quatro (4) moram na localidade de Vargem Alta e uma (1) aluna mora em Lumiar. Isto significa que cinquenta e seis por cento (56%) das duas turmas se deslocam da área rural para estudar em uma escola urbana.

Neste trabalho utilizei tanto a pesquisa quantitativa quanto a pesquisa qualitativa. A primeira possibilita a averiguação de alguns dados e opiniões sobre as hipóteses levantadas no desenvolvimento da pesquisa a partir de dados objetivos. E a pesquisa qualitativa permite explorar de forma mais aprofundada os dados objetivos, fazendo com que as pessoas entrevistadas expliquem de uma maneira livre suas ideias e motivações. Ambas as formas de pesquisar podem se utilizadas, pois se complementam e favorecem o pesquisador na confirmação ou não de suas hipóteses e no alcance de seus objetivos.

Segundo Mirian Goldenberg (1997):

Como nenhum pesquisador tem condições para produzir um conhecimento completo da realidade, diferentes abordagens de pesquisa podem projetar luz sobre diferentes questões. É o conjunto de diferentes pontos de vista, e diferentes maneiras de coletar e analisar os dados (qualitativa e quantitativamente), que permite uma ideia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema. (GOLDENBERG, 1997, p. 62)

Assim, para a autora a utilização das duas formas de pesquisa, qualitativa e quantitativa, possibilita uma melhor visão do pesquisador sobre os dados e resultados da pesquisa. Para Goldenberg (1997), a integração das pesquisas qualitativa e quantitativa permite ao pesquisador “não se limitar ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em

diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos.” (GOLDENBERG, 1997, p. 62)

Desta forma, não há uma única técnica a ser seguida para coletar informações e a escolha do método a ser seguido dependerá das questões levantadas e do problema a ser investigado.

Gamboa (2002) também trata da complementaridade dos tipos de pesquisa. Nas palavras do autor:

A relativização das técnicas quantitativas ou qualitativas com relação a um conjunto maior, sem dúvida, ajudará a compreender sua dimensão no conjunto dos elementos da pesquisa e a revelar suas limitações de tal maneira que, para serem consideradas como opções na definição de alternativas da investigação ou como modelos científicos, precisam ser articuladas a outros elementos mais complexos. As técnicas por si não se tornam alternativas para a pesquisa. As opções técnicas só têm sentido dentro de um enfoque epistemológico no qual são utilizadas ou elaboradas. Em outras palavras, para superar o falso dualismo quantidade-qualidade, é necessário revitalizar a dimensão técnica inserindo-a num todo maior que lhe dá sentido, tomando-a como parte constituída do processo de pesquisa. Na medida em que recuperamos o todo, nesta mesma medida relativizamos a parte. Quando recuperamos o todo maior (nesse caso, o enfoque epistemológico), remetemos à opção e à discussão sobre as alternativas da pesquisa não à escolha de algumas técnicas ou métodos, mas aos enfoques epistemológicos que, como um todo maior, articulam outros elementos constitutivos por meio da construção de uma lógica interna (a própria lógica da pesquisa) necessária para preservar o rigor e o significado do processo científico. (GAMBOA, 2002, p. 88 - 89).

Deste modo, para o autor é importante saber o enfoque epistemológico a ser adotado na pesquisa a fim de selecionar a técnica para adequação à pesquisa. Tal situação vem de encontro à concepção teórico-metodológico presente no capítulo “Compreender”, do livro de Pierre Bourdieu, “A Miséria do Mundo” (BOURDIEU, 2012b), em que o autor recomenda a ruptura com o dualismo objetivismo x subjetivismo, ou para Gamboa (2002), o dualismo quantitativo x qualitativo.

No início desta pesquisa, apliquei uma ficha de inserção socioeconômica a todos os alunos das duas turmas. A partir dos resultados colhidos, selecionei dez alunos, moradores da zona rural: seis meninos e quatro meninas, para utilizar entrevistas semiestruturadas³² como uma maneira de “ouvir” melhor os alunos. Além disso, utilizei um caderno de campo a fim de anotar minhas observações a partir do que foi visto, vivido e conversado no momento da pesquisa. A ficha de inserção socioeconômica foi elaborada a partir de perguntas sobre dados da família, atividades atuais dos alunos e o que pretendem fazer após o término do Ensino Médio. E as entrevistas foram realizadas com alunos que moram em áreas rurais nos bairros

³² Tanto as fichas de inserção socioeconômica quanto as entrevistas encontram-se em Anexos, p. 105 – 144.

citados (Rio Bonito, Galdinópolis, Vargem Alta e Stucky). Segue abaixo uma tabela com os dados dos jovens estudantes, suas respectivas idades e bairros onde moram. Considerei preservar a identidade dos alunos e optei por escolher nomes fictícios durante este trabalho.

Tabela 2 – Dados dos Jovens Estudantes

Meninos - Idade	Bairro	Meninas - Idade	Bairro
Iuri - 18	Stucky	Juliana - 18	Vargem Alta
José - 19	Vargem Alta	Daniela - 18	Stucky
Júlio - 18	Rio Bonito	Tatiana - 19	Rio Bonito
Jonas - 18	Galdinópolis	Claudia - 18	Rio Bonito
Henrique -17	Rio Bonito	xxx	xxx
Luiz - 18	Stucky	xxx	xxx

Fonte: A autora, 2017.

A escolha da entrevista como principal instrumento de análise ocorreu devido à minha proximidade com as duas turmas de terceiro ano (3001 e 3002), além de ser um instrumento de pesquisa muito usado na pesquisa sociológica por Pierre Bourdieu, o autor avaliou ser esse muito importante para compreender a perspectiva dos sujeitos a partir do seu lugar social (BOURDIEU, 2012b).

Para Bourdieu, a entrevista é um importante instrumento de pesquisa utilizado nas Ciências Sociais e que pode possibilitar a análise das relações sociais entre entrevistador e entrevistado. Segundo o autor francês:

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma *reflexividade reflexa*, baseada num “trabalho”, num “olho” sociológico, permite perceber e controlar *no campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas. (BOURDIEU, 2012b, p. 694)

Assim, para Bourdieu (2012b), o ato de escutar pode proporcionar uma “reflexividade reflexa”, deixando o entrevistado falar sobre o objeto de forma livre, ampla e sincera. Deste modo, ele poderá expor fatos e acontecimentos que não estão previstos no roteiro da entrevista, mas que são importantes para a compreensão da realidade investigada.

O fato de ser professora deles há bastante tempo auxiliou na maior intimidade no contato com os jovens. Assim, além dos instrumentos de pesquisas citados, lancei mão do conhecimento que adquiri sobre eles ao longo de seis anos de convivência em sala de aula. Acredito que usar o que foi vivenciado no cotidiano escolar é importante, pois é em um momento de conversa informal que muitos “soltam” suas histórias, problemas e sonhos sem a vergonha ou timidez que poderiam ter em um momento de formalidade.

Isto pode ser exemplificado por Luiz, um aluno que frequentemente é tímido. Certa vez, quando surgiu o assunto sobre agricultura familiar, Luiz começou a contar como ele e sua família cuidam da produção de flores, desde o cuidado com a terra até a venda no CEASA.³³ Foi um motivo de surpresa, pois mesmo sendo professora dele há muito tempo, não sabia que sua família era grande produtora de flores da região. E na aula seguinte, o estudante trouxe fotos das estufas de flores e do terreno de sua propriedade para me mostrar. Situações como essa me surpreenderam, pois, demonstraram a diversidade da turma em que alunos sem posses conviviam com filhos de médios produtores da agricultura local.

2.3 Os instrumentos de pesquisa e a abordagem teórico-metodológica

Neste trabalho, utilizei o sociólogo Pierre Bourdieu como principal referencial teórico-metodológico com o intuito de trabalhar a relação entre o lugar social e rendimentos escolares dos jovens pesquisados. O sociólogo francês vivenciou algo semelhante por ser de origem popular e vir de local estigmatizado pelos franceses. “Ele sabia que era socialmente classificado e chamava a atenção de seus leitores para que buscassem em sua obra respostas para questões relacionadas a indivíduos no espaço social.” (OLIVEIRA, 2015, p. 39)

³³ “CEASA é a sigla para Centrais Estaduais de Abastecimento. As Ceasas são empresas estatais ou de capital misto (público e privado), destinadas a aprimorar a comercialização e distribuição de produtos hortifrutigranjeiros. Hoje, a grande parte das frutas, legumes, e flores comercializadas em feiras, supermercados, restaurantes e sacolões foram por eles compradas através das Ceasas.” Disponível em: <http://www.agric.com.br/comercializacao/o_que_e_ceasa.html> Acesso em: 04 maio 2016.

Novamente cito Pierre Bourdieu (2012b) com o objetivo de apontar as dificuldades e os desafios que enfrentei ao pesquisar os jovens rurais, que foram sujeitos desta pesquisa. Nas palavras do autor:

Sem dúvida a interrogação científica exclui por definição a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar as respostas; acontece, entretanto, que nesses assuntos não se pode confiar somente na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser reconhecidas e dominadas; e isso na própria realização de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica. (BOURDIEU, 2012b, p. 694)

Sendo assim, o contato com o indivíduo a ser pesquisado ou que está relacionado com o objeto da pesquisa, leva o pesquisador a ter cuidados com os questionamentos de modo a não intervir nas respostas. Isto porque modificaria o intuito do estudo e, até mesmo, sua veracidade.

Na obra em questão, Bourdieu aponta também a importância de se saber se o entrevistado consegue perceber o sentido da pesquisa de que está fazendo parte. Ou seja, muitas vezes o pesquisador direciona perguntas e incentiva o pesquisado a responder sem ter ciência dos sentidos do trabalho que faz parte. Segundo o sociólogo francês:

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. (...) É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. (BOURDIEU, 2012b, 695)

Muitos alunos não percebem que os conteúdos e as próprias exigências da escola não respeitam o seu modo de vida. Desta forma, falas como “fulano é quieto igual ao povo de Rio Bonito” ou “os roceiros são assim, tá vendo como ele fala”, podem determinar os caracteres e contribuir para a formação de determinada ideia sobre os moradores da zona rural. Os alunos que são procedentes de áreas rurais, tanto os com dificuldades financeiras, quanto os que têm melhores condições econômicas, apresentam algumas características comuns, que muitas vezes são apontadas e ridicularizadas pelos outros colegas no cotidiano escolar. Um exemplo é este jeito de falar: a conjugação dos verbos que destoa da norma padrão; a timidez ao se pronunciar na sala; etc. Assim, a tarefa de observar e realizar entrevistas auxiliou na busca por evidências e no desenvolvimento deste projeto.

Como professora curiosa, mesmo antes de iniciar esta dissertação, sempre perguntava sobre a rotina dos moradores das áreas rurais. Eu me compadecia com a distância que, principalmente, os moradores de Rio Bonito de Lumiar levavam até chegar à escola. Desse modo, questionava como era o cotidiano da vida no campo.

Como foi dito, o público estudantil pesquisado é composto basicamente de alunos que moram em áreas mais afastadas, geralmente com pais que trabalham como caseiros em sítios; alunos que são agricultores; alunos que moram nas proximidades; e alunos que são da cidade.

Os estudantes que vêm de Galdinópolis e Rio Bonito de Lumiar estudam no turno da manhã, pois dependem de ônibus para chegarem à casa ou próximo a ela. Assim, acordam muito cedo (muitos levantam às 4h30) para chegarem à escola às 7h. E quando retornam, ainda trabalham nas plantações e nos jardins dos sítios. Presenciei por diversas vezes brincadeiras com deboche sobre a distância destas localidades até mesmo dentro de sala de aula. Já ouvi muitos alunos falando que “era mais rápido ir de Friburgo ao Rio de Janeiro que ir de Friburgo a Rio Bonito” ou que “quando chegam a Rio Bonito já está na hora de retornar para a escola”. Reparei também que muitos alunos “da cidade” ou de áreas rurais mais próximas ridicularizavam o fato do “povo de Galdinópolis e Rio Bonito” não assistirem a novela das nove porque já estariam dormindo. Por utilizarem um modo de falar e de se comportar próprio que difere bastante dos alunos que moram na cidade, muitas vezes são apontados como “roceiros” e “matutos”. Acredito que esta situação possa provocar a inibição, ou seja, a vergonha de se expressarem em público na roda de amigos, em conversas com professores ou em apresentações de grupos nas salas de aula.

Os alunos que moram em Vargem Alta trabalham, em sua maioria, como agricultores em plantações de flores. Alguns deles tomam conta das próprias terras da família. Tal situação favorece um retorno financeiro rápido o que infelizmente afasta muitos jovens da escola. Observei a partir da fala dos alunos que o fato de conseguir comprar carros e motos com o que ganham nas propriedades familiares pode levar o aluno a colocar a escola e a continuidade dos estudos em segundo plano em sua vida. O discurso que o estudo traz uma profissão e boas condições financeiras não funciona com este grupo de alunos já que alguns se sentem bem com suas escolhas profissionais atuais. Assim, recordo a questão do capital cultural, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2014b), a fim de refletir sobre o modo como a escola e o estudo são compreendidos por esses alunos. Isto porque a ausência do capital cultural pode interferir nos rendimentos escolares destes jovens estudantes quando eles não têm acesso a livros, cursos, filmes, dentre outros, que possam auxiliar em sua formação de

estudante. Com isso, a escola tende a ficar em segundo plano na vida destes jovens. Percebi também entre este grupo de estudantes a utilização de termos referentes ao meio rural, isto é, possuem um modo de falar que representa o caipira e o campo.

A grande maioria dos moradores do bairro do Stucky que estudam no Colégio Estadual X não possui grande poder aquisitivo e muitos auxiliam seus pais após o período da escola a fim de aumentar a renda financeira da família. Outros dividem o dia entre o estudo e o trabalho nos mercados e padarias próximos ao colégio. Muitas vezes eles não agüentam o ritmo de trabalho com estudo e abandonam a escola ou pedem transferência para os cursos supletivos noturnos.

Outros textos de Pierre Bourdieu servem para repensar a tendência da escola a auxiliar na reprodução das desigualdades sociais no interior do sistema de ensino. O autor citado trabalha com conceitos como o da violência simbólica que é uma forma de perpetuar a ideologia dominante sem que o indivíduo possa perceber tal fato. Então, para Bourdieu:

[...] e as violências mais ou menos importantes que, continuamente, têm tido como objetivo os estabelecimentos escolares mais deserdados, nada mais são que a manifestação visível dos efeitos permanentes das contradições da instituição escolar e da violência de uma espécie absolutamente nova que a escola pratica sobre aqueles que não são feitos para ela. Como sempre, a Escola exclui: mas a partir de agora, exclui de maneira contínua (...) e mantém em seu seio aqueles que exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais ou menos desvalorizados. (BOURDIEU, 2014a, p.224)

Com esta citação, percebe-se que o aparato ideológico e estrutural da escola, afasta, ou melhor, exclui aqueles que não possuem a cultura dominante, mantendo-os em um sistema educacional que nada pode acrescentar. Pierre Bourdieu, em sua obra, percebe as consequências da democratização do acesso ao ensino para os jovens das classes populares. Desse modo, para o autor:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da 'escola libertadora', quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 2014b, p.45)

Nesse sentido, o discurso da igualdade de oportunidades para ricos e pobres pode ser observado na segunda metade do século XX, no entanto, a permanência ou a frequência escolar não significa superação da desigualdade social, mas sim conservação de papéis sociais, processo que Bourdieu e autores brasileiros como Freitas (2004), têm denominado de exclusão no interior.

3 UM DIÁLOGO COM OS JOVENS: ENTRE EXPECTATIVAS E CONDIÇÕES DE VIDA

Ao escrever este texto, recordo-me que desde que comecei a trabalhar no Colégio Estadual X a trajetória escolar e o modo de vida dos jovens estudantes oriundos de áreas rurais chamavam minha atenção. Lembro-me que fiquei espantada quando tomei conhecimento da distância percorrida por estes alunos para estudar, bem como a hora que acordavam para chegar pontualmente ao colégio. Minha primeira pergunta foi: Não existe uma escola mais próxima? E prontamente fui respondida: Não, não existe.

Mesmo com a chegada de estudantes das proximidades, o público rural manteve um grande quantitativo nestes sete anos em que trabalho no Colégio Estadual X. A cada ano, eu tive a oportunidade de conhecer mais jovens e saber que cada área rural possuía características próprias que as diferenciavam entre si. Nesse período, compartilhei conhecimentos do currículo escolar e aprendi bastante sobre o cotidiano dos jovens rurais, seu jeito de ser e hábitos de vida. Vivenciei momentos importantes como formaturas no Ensino Médio, o ingresso no Ensino Superior, a formação de famílias e o nascimento de crianças.

Infelizmente, presenciei também situações tristes como o sofrimento dos alunos ao perderem um ente querido e a perda de uma aluna querida em um acidente de moto. A jovem, que morava em uma área rural, utilizava a moto para chegar à escola, já que em determinados momentos do dia há um número reduzido de ônibus circulando para o centro da cidade. Certo dia, ela perdeu o equilíbrio ao pilotar a moto, acidentando-se e falecendo poucos dias depois. Foi um momento de muita tristeza para toda a escola e comunidade. Eu conhecia sua família, suas dificuldades e seus desejos, assim como, planos para o futuro. Fiquei bastante abalada quando este fato ocorreu e a ausência da jovem na sala de aula modificou minha relação com aqueles jovens. Por algumas semanas, a emoção esteve presente em nossos encontros.

Deste contato com os jovens estudantes rurais surgiu o desejo de compreender a dinâmica de suas trajetórias de escolarização, suas observações em relação à escola que frequentam e seus projetos para o futuro. Em um primeiro momento considerei que a escola urbana não atendia às necessidades do público rural, pois as metodologias, currículos e estrutura física não estavam de acordo com o que desejavam aqueles jovens alunos. Acreditei que os alunos oriundos do meio rural buscassem uma escola que estivesse preparada para atendê-los com metodologias, horários e currículos organizados para o jovem do campo.

Estudos recentes da Sociologia e Antropologia (CAMPOLIM, 2000, CARNEIRO, 2007 e VALADARES, 2016) demonstram que os jovens rurais que estudam em escolas urbanas vivenciam conflitos e sentem dificuldades até se adaptarem aquele espaço e dependendo de alguns fatores, como acompanhamento da família no processo escolar e estabilidade financeira, muitos desistem e param de estudar antes de terminarem a educação básica. Contudo, no desenrolar da pesquisa, constatei que o espaço rural vivido pelos alunos consistia em uma área de extensão da cidade em que os aspectos rurais e urbanos conviviam e modificavam a rotina dos indivíduos.

Como foi mencionado no primeiro capítulo, a franja rural - urbana ou a periurbanização consiste neste elemento de transição entre o espaço urbano e o rural caracterizando-o como um local em que aspectos da cidade e das zonas rurais se relacionam.

Esta situação difere bastante da exposta nas leituras sobre educação rural (ARROYO, 1999; BEZERRA NETO, 2010; CARNEIRO, 2007 e MACHADO, 2008) em que os movimentos sociais são presentes na luta pela implantação de uma escola que realmente atenda as necessidades da população rural. Desta forma, o termo jovens rurais e não jovens do campo ficou mais de acordo com este estudo, pois acredito que em lugares com movimentos sociais organizados, a escola e a educação formam e questionam o *status quo*, o que não ocorre em Friburgo, em que a maior parte da agricultura é familiar, sem influência das práticas educacionais engajadas dos movimentos sociais do campo.

Quando iniciei esta pesquisa tinha como objetivo estudar a escolarização dos jovens rurais em uma escola urbana enfatizando que as mudanças no projeto neoliberal da secretaria de educação do estado do Rio de Janeiro não respeitavam as particularidades dos estudantes oriundos de áreas rurais que estudavam em uma escola estadual urbana. Como sugestão da banca de qualificação, optei por delimitar minha pesquisa no estudo das trajetórias escolares de jovens estudantes de áreas rurais em uma escola urbana sem enfatizar as ações de cunho político do Governo Estadual do Rio de Janeiro.

A seguir analisarei categorias importantes para pensar as trajetórias de escolarização dos jovens estudantes de áreas rurais, a partir dos resultados das fichas de inserção socioeconômica aplicadas às turmas concluintes e das entrevistas realizadas com dez alunos que moram na zona rural.

3.1 A inserção social dos jovens pesquisados

Quais seriam as expectativas destes jovens rurais ao terminarem o Ensino Médio? Ou melhor, quais são as expectativas destes jovens em relação à escola e sua importância para seu futuro? Acreditam que frequentar a escola é importante para seu futuro? Estas perguntas levaram a um questionamento: estes jovens fazem distinção entre aprender e ir à escola apenas para conseguir um diploma ao final do curso? Há uma diferença entre atribuir importância ao processo de ensino - aprendizagem dentro do espaço escolar e no fato dos alunos apenas desejarem o diploma para certificação a fim de conseguir um emprego.

Percebi tal situação na fala dos dez alunos entrevistados, seis meninos e quatro meninas. Na fase anterior à entrevista apliquei uma ficha de inserção socioeconômica³⁴ com todos os alunos das duas turmas de terceiro ano. Na ficha havia perguntas sobre: o meio de locomoção até a escola; os objetivos traçados para depois do término do Ensino Médio; a escolaridade de pais e avós; religião; cursos concomitantes com a escola; atividades remuneradas após o horário escolar; e se o estudante já teve contato com a pedagogia da alternância. Para responder esta ficha, os jovens deveriam marcar apenas uma opção sem a necessidade de justificar a resposta. Apenas a pergunta de nº 12: Você gostaria de estudar em uma escola de pedagogia da alternância? solicitava uma justificativa, caso a resposta fosse afirmativa.

Estas fichas de inserção socioeconômica foram aplicadas durante as minhas aulas, porém minha interferência se restringiu apenas na solução de dúvidas sobre o significado de alguma palavra específica da ficha. Assim, os jovens estudantes puderam responder, sem restrição de tempo, as perguntas selecionadas.

Ao analisar as fichas de inserção socioeconômica, selecionei dez alunos a partir das seguintes categorias: residência em área rural; ocorrência de obstáculos objetivos para a escolarização; se trabalham ou não; ter estudado ou conhecer a estrutura da escola multisseriada; ter estudado ou conhecer como funcionam escolas com pedagogia da alternância; e expectativas de cursar o Ensino Superior e trabalhar após o término do Ensino Médio.

³⁴ Ver anexos p. 105.

Desta forma, com a análise das fichas obtive algumas informações: em relação à escolaridade dos pais e avós, dos dez alunos, apenas Henrique³⁵ tem a mãe que concluiu o Ensino Superior e Tatiana tem a mãe que concluiu o Ensino Médio, os demais têm apenas o Ensino Fundamental incompleto, tendo estudado até no máximo o 5º ano. Alguns entrevistados não souberam responder a escolaridade dos avós e dos pais devido ao pouco contato que têm com eles. Em relação à escolaridade da mãe, todos souberam responder.

De acordo com Oliveira (2010), “pesquisas no campo da Sociologia da Educação apontam o fato de que, entre famílias de camadas populares, frequentemente a escolarização dos pais ou dos parentes não é registrada na memória do grupo.” (OLIVEIRA, 2010, p. 66) Este fato reforça a ideia da ausência de auxílio para estudar e fazer as tarefas da escola em casa.

Quanto à religião, sete estudantes optaram pela opção católica, dois pela opção evangélica e apenas um declarou não possuir religião. Isto mostra que a igreja é bastante presente nas vidas dos moradores da área rural. A escolha por colocar este item na ficha de inserção socioeconômica se refere às pesquisas realizadas por Daniel Thin (2006) e os demais discípulos de Pierre Bourdieu na Sociologia da Educação francesa, que em suas pesquisas têm encontrado trajetórias escolares mais bem sucedidas em meios populares quando as famílias são praticantes de alguma religião, que no caso dos subúrbios franceses é a religião muçulmana. Porém, na continuação da pesquisa este dado não se mostrou de grande relevância, pois os jovens estudantes rurais declararam ter uma religião, mas não serem participantes assíduos dos cultos e missas. Com isso, considere que havia pouca influência religiosa no comportamento e nos resultados destes alunos na escola.

Em relação ao uso dos meios de transportes, oito estudantes utilizam o transporte de ônibus da empresa da cidade, a FAOL³⁶ e dois alunos declararam utilizar o carro até a estrada Mury-Lumiar e de lá, pegar o ônibus de linha da FAOL para chegar até a escola. Os cinco alunos que vêm das localidades de Rio Bonito e de Galdinópolis pegam o primeiro ônibus em direção ao centro de Nova Friburgo. Este ônibus, segundo os próprios alunos,³⁷ sai 5h da manhã de Rio Bonito, passa em Galdinópolis por volta das 6h e segue em direção ao centro da cidade. Se por acaso um dos estudantes perde este, o segundo será apenas às 7h, chegando à

³⁵ Para preservar a identidade dos jovens alunos, escolhi nomes fictícios para o desenvolvimento deste trabalho.

³⁶ Friburgo Auto Ônibus Ltda. Disponível em: <<http://www.faol.com.br/>> Acesso em: 20 mar. 2017.

³⁷ Na página oficial da FAOL e nem pelo atendimento telefônico obtive a informação do horário de saída dos ônibus de Rio Bonito de Lumiar para o centro de Nova Friburgo. A empresa apenas me forneceu os horários de saída das linhas da rodoviária urbana, no centro da cidade, em direção aos bairros.

escola por volta das 9h, na terceira aula. Para retornar às suas casas, os estudantes de Rio Bonito e Galdinópolis têm que sair um pouco mais cedo das aulas, pois o turno da manhã termina 12h15 e o ônibus passas às 12h20. Se não conseguirem pegá-lo, são obrigados a aguardar até as 13h20. Depois desse horário só tem ônibus às 17h e o último às 19h. Devido a pouca oferta de horários de ônibus, os alunos que moram nesta localidade têm prioridade em permanecer no turno da manhã.

O primeiro ônibus que sai de Vargem Alta em direção ao centro sai às 5h30, mas seu trajeto não passa pela estrada da escola (RJ 142 Mury – Lumiar) e sim por outros bairros e estradas até chegar à rodoviária urbana³⁸. Este percurso é muito longo levando o aluno a ter que pegar dois ônibus até o colégio: este até o centro e outro coletivo até a escola. Existe outra linha que sai de Vargem Alta e passa pela RJ 142 Mury - Lumiar, contudo o horário de saída do bairro em direção ao centro é às 11h30 o que não permite que o jovem estudante de Vargem Alta estude no turno da manhã. Como já foi explicado, o terceiro ano do Ensino Médio é na parte da manhã o que leva José e Juliana a pegarem o primeiro ônibus para o centro ou dependerem que outra pessoa os leve de carro até a RJ 142 Mury – Lumiar para pegarem qualquer ônibus que vá para o centro da cidade e passe pela escola. Para retornarem para suas casas, eles tinham que pegar um ônibus em direção ao centro e de lá, pegar outro para Vargem Alta. Ou pegar o ônibus em direção a São Pedro da Serra, descer em um determinado ponto da estrada Mury – Lumiar e aguardar algum adulto buscá-los. De acordo com José, são mais ou menos 8 km da sua residência até a RJ 142 e mais 9 km da estrada até o Colégio Estadual X. Para ele, esta é a melhor opção, pois se tivesse que pegar o ônibus das 5h30, que passa pelo outro caminho teria que percorrer uns 40 km até a escola já que teria que passar pelo centro da cidade.

Os três jovens alunos que moram no Stucky pegam o ônibus as 5h50. O bairro não é tão longe da escola, mas se perderem este coletivo não chegam a tempo para a primeira aula. Este grupo de alunos precisa esperar mais tempo para ir embora depois das aulas, pois o ônibus para casa passa pela escola em torno das 13h. Eles aproveitam este tempo para irem até o campo de Mury conversar e socializar com os demais colegas.

Em relação à pergunta sobre os objetivos dos jovens após terminarem o Ensino Médio, três alunos disseram que pretendem continuar estudando e fazer um curso superior:

Claudia deseja cursar Licenciatura em Geografia; Juliana quer fazer Fisioterapia ou Nutrição e José gostaria de cursar Agronomia. De todos que moram na área rural, apenas José

³⁸ Mais informações sobre o itinerário das linhas de ônibus da FAOL ver: <<http://www.faol.com.br/linhas/>>
Acesso em: 02 abr. 2017.

quer se especializar em algo relacionado às atividades rurais. José trabalha na plantação de flores desde os 14 anos. É filho de um produtor rural, tanto seu pai quanto irmãos e tios trabalham com a plantação de flores há bastante tempo. Acredito que esta estrutura familiar possibilitou o desejo por procurar uma graduação na área de produção da família. Além disso, por a família ter mais recursos financeiros há o incentivo ao estudo. Nem os pais e nem os irmãos concluíram o Ensino Médio, mas por ele ser o mais novo vivenciou a prosperidade da família e, por isso, recebe o apoio para continuar estudando.

Sobre a pergunta de fazer um curso, ao mesmo tempo em que estuda, dois alunos responderam que fazem curso após o horário da escola: o aluno Henrique faz curso de informática e a aluna Juliana faz curso de inglês. O aluno Iuri fazia curso técnico em Eletrotécnica no SENAI, mas desistiu porque ficava muito tempo fora de casa e com excesso de matérias para estudar, preferiu frequentar apenas a escola. A mãe de Henrique é pedagoga e professora da escola municipal de Rio Bonito. Considerei este dado importante para compreender que existe uma preocupação da família em incentivar a continuidade e o aperfeiçoamento do filho. Por ser professora, a mãe valoriza o estudo como uma forma de crescimento profissional de Henrique. Os pais de Juliana não têm o Ensino Fundamental completo, no entanto são proprietários de pequenas produções de flores.

Para Pierre Bourdieu (2014b) o fato de pertencer a uma família abastada propicia a transformação do capital econômico em capital cultural em seu estado objetivado e em seu estado institucionalizado. Como foram mencionados anteriormente, para Bourdieu a presença ou ausência dos três estados de capital cultural possibilitam a compreensão acerca das desigualdades no desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes classes sociais. O capital cultural em seu estado objetivado se refere à aquisição de objetos, como obras de arte e livros. O capital cultural em seu estado incorporado refere-se à posse de certificados escolares e diplomas. De acordo com o sociólogo francês, as famílias que possuem boas condições financeiras têm a possibilidade de fazer viagens, comprar livros e pagar cursos que possibilitam melhor formação escolar para seus filhos. Apesar dos pais de Juliana não terem estudado muito, eles sabem da importância do estudo, por isso são presentes nas reuniões da escola, incentivam o estudo em casa e investem em cursos fora do horário escolar. Acredito que o fato dessa família ter um pouco mais de condições financeiras que as demais permite que a mãe esteja frequentemente na escola para saber dos progressos e dificuldades da filha, além da possibilidade de poder comprar livros e pagar cursos extra-curriculares, que acrescentam na sua formação de estudante.

Em relação à pergunta sobre a atividade remunerada após o período da escola, seis estudantes têm compromissos com emprego e recebem salário por isso, são: Claudia que trabalha em uma confecção de lingerie; Tatiana como diarista; José e Luiz trabalham na produção de flores; Júlio e Jonas trabalham quando aparece serviço, o que caracteriza por não ser uma atividade fixa. Dos jovens que trabalham apenas José e Luiz trabalham na propriedade da família. Claudia trabalha em uma confecção, mas sem a carteira assinada e Tatiana recebe o salário de acordo com a quantidade de casas que arruma. Júlio e Jonas, como eles dizem, fazem bico, ou seja, aceitam os serviços que aparecem. Eles relataram que trabalham limpando jardins e como serventes na construção civil. Não têm empregadores fixos e nem carteira assinada.

A última pergunta era sobre o contato com a pedagogia da alternância. Três alunos, Iuri, José e Juliana, responderam que sabiam o que era essa proposta, mas nunca estudaram em uma escola com essa modalidade de ensino. Os demais alunos não sabiam do que se tratava e me perguntaram quando estavam respondendo o questionário. Os alunos que conheciam a pedagogia da alternância moram no mesmo bairro ou próximo ao CEFFA Flores que, como eu disse anteriormente, é a escola de alternância que atende o Ensino Fundamental na localidade de Vargem Alta. Por morarem próximo e terem amigos e parentes que estudaram lá, eles conhecem o modo de funcionamento da escola.

Nas entrevistas eu pude desenvolver melhor estas perguntas, sobretudo os questionamentos acerca das trajetórias de escolarização desses jovens. Mas, adianto que não encontrei entre os alunos reflexões sobre o funcionamento da escola, bem como sobre metodologias diferenciadas para um público rural.

Durante toda a pesquisa me perguntei sobre a ausência de um questionamento dos próprios alunos de origem rural a respeito de currículos e metodologia utilizados pela escola que não eram específicos para as necessidades e desejos do público rural. Em nenhum momento os alunos reclamaram disto. Eu também nunca ouvi nenhum responsável ir à escola questionar estes pontos.

Daniel Thin (2006), discípulo de Pierre Bourdieu, tenta explicar em suas pesquisas esta dissonância entre a proposta da escola e a postura das famílias de classes populares. Assim, as relações entre elas são:

[...] apreendidas a partir das diferenças de capitais associadas às posições sociais, seguindo o conceito de capital cultural concebido por Pierre Bourdieu para analisar as diferenças entre as classes sociais nas relações com a escola. Vale insistir na fraqueza dos recursos culturais e escolares que os pais têm condição de mobilizar, em suas relações com a escola, para contribuir com a escolaridade de seus filhos,

assim como nos efeitos de dominação gerados por sua relativa fraqueza em capital cultural. (THIN, 2006, p. 18)

De acordo com Oliveira (2010), Daniel Thin mostra que há muitas divergências na relação entre escola e família de classes populares que tendem a dificultar a escolarização dos mais pobres. Desta forma, as famílias de camadas populares costumam não questionar o funcionamento pedagógico da escola, pois consideram que os professores e profissionais da educação são os indivíduos capacitados para essa tarefa, o que não ocorre nas famílias de camadas médias e altas, que tem capital cultural próximo aos dos professores e, por isso conseguem questionar melhor a escola, seus métodos e práticas.

Nova Friburgo é um município com grandes áreas rurais e, por sua vez, vasta produção agrícola. Existem escolas rurais no município, mas em grande maioria para o nível fundamental³⁹. O Ensino Médio não se encontra em todas as localidades rurais fazendo com que os alunos se desloquem por grandes distâncias para estudar. Existem 23 escolas estaduais de nível médio em Nova Friburgo⁴⁰, porém há somente uma escola para Ensino Médio voltada para o público rural, isto é, com currículo e metodologia diferenciada para este grupo. Contudo, a escola CEFFA Rei Alberto I é localizada no outro extremo do município tornando-se de difícil acesso para os estudantes que moram nos bairros apresentados nesta pesquisa.

3.1.1 Os efeitos do lugar: as áreas rurais

A partir das respostas dos questionários e das entrevistas, busquei elementos que pudessem explicar a trajetória de escolarização dos jovens estudantes moradores de áreas rurais. As categorias escolhidas foram retiradas das respostas dos alunos nas entrevistas. Considerei manter a marca da oralidade dos entrevistados nos trechos das falas dos jovens cujas transcrições se encontram neste capítulo.

Pierre Bourdieu, em *Os Efeitos do Lugar* (2012), analisa as relações entre as estruturas do espaço social e o espaço físico partindo do princípio que, seres humanos por serem corpos

³⁹ Mais informações sobre o quantitativo de escolas no município de Nova Friburgo ver: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=330340&idtema=117>> Acesso em: 04 abr. 2017.

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.escol.as/cidades/3223-nova-friburgo/categories/26-ensino-medio>> Acesso em 04 abr. 2017.

ocupam um lugar, um espaço. E “o lugar pode ser definido absolutamente como o ponto do espaço físico onde um agente ou uma coisa se encontra situado, tem lugar, existe.” (BOURDIEU, 2012a, p. 160) Segundo o autor francês, o espaço físico se caracteriza pela exterioridade ao indivíduo, enquanto o espaço social aparece em contextos diversos de acordo com a posição ou ocupação do sujeito. Assim,

A posição de um agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado (aquele do qual que está “sem eira nem beira” ou “sem residência fixa”, que não tem – quase – existência social), e pela posição relativa que suas localizações temporárias (por exemplo, os lugares de honra, os lugares regulados pelo protocolo) e sobretudo permanentes (endereço privado e endereço profissional) ocupam em relação às localizações de outros agentes; ela se exprime também no lugar que ocupa (no direito) no espaço através de suas propriedades (casas, apartamentos ou salas, terras para cultivar, para explorar ou para construir etc.) que são mais ou menos embaraçosos ou, como se diz às vezes, “space consuming” (o consumo mais ou menos ostentatório do espaço é uma das formas por excelência de ostentação do poder). Uma parte da inércia das estruturas do espaço social resulta do fato de que elas estão inscritas no espaço físico e que não poderiam ser modificadas senão ao preço de um trabalho de transplantação, de uma mudança das coisas e de um desenraizamento ou de uma deportação de pessoas, as quais suporiam transformações sociais extremamente difíceis e custosas. (BOURDIEU, 2012a, p. 160 – 161)

Dessa forma, no sistema capitalista há a valorização dos indivíduos com poderio econômico fazendo com que os espaços sociais ocupados por estas pessoas sejam mais valorizados. A questão das áreas rurais e urbanas também pode ser analisada desta forma. Muitas vezes, a zona rural é caracterizada como local de atraso em relação à cidade, pois não há internet, transporte público e atividades culturais, como teatro e cinema. Então, os moradores das áreas rurais precisam se deslocar para usufruírem de alguns tipos de lazer ou para atender suas necessidades, como ir a bancos e hospitais. Esses fatores podem classificar a moradia no campo como algo ruim. Segundo Bourdieu (2012a), o lugar em que se vive pode estigmatizar ou qualificar o indivíduo. Desse modo, quando a área rural é classificada como inferior à cidade, o morador do campo pode se perceber também como inferior ou atrasado.

Os jovens estudantes desta pesquisa apontam pontos positivos e negativos de morarem em áreas rurais. Quando perguntados sobre se gostavam de morar no campo, grande parte dos entrevistados respondeu que gosta e não tem vontade de ir morar na cidade. Um aluno, Henrique, manifestou a vontade de se mudar para a cidade.

Não gosto muito de morar em Rio Bonito. Gosto e não gosto. Quando eu era criança eu gostava. Hoje em dia acho chato morar lá. Não tem nada. Não tenho internet. E meu pai me obriga a trabalhar com ele. Eu prefiro ficar na minha avó. É mais perto do centro. Posso fazer cursos. Ir ao shopping. Mas não tenho internet e perco horas

no ônibus. Quase 2 horas para ir. Sem contar a volta. Isso quando não chove. Tenho menos vontade de sair de casa. Às vezes o ônibus nem consegue passar pela lama. Eu tenho muita vontade de sair de lá. Acho que lá é pra curtir um dia ou dois. Quero morar na cidade. Só 'tô esperando terminar este ano e vou morar com a minha avó, mãe da minha mãe. Vou arrumar um emprego e ficar pelo centro. (Henrique)

Henrique afirma que quando criança gostava de morar em Rio Bonito, mas hoje em dia prefere o centro da cidade. Percebe-se na fala do jovem aluno o aborrecimento pelo bairro “não ter nada”. Acredito que o nada, neste caso, se refere à ausência de eventos e locais que promovam a socialização do estudante, como o shopping e a internet. Henrique sente falta disto em Rio Bonito e deseja morar com a avó quando se formar no Ensino Médio. Considerando que estes bairros são caracterizados por serem franjas urbano-rurais da cidade de Nova Friburgo, os moradores possuem formas de lazer, maneiras de pensar e sentir semelhantes às pessoas que vivem na cidade, pois estes locais se tornam extensões da parte urbana. Os espaços de sociabilidade valorizados pelos jovens estudados nesta pesquisa estão situados na cidade. Outro ponto destacado pelo jovem estudante é que o pai o obriga a trabalhar quando está em casa. Seu pai trabalha com construção civil e Henrique não gosta deste serviço. Ele deseja um emprego que possibilite sua permanência na cidade.

Em contrapartida, outros alunos entrevistados afirmaram viver bem no campo.

Gosto muito de morar em Rio Bonito. Gosto da tranquilidade e da paz que o local transmite. Gosto de ouvir os pássaros e de não ouvir nada. Já percebeu que na cidade a gente sempre é obrigado a ouvir alguma coisa? Lá na roça não. Posso não ouvir nada. Posso tomar banho de cachoeira sem ter que ir muito longe da minha casa. Tudo é mais limpo. Não gosto de barulho e sujeira. (Claudia)

Gosto muito de morar no meu bairro. Gosto do contato com a natureza. Já pensei em sair sim. Principalmente quando eu não tinha carteira de motorista. Hoje em dia tenho o meu carro e posso ir às festas ou fazer um passeio na cidade. Antes eu dependia dos meus pais e do ônibus. E depender do ônibus não dá. Quando chove muito, a estrada vira uma lama. O ônibus não vai até lá em cima (no ponto final). Então eu faltava aula. Não tinha como ir à escola. Tinha dias que só com uma caminhonete para sair de casa e nem sempre meus pais podiam me levar. Hoje não penso mais em sair do Stucky. Lembro que minha família está nas terras desde muito tempo. Minha irmã pesquisou e descobriu que minha família ganhou a propriedade quando chegou no Brasil vindo da Suíça. Legal, né? Pena que muita história se perdeu desde aquela época. (Iuri)

Gosto muito de Vargem Alta. Vivi minha vida toda lá. É algo familiar. Tipo vem passando de geração em geração. Os pais dos meus pais já viveram neste local. Então me identifico com o lugar, sabe. Nunca pensei em sair. Agora que tenho meu carro posso me locomover mais rápido e melhor. Apenas melhoraria as ruas e telefonia. Meu pai teve que colocar uma antena na nossa terra para ter telefone e internet. Sai caro. (José)

Eu gosto do meu bairro. Não suporto a cidade. Não gosto do barulho e nem da poluição. O que eu não gosto no meu bairro é que não tem acesso à internet e nem o telefone celular funciona. (Júlio)

Gosto de Galdinópolis. Não gosto do centro da cidade. Gosto da tranquilidade e do silêncio do mato. Gosto de cuidar das minhas plantas. A parte ruim é a dificuldade de chegar. Eu não tenho carro nem moto, preciso de ônibus. E quase não tem ônibus. (Jonas)

Eu gosto de onde eu moro (Vargem Alta). Amo o silêncio. Detesto barulho e a poluição do centro de Friburgo. É difícil morar lá, né? Quase não tem ônibus e a estrada é de chão. Mesmo assim acho que os benefícios são maiores que os malefícios. (Juliana)

Eu gosto de viver no mato. Perto das plantações e dos animais. Eu sempre morei no Stucky e nunca pensei em sair. Gosto de lugar tranquilo. Gosto de lá mesmo sem internet e com a estrada ruim. (Luiz)

Eu gosto de morar em Rio Bonito. Apesar da distância. Mas a minha família mora lá e tenho meus amigos. Gosto do sossego e da tranquilidade que não tem na cidade. (Tatiana)

Gosto de morar no Stucky. Gosto de viver longe da agitação da cidade. Eu me sinto bem onde vivo. É calmo e incomparável à cidade. Quando de manhã o dia tá fresco, não há lugar melhor para uma caminhada. Eu, meus pais e meus irmãos morávamos em outro bairro (Debossan) até meu avô nos convidar para ir pra lá. Ele sempre morou lá. Quando ficou velhinho precisou que a gente estivesse perto dele. Ele sempre trabalhou na roça. Por isso, nunca quis sair de lá. (Daniela)

Contudo, as falas dos jovens entrevistados apresentam uma contradição a respeito do fato de morarem em áreas rurais. Eles valorizam seus bairros, gostam da tranquilidade e do silêncio, mas enumeram pontos que consideram ruins nos lugares que habitam, como o acesso à internet e telefone celular, as condições das estradas, a dificuldade na mobilidade e a pouca quantidade de ônibus. Iuri e José ressaltam a importância da antiguidade da família na posse da terra.

A história de Nova Friburgo é diferente de outras cidades do estado do Rio de Janeiro, pois como já mencionei foi uma cidade criada no século XIX para abrigar colonos que vieram da Suíça. Possivelmente, as famílias de Iuri e José receberam a terra no processo de assentamento dos suíços na chegada a Nova Friburgo. Os dois jovens vêem isto como algo positivo para permanecerem morando na área rural.

Outra questão colocada nas entrevistas foi se os alunos sentiam algum sentimento de deboche ou inferioridade por viverem no campo. Assim, alguns alunos se expressaram:

Tem pessoas que falam que o local que eu moro é muito ruim de morar. Eles (alunos da cidade) se acham superiores a nós. Só porque moram perto da escola, acham que moram melhor. Só que isso nem sempre é verdade. (Júlio)

Cansei de ouvir risinhos depois que eu falo algo. No início ficava chateado. Agora não ligo mais. O povo da cidade acha que é melhor porque fala corretamente. (Henrique)

Por eu morar em uma área rural, muitas pessoas já riram de mim. Isto porque onde eu moro não tem internet, tem pouco horário de ônibus, não tem asfalto e nem o celular funciona. Fico fora dos grupinhos da rede social. (Claudia)

Várias pessoas debocham por eu morar longe. E me sinto mal por depender de ficar na casa de alguém se eu quiser ficar na cidade até mais tarde. Não tem ônibus até tarde. (Tatiana)

As falas acima demonstram um sentimento de inferioridade em relação aos alunos da cidade. Eles reclamam de ouvir piadinhas sobre a maneira que falam ou sobre o local que moram. Claudia aponta uma questão importante para o jovem de hoje em dia: o uso das redes sociais. Por não ter internet, ela não participa dos grupos de *Whatsapp* e *Facebook* com outros jovens e acaba por ficar de fora dos comentários e assuntos dos colegas. Eu, enquanto professora, já ouvi comentários pelos corredores da escola a respeito da distância que os alunos da área rural percorrem: “Rio Bonito? Caramba! É longe! Você chega ao Rio (de Janeiro) mais rápido” (algum aluno não identificado); “Que horas você foi dormir? Sete horas? (da noite) Para acordar cinco da manhã, tem que ser” (algum aluno não identificado).

De acordo com Pierre Bourdieu (2012a),

[...] o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua comum excomunhão. (BOURDIEU, 2012a, p. 166)

Nas palavras do sociólogo francês, o local de moradia influencia na autoestima de seus moradores, pois se o bairro não é bem visto pela comunidade, seus moradores também não serão. Eles assumem as qualificações ou desprezos pelos locais que moram. Os jovens moradores das áreas rurais sentem a depreciação dos colegas por morarem na roça, em locais distantes que não possuem a mesma atratividade dos bairros próximos a cidade. Considero que o termo roça é um exemplo de exclusão e diminuição do lugar. A palavra “roceiro” é utilizada como ofensa para caracterizar uma pessoa que não é esperta e nem conhece as novidades do mundo urbano.

Estes conflitos não são observados pela escola e, por isso, não são combatidos e nem colocados em reuniões com alunos e professores para uma reflexão. Nas falas dos alunos, percebo que não há uma cobrança em relação à atitude da escola. Concluí também que isto não é um fator que atrapalha a continuidade do estudo. Pelo menos, para o grupo entrevistado, a maior dificuldade da escola é se dirigir até ela devido à distância e pouca disponibilidade de transporte.

3.1.2 As trajetórias de escolarização

Ao pesquisar trajetórias de escolarização de jovens, considere importante destacar que, segundo o dicionário Aurélio, trajetória consiste em “linha reta ou curva descrita ou percorrida por um corpo impelido por uma força.⁴¹” No caso deste trabalho, a trajetória seria o percurso de escolarização percorrido por jovens estudantes oriundos de áreas rurais que estudam em escola urbana.

O estudo sobre trajetórias exige certo cuidado, pois se trata de histórias de vida do indivíduo pesquisado. Segundo Pierre Bourdieu (2006), as histórias de vida são organizadas segundo uma ordem cronológica e lógica cujo objetivo é compreender a sucessão de acontecimentos da vida do entrevistado. Contudo, nem sempre a ordem cronológica é seguida já que os entrevistados podem relatar experiências que passaram em diferentes momentos. Para Bourdieu:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (BOURDIEU, 2006, p. 184)

Assim, há uma preocupação do entrevistador em dar sentido às respostas dadas pelos entrevistados possibilitando que se siga uma lógica mesmo que a pessoa entrevistada percorra sua memória na ordem inversa, ou seja, do atual momento para o passado. Além disso, para Bourdieu (2006),

[...] o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, (...) afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da confiança que prevalece nesses mercados protegidos. (BOURDIEU, 2006, p. 188)

Desta forma, ao relatar parte de sua vida, o entrevistado faz uma apresentação de si e do que viveu sem o intuito de parecer um momento de confiança entre duas pessoas. No momento de organizar as falas acerca das trajetórias de escolarização dos jovens estudantes, considere seguir uma ordem cronológica, mas respeitando as falas dos entrevistados. Compreendi que, para eles, isto era uma tarefa de recordação e que, possivelmente, seguia a lógica de seus pensamentos.

⁴¹ Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/trajetoria>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

A seguir, trago trechos dos depoimentos dos jovens acerca de suas trajetórias escolares em que respeitei as marcas de oralidade do momento da entrevista:

Eu comecei a estudar com seis anos. E quero continuar até o nível superior. Quero ser professora de geografia. Nunca repeti o ano e nem fiquei em recuperação em nada. Lógico que tinha umas dificuldades, não foi fácil. Sempre estudei mais na escola que em casa. Em casa eu não tenho internet. Então nunca consegui fazer pesquisas. Minha mãe me ajudava até onde ela sabia. Ela só tem a 4ª série, não tem muito conhecimento. Aprendia na escola com os professores e os colegas. Era o jeito. (Claudia)

Comecei com três anos. Cedo porque eu via os meus sobrinhos indo para a escola e queria ir junto. Eu sou a “raspa do tacho” então fui criado com meus sobrinhos. Não queria ficar longe deles. Aí, fui estudar. Nunca parei de estudar. E quero continuar estudando e, quem sabe, fazer uma universidade voltada para a área das Ciências da Natureza, Agronomia talvez. (José)

Comecei com três anos. Cedo porque minha mãe precisava me deixar com alguém para trabalhar. Não tinha ninguém, então ela me colocou na escola. Comecei perto lá de casa e depois vim para cá. E nunca quero parar de estudar. Quero continuar até onde eu puder. Quem sabe fazer Fisioterapia ou Nutrição. (Juliana)

Claudia, José e Juliana declararam querer continuar estudando após o término do Ensino Médio. De acordo com as fichas de inserção socioeconômica, os pais dos três jovens não possuem o Ensino Fundamental completo. Contudo, José e Juliana são filhos de produtores de flores e, por isso, possuem maior capital econômico que os demais colegas. Pela fala dos alunos e pela presença de suas mães na escola, constatei que há uma preocupação dessas famílias em incentivar os estudos dos filhos. Os dois jovens começaram a estudar cedo, ambos com três anos, mas por motivos diversos: José queria ficar junto dos sobrinhos que já estavam na escola e a mãe de Juliana não tinha com quem deixar a filha para trabalhar. Ao analisar estas falas, tive dúvidas se os dois frequentaram creches antes de entrarem na escola. Ambos me responderam por meio do *Whatsapp* que nunca teve creche em Vargem Alta e que estudaram sempre juntos na escola municipal do bairro e depois no Colégio Estadual X. Apesar de na época a Educação Infantil não ser obrigatória, os dois jovens já estavam na escola socializando com outras colegas e aprendendo novos conhecimentos.

Enquanto Claudia começou a estudar aos seis anos porque a escola de Rio Bonito não possui Educação Infantil, apenas Ensino Fundamental – 1º segmento, do 1º ao 5º ano. A família de Claudia (ela, seus pais e irmã mais nova) mora em um terreno pequeno da própria família. Seus pais não concluíram o Ensino Fundamental e possuem baixo poder aquisitivo: sua mãe é costureira e seu pai é lavrador. Claudia também trabalha em uma confecção próxima à sua residência para ajudar no sustento da família. A jovem deseja continuar

estudando e se tornar professora de Geografia. A família de Claudia não tem capital econômico para que possa ser convertido em capital cultural (BOURDIEU, 2014b), ou seja, a jovem estudante não tem como fazer um curso para aprimorar seus estudos após o horário da escola, nem tem muito tempo para frequentar museus e bibliotecas já que precisa trabalhar. Tal situação a deixa em desvantagem no momento de prestar o vestibular ou fazer o ENEM. Isto porque os jovens de classes mais abastadas teriam mais facilidade no momento de fazer estas provas já que também têm conhecimentos adquiridos fora do ambiente escolar.

Para Bourdieu (2014a), a escola se caracteriza por ser eficaz na contribuição para a conservação dos lugares sociais dos indivíduos. Isto porque os estudantes de camadas populares não têm condições financeiras ou tempo disponível para se dedicar ao estudo e conseguir condições de vida melhores que seus pais e avós. Segundo Bourdieu:

[...] os mecanismos de eliminação agem durante todo o *cursus* (grifo do autor), é legítimo apreender o efeito desses mecanismos nos graus mais elevados da carreira escolar. Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade do que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais do que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem de classe média. (BOURDIEU, 2014a, p. 45)

Deste modo, a possibilidade de Cláudia, uma jovem da camada popular, continuar os estudos é mais remota do que aquela que um jovem de classe média e alta. Claudia ainda menciona que a mãe só pode ajudar nos trabalhos e deveres de casa até certo tempo, pois só estudou até o 5º ano. Sem a ajuda dos pais para tirar dúvidas e fazer tarefas escolares em casa, a jovem aluna e sua família restringem à escola a função de ensinar. Isto pode ser demonstrado na fala da estudante quando diz: “Sempre estudei mais na escola que em casa”. Em sua residência, ela não tem como tirar dúvidas sobre o que está aprendendo na escola, pois já estudou mais que seus pais e, por isso, tem contato com assuntos e temas que os pais não puderam ver.

Bernard Lahire (1997 apud Oliveira 2010) demonstra em sua pesquisa que há um consenso entre o discurso dos professores e da escola quando mencionam que os pais de camadas populares não procuram se informar e nem participar da escolarização de seus filhos. Contudo, percebi que, no caso da jovem Claudia, mesmo que seus pais tenham interesse no aprendizado de seus filhos, eles delegam a responsabilidade à escola por acharem que não têm conhecimento para esta função. Há o discurso de que por saberem menos preferem não interferir nas tarefas e ações decididas pelos professores e instituição escolar.

Os outros sete entrevistados declararam não querer prosseguir com os estudos após o término do Ensino Médio, pois suas expectativas são direcionadas a um trabalho imediato. Em seus discursos também há maior presença do estudo na escola que em suas casas. Apenas Henrique tem uma trajetória de escolarização diferenciada: sua mãe é pedagoga e foi sua professora no Ensino Fundamental – 1º segmento. Mesmo assim, ele declara não gostar de estudar como pode ser observado na fala transcrita abaixo:

Eu comecei a estudar com três anos. Minha mãe é a professora da escola de Rio Bonito. Eu ia antes com ela. Ia mais novo, mas não estudava. Com três anos ela me colocou junto dos outros alunos. Ela não tinha ninguém pra tomar conta de mim. Então eu tinha que ficar o dia todo com ela. Até mais velho, eu ficava o dia todo porque ela não me deixava sozinho em casa. Apesar de nunca ter parado de estudar eu não gosto de estudar. Estudo porque tem que estudar. Antes eu até gostava e era um bom aluno. Mas isso era porque minha mãe ficava no meu pé. Depois de um tempo ela me deixou mais livre. (Henrique)

Durante o início de sua escolarização Henrique teve a mãe presente e sempre “em cima” de seus estudos. Por não poder ficar sozinho em casa, o jovem era obrigado a permanecer o dia todo na escola junto à mãe. Apesar de ter um dos responsáveis com Ensino Superior, em um ambiente onde a maioria das pessoas nem completou o Ensino Fundamental, Henrique não deseja prosseguir os estudos. O jovem mencionou na entrevista que deseja trabalhar e morar na cidade. Outro ponto importante mencionado por Henrique é que ele era um bom aluno enquanto a mãe cobrava, pois a partir do momento em que a responsável o deixou cuidar da rotina de estudos sozinho, ele deixou de ser um jovem estudioso. Mesmo não querendo dar continuidade nos estudos, Henrique é um dos dois jovens que fazem cursos concomitantes com a escola. Ele faz informática dois dias na semana após a escola. Acredito que o ato de frequentar o curso seja consequência da cobrança e preocupação de sua mãe.

Como já mostrei nesta pesquisa, a maioria dos pais e avós dos jovens entrevistados tem baixa escolaridade, sendo que alguns são analfabetos. Muitos dos estudantes salientaram em suas falas o discurso dos pais que desejam que seus filhos frequentem a escola para terem um futuro melhor que eles. De acordo com a pesquisa de Bourdieu realizada na França (2014a), os filhos de pais menos escolarizados tendem a permanecer menos tempo na escola ou a não dar continuidade nos estudos. Segundo este autor,

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os hábitos e treinamento diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta que seus pais lhes possam dar. Elas herdaram também saberes (e um “savoir-faire”), gostos e um “bom-gosto”, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais frequentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom. (BOURDIEU, 2014a, 49 – 50)

Oliveira (2010, 2015) também demonstra isto em pesquisa com os filhos de mães catadoras de lixo numa periferia urbana do Rio de Janeiro. Por terem menos informações sobre como funciona a escola e a legislação, os membros das camadas populares possuem “a herança cultural do agente desinformado sobre a escola e sua dinâmica tenderá a não se capitalizar nesse ambiente social.” (OLIVEIRA, 2010, p. 92)

Outros depoimentos dos jovens entrevistados mostram a obrigação de ter que estudar porque a família exige ou por necessidade de ter um diploma para conseguir um emprego melhor no futuro. O caso do jovem estudante Iuri é bastante peculiar, pois o jovem parou de estudar no último ano do Ensino Médio. De acordo com o jovem:

Comecei com seis anos na escola perto de casa. Vim pra essa escola com 12 anos. Nunca parei de estudar até esse ano. Posso dizer que estudar sempre foi um sacrifício para mim. Não conseguia fazer as tarefas de casa porque não tenho internet em casa. Sempre dependia dos colegas. Acho que estudei até muito. Só para os meus pais não terem problemas com o Conselho Tutelar. Não acho que estudar seja fundamental na vida de todo mundo. Meu pai estudou muito pouco e ganha muito bem na profissão dele. Para algumas profissões é importante estudar. Outras, não. Não quero mais estudar e já fiz 18 anos. Vou tentar o ENEM e me formar. Meu primo conseguiu. Vou fazer a mesma coisa. Vou tentar a certificação. (O aluno parou de estudar logo depois que fez 18 anos. Faltando pouco para terminar o ano).
(Iuri)

Para Iuri, o estudo está associado a sacrifício. O jovem mora em bairro de difícil acesso que, quando chove fica intransitável devido às más condições da estrada. Com a estrada ruim, ele faltava aula, pois não tinha como sair de casa para ir à escola. Além disso, Iuri não tem acesso à internet em sua residência e, por isso, não conseguia fazer os trabalhos solicitados pelos professores. Aponto também que, além de não ter internet para fazer atividades escolares, os pais de Iuri têm o Ensino Fundamental incompleto não sendo possível ajudá-lo na pesquisas e exercícios.

Outro ponto que chama atenção na fala do estudante é em relação à importância do estudo. Segundo o jovem: “Não acho que estudar seja fundamental na vida de todo mundo. Meu pai estudou muito pouco e ganha muito bem na profissão dele.” A mãe de Iuri é dona de casa, mas seu pai tem uma firma de construção civil. Para ele, o pai não precisou de muito estudo para ter um bom rendimento financeiro. Iuri tem duas irmãs: a mais velha já concluiu o Ensino Médio e a mais nova está cursando o 7º ano no Colégio Estadual X. A irmã mais velha fez uns cursos no SENAI, mas não quis cursar uma universidade e trabalha no comércio, no centro de Nova Friburgo.

Iuri não gosta de estudar e assim que fez 18 anos pediu transferência da escola. Não parou de estudar antes pela insistência da mãe e por medo dos pais terem problemas com o

Conselho Tutelar. Ele voltou algumas vezes para ver os amigos e conversar comigo sobre esta pesquisa. Eu o mantive na pesquisa porque ele saiu praticamente ao final do ano, não atrapalhando o desenvolvimento deste trabalho. Segundo Iuri, ele tentaria a certificação pelo ENEM. Não sei se conseguiu, pois não tive mais notícias dele no ano de 2016.

A família de Iuri tem capital econômico, mas não tem capital cultural. (BOURDIEU, 2014b) Acredito que isto possa explicar o fato do aluno não gostar de estudar e preferir trabalhar. Não há em casa o incentivo à continuidade dos estudos, nem para Iuri, nem para suas irmãs. O discurso da preocupação com a educação proferido pelos pais fica restrito à educação básica. Pierre Bourdieu (2014c) denomina de “causalidade do provável” o modo de se comportar, agir e esperar em relação ao futuro de seus filhos. Assim, nas palavras do autor:

[...] sabe-se, a propensão a abandonar os estudos é tanto mais forte – permanecendo iguais todos os outros fatores (e, em particular, o êxito escolar) – quanto mais fracas forem, para a classe de origem, as chances objetivas de acesso aos níveis mais elevados do sistema de ensino: e os efeitos dessa “causalidade do provável” são observados para além das práticas e até nas representações subjetivas do futuro e na expressão declarada das esperanças. Assim, até mesmo em um nível elevado do *cursus* (grifo do autor) e a despeito dos efeitos da superseleção, observa-se que os estudantes são tanto mais modestos em suas ambições escolares (como, aliás, na avaliação de seus resultados) e tanto mais limitados em seus projetos de carreira quanto mais fracas forem as oportunidades escolares oferecidas às categorias de que fazem parte. (BOURDIEU, 2014c, p. 98 – 99)

Deste modo, o modo como as famílias lidam com a escolarização está atrelado à sua origem social, pois indivíduos das camadas populares, médias e altas irão se comportar de formas diferentes em relação à escolarização de seus filhos.

Alguns entrevistados enfatizaram que a frequência da escola sempre esteve atrelada às dificuldades de transporte e de estudos. As falas dos entrevistados podem ser observadas abaixo:

Comecei com seis anos. Não gosto. Estudo porque meus pais me obrigam. Vou terminar o Ensino Médio. Já pensei em fazer faculdade, mas desisti. Acho que estudar é difícil e tenho preguiça. (Luiz)

Eu fui pra escola com seis anos. Tinha o transporte da prefeitura de casa até a escola. Não tinha ninguém pra me levar. Quando eu vim para cá foi mais difícil. A sorte é que a maioria dos meus amigos de lá vieram pra cá também. Aí, eu não vinha sozinho. Porque eu não gosto de estudar. Venho para ficar com a rapaziada. Gosto de ficar com meus amigos. (Júlio)

Comecei com seis anos. Onde eu moro não tem creche. A gente começa a estudar mais tarde mesmo. Eu gostava porque via meus primos. Lá em Rio Bonito quase todo mundo é parente, né? E depois da escola saíamos para brincar no terreno que ficava perto. (Tatiana)

Júlio e Luiz não gostam de estudar. A família de Luiz é produtora de flores no Stucky, ou seja, tem capital econômico, mas o jovem não quer continuar estudando e considera que estudar é difícil. Júlio relata a dificuldade do transporte de casa até o Colégio Estadual X e afirma que não gosta de estudar, mas vai à escola “para ficar com a rapaziada”. Observo que ele aproveita o momento que está no ambiente escolar para conviver com seus amigos fazendo com que a escola funcione como principal espaço de sociabilidade, dimensão ressaltada por Dayrell (1996) em suas pesquisas. Tatiana mora no mesmo bairro que Júlio (Rio Bonito) e menciona que não frequentou a creche porque não existiam creches próximas a sua residência. A jovem também resalta que gostava de ir à escola para brincar com os primos e enfatiza que em Rio Bonito todos são parentes. Neste caso, a escola parece uma extensão da família já que membros da mesma família estudavam juntos na mesma sala. Tanto Júlio quanto Tatiana relataram fatos da escola antiga. Júlio cita que tinha o transporte até em casa e que quando foi estudar no Colégio Estadual X foi “mais difícil”. Tatiana utiliza o verbo no pretérito imperfeito: “gostava”. Este uso me fez pensar que a jovem não gosta mais da escola ou que gostava daquela escola de quando era pequena e estava junto dos primos.

Por outro lado, Jonas e Daniela afirmaram gostar de estudar, mas não querem prosseguir com os estudos, conforme as falas abaixo:

Comecei com cinco anos. Sempre gostei de estudar. Aliás, sempre me cobrei muito. Odiava ser chamado atenção pela professora. Era sempre o melhor aluno da sala. Só piorei quando cresci um pouco e tive uns problemas aí. (Jonas)

Comecei com quatro anos. Nunca parei de estudar. E me considero uma boa aluna. Mas vou parar quando concluir o Ensino Médio mesmo. Quero trabalhar. Aliás, preciso trabalhar para poder casar. Coloquei currículo nas Lojas Americanas e estou esperando ser chamada. Mas meu sonho é trabalhar com estética. (Daniela)

Apesar de morar na zona rural, Jonas conseguiu começar a estudar um ano antes que seus colegas de bairro. O jovem mora em Galdinópolis e, assim como em Rio Bonito, a escola oferece o ensino a partir do Ensino Fundamental. O aluno não soube me explicar porque começou aos cinco anos, mas eu acredito que tenha sido necessidade de sua mãe deixá-lo com alguém para trabalhar. Ele afirma que sempre gostou de estudar e detestava ser chamado atenção pela professora. Somente na adolescência que ele passou a ter muitas faltas e não fazer as atividades solicitadas pelos professores. Eu presenciei esta mudança de comportamento do Jonas enquanto professora dele. Mais à frente, em outro subitem, explico como as mudanças em sua vida atrapalharam seu processo de escolarização.

Já Daniela resalta que sempre foi boa aluna, mas não vai prosseguir nos estudos. A jovem quer se casar assim que terminar o Ensino Médio e, com isso, sua prioridade é arrumar

um emprego. Como precisa de um emprego imediato irá tentar no comércio da cidade, porém seu sonho é trabalhar com estética. Para isso, ela teria que se dedicar a cursos técnicos profissionalizantes após o horário da escola.

Cada fala dos entrevistados apresentou suas peculiaridades sobre a vivência na escola e sobre o estudo. Dos dez alunos entrevistados, três desejam dar continuidade nos estudos após o término do Ensino Médio. Entre os três que almejam cursar uma universidade, dois possuem famílias com capital econômico que favoreça a aquisição de capital cultural objetivado e institucionalizado, isto é, a possibilidade de comprar livros, fazer viagens e cursos. A maioria dos jovens desta pesquisa deseja apenas concluir o Ensino Médio. Grande parte deles não gosta de estudar e vê a escola como necessidade ou sacrifício.

3.1.3 Estruturas e obstáculos para a escolarização

Enquanto professora do ensino público, percebo que a escolarização de jovens das camadas populares é mais acidentada e longa que daqueles indivíduos das classes média e alta. Alguns autores (DAUSTER, 1996; BOURDIEU, 2014c; OLIVEIRA, 2010; 2015) demonstram esta situação em seus trabalhos.

Oliveira (2015) analisa a trajetória escolar de jovens das camadas populares que moram no Complexo do Salgueiro em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Para a autora, existe uma “estranheza entre esses jovens e a escola, que parecem não se entender.” (OLIVEIRA, 2015, p. 165) Desta forma, o entendimento e o comprometimento destes jovens em relação à escola pode resultar em excessivas reprovações e, por fim, o abandono do estudo. A escola parece não fazer sentido para aquele jovem aluno oriundo das camadas populares.

Oliveira (2015) também ressalta que os estudos de Pierre Bourdieu demonstram que parte das transmissões de privilégios de classe ocorre por intermédio da escola o que faz com que essa instituição contribua para “reproduzir o lugar social dos indivíduos na hierarquia social.” (OLIVEIRA, 2015, p. 165)

Segundo Pierre Bourdieu (2014d), todos os sujeitos independentemente de suas classes sociais têm acesso à instituição escolar. Contudo, a trajetória escolar de cada indivíduo terá características diferentes de acordo com sua posição no espaço social. O autor francês também afirma que a escolarização das camadas populares pode ter momentos que oscilam

entre o fracasso de uma repetência e o sucesso da aquisição do diploma, por exemplo. Nas palavras de Bourdieu:

Os alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, ao fim de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com pesados sacrifícios, um diploma desvalorizado; e, se fracassam, o que segue sendo seu destino mais provável, são votados a uma exclusão, sem dúvida, mais estigmatizante e mais total do que era no passado: mais estigmatizante, na medida em que, aparentemente, tiveram “sua chance” e na medida em que a definição da identidade social tende a ser feita, de forma cada vez mais completa, pela instituição escolar; e mais total, na medida em que uma parte cada vez maior de postos no mercado do trabalho está reservada, por direito, e ocupada, de fato, pelos detentores, cada vez mais numerosos de um diploma (o que explica que o fracasso escolar seja vivido, cada vez mais acentuadamente, como uma catástrofe, até nos meios populares). (BOURDIEU, 2014d, p. 248)

Assim, diferente das classes mais abastadas, os jovens das camadas populares têm mais dificuldades de estudar, seja com a falta de estrutura das escolas que frequentam, seja com o pouco apoio familiar e por não contarem com pais que funcionam como professores ocultos. A ausência de capital cultural interfere também na formação do sujeito que sai para o mercado de trabalho com apenas um diploma, enquanto jovens das camadas média e alta têm cursos de aperfeiçoamento que incrementam seus currículos, além de capital social, relações sociais, que operam no rendimento do capital cultural adquirido.

Os jovens entrevistados nesta pesquisa apresentam o discurso da dificuldade de ir e se adaptar ao Colégio Estadual X. A grande maioria dos entrevistados veio de escolas rurais que tinham metodologias de ensino e horários diferentes das escolas urbanas. O encontro com o novo colégio pode gerar dúvidas e receios que podem atrapalhar o convívio com outros colegas e até mesmo o aprendizado do estudante.

A distância e a dificuldade com o transporte até a escola são apontados por todos os entrevistados como um percalço para o estudo. A palavra desistência é bastante citada nos discursos, assim como a insistência das mães para a continuidade dos estudos. Estas questões podem ser observadas nas falas abaixo:

Apenas com o transporte. Eu moro bem longe. Quase no ponto final de Rio Bonito. Eu tenho que acordar muito cedo para pegar o ônibus. Não temos carro. Depender de ônibus é muito ruim. Quando chove fica pior. (Claudia)

Já enfrentei muitos problemas para estudar. Moro em um lugar muito ruim de ônibus. E de estrada também. Muitas vezes faltei aula porque não tinha como sair de casa por causa do estrago da chuva na estrada. Minha casa é ótima, mas muito mal localizada. Quando minha mãe não podia me buscar, eu tinha que pegar o ônibus do Stucky, descer no ponto final e caminhar uma distância enorme até em casa. (Iuri)

Sim. A distância e o deslocamento. Não tem ônibus toda hora. Dependo de alguém me levar até o asfalto (Estrada Mury-Lumiar) para eu pegar um ônibus para chegar à

escola. Agora eu tenho carteira de motorista. Posso ir dirigindo até o asfalto ou até a escola. Mas, antes eu dependia de um irmão ou um vizinho para levar. Assim, juntavam vários colegas que também estudam aqui e tínhamos que ir e voltar na mesma hora. Isso desanima bastante. (José)

A locomoção. Não tem ônibus até a escola toda hora. Então meus tios ou primos têm que nos levar (meus primos, meu irmão ou vizinhos) até o asfalto para pegar o ônibus. Dependo de alguém me buscar no asfalto para eu voltar pra casa também.” (Juliana)

Sim. A falta de ônibus e a estrada ruim. Muitas vezes eu não ia para a escola porque o ônibus não vinha até próximo da minha casa. (Luiz)

O problema do ônibus e da estrada ruim. Quando chove a estrada fica muito “lameada” e o ônibus não consegue subir porque fica muito escorregadio. Quando isso acontece temos que descer a pé para pegar o ônibus perto do asfalto. Levamos em média 15 a 25 minutos. Mas, hoje em dia, podemos dizer que não somos tão prejudicados, pois na época da minha mãe, eles tinham que ir a pé até a escola, que não é tão perto assim. Demorava de 1h30 a 2h até chegar e mesmo depois de todo esse sacrifício ela não pode desfrutar tanto de seus estudos, pois teve que sair da escola quando estava na 4ª série, 5º ano, para ajudar minha avó a tomar conta dos irmãos e ajudar nas tarefas domésticas. (Daniela)

Para estes jovens o transporte e as condições da estrada são os maiores empecilhos para a frequência na escola e continuidade dos estudos. Os alunos que moram na localidade de Rio Bonito acordam muito cedo para pegar o ônibus às 5h. O ato de ter que acordar cedo e enfrentar 2h de viagem até a escola também é apontado como grande ostáculo. A situação piora quando chove, pois como as estradas são de terra, os veículos não podem exceder na velocidade. Algumas vezes fui surpreendida com a notícia de algum pequeno acidente com o ônibus por conta da chuva e da estrada ruim. Iuri e Luiz relatam que já faltaram aula porque não tinham como sair de casa por conta do mal estado da estrada. Isto porque o ônibus deixa de fazer o itinerário por receio de atolar na estrada que fica com muita lama em períodos de chuva.

Os jovens que moram em Vargem Alta, José e Juliana, citam a dificuldade do transporte. Como já mencionei anteriormente, os ônibus que saem de seu bairro em direção à escola não passam na hora que eles precisam para irem para a aula. Eles dependem de outras pessoas para levá-los até a estrada Mury – Lumiar e, de lá, pegar outro ônibus. José esclarece que agora ele tem carro e assim pode ir até a estrada sem depender de ninguém. O jovem dá carona a Juliana, que é sua sobrinha, e mais outros estudantes moradores de Vargem Alta quase todos os dias.

Daniela também tem dificuldades com o ônibus e é obrigada a andar a pé certo trecho do caminho quando chove. Contudo, a jovem ressalta que antigamente era pior, pois não tinha ônibus e sua mãe tinha que ir a pé de casa até a escola. “Demorava de 1h30 à 2h até chegar e

mesmo depois de todo esse sacrifício ela não pode desfrutar de seus estudos.” Mesmo com tanto esforço, a mãe não pode continuar estudando: teve que parar para ajudar a cuidar da casa e dos irmãos mais novos. Observo na fala de Daniela que a vida da mãe é um exemplo que a incentiva a não desistir, isto porque a aluna vê as próprias dificuldades como menores que aquelas passadas por sua mãe. Hoje, Daniela tem ônibus para ir à escola. Sua mãe tinha que fazer o percurso a pé. Daniela está concluindo o Ensino Médio, sua mãe parou no 5º ano do Ensino Fundamental.

Além da mãe de Daniela que serve como exemplo para a filha, as atuações das outras mães estão muito presentes na fala dos entrevistados, no que se refere ao acompanhamento dos estudos dos filhos, o que não ocorre com os pais dessas famílias, que na divisão social do trabalho familiar parecem não se ocupar da função de acompanhamento escolar. Elas parecem ser o ponto de apoio dos jovens e o contribuem como o maior incentivo para não desistirem de estudar mesmo com as dificuldades da distância e transporte. Isto pode ser observado abaixo:

O transporte e a distância. Moro muito longe e é muito cansativo acordar muito cedo e enfrentar aquela estrada. Nunca desisti porque minha mãe nunca deixou. E, na verdade, ela está certa. Para eu trabalhar na cidade e arrumar um emprego para me sustentar, tenho que ter um diploma. Quero fazer mais cursos de informática. Não sei para falar a verdade, tenho preguiça de estudar. (Henrique)

Sim. Moro bem longe. Você sabe que às vezes, quando chove, nem o ônibus consegue ir lá. A estrada é ruim. A lama dificulta muito. Eu tenho que acordar bem cedo e nem moro no ponto final de Rio Bonito. Outra coisa que sempre me desanimou estudar é o modo como o pessoal da escola me olhava. Sempre me sacaneavam por causa do meu modo de falar. Só porque eu sou da roça. Eu nunca desisti de estudar porque minha mãe nunca deixou. Ela acha que eu tenho que ser alguém na vida. E o estudo ajuda nisso. E porque, mesmo não gostando de vir à escola, eu gosto de estar com meus amigos. Vou parar agora quando terminar o Ensino Médio. Nem sei como eu cheguei até aqui. (Júlio)

Sim. Vários. Primeiro o fato de que quando eu era criança eu vivia só com minha mãe e ela precisava trabalhar. Quase não tinha tempo pra me ajudar. Outro problema é que nossa casa não tinha luz. Eu me lembro de fazer o dever com uma vela acesa e eu não terminava de fazer o dever porque a vela apagava. Minha mãe mandava um bilhete para escola explicando isso, mas a professora não acreditava. Dizia que eu mentia. Eu ficava muito triste. Quando eu vim estudar aqui, o problema passou a ser a distância e a falta de ônibus. Depois, quando minha mãe morreu. Aí foi mais difícil. Foi difícil. (O aluno fica um pouco pensativo. A mãe dele faleceu há dois anos. Ela era alcoólatra). Não desisti porque eu gostava de estudar e acreditava que aprender era importante para a minha vida. Depois, pela minha mãe. Era o sonho dela. Mas vou parar agora quando terminar o Ensino Médio. Quero só trabalhar. (Jonas)

Sim. A distância de 2h de estrada e o ônibus quebrando. Eu moro há 20 km depois do ponto final de Rio Bonito. Ou seja, depois de andar 2h de ônibus ainda ando 20 km a pé para chegar em casa. Nem sempre alguém pode me buscar de moto ou carro. É muito desanimador. Por isso muita gente desiste. Não desisti porque meus

pais não deixaram. Eles acreditam que estudar é importante. Querem uma vida melhor pra mim. Pelo menos melhor que a deles. Então eu continuei estudando. Repeti um ano. Mas não parei. Vou parar agora quando terminar o Ensino Médio. (Tatiana)

Assim, a insistência da família para os jovens não pararem de estudar se faz presente nestes discursos. As mães são muito mais citadas que os pais pelos jovens. Estes citam o termo, os pais quando querem falar do casal (mãe e pai) e não para falar do pai. Acredito que o papel das mães no estímulo à escolarização é maior que o dos pais, pois apesar de estarmos no século XXI, as mulheres ainda são vistas como responsáveis por acompanhar o cotidiano escolar de seus filhos. Geralmente, são as mães que escolhem qual a escola seus filhos serão matriculados; são elas que comparecem às reuniões da escola; também são elas que verificam deveres e atividades para serem feitas em casa; dentre outros. Segundo Carvalho (2004), na divisão social do trabalho da família brasileira, as mulheres continuam desempenhando o papel importantíssimo de acompanhamento da escolaridade dos filhos.

Não é diferente entre os mais pobres, pois segundo Léa Paixão (2007), as famílias de classes populares brasileiras também se preocupam com o desenvolvimento do estudo de seus filhos mesmo que pareçam se preocupar menos que as famílias das classes média e alta. Para Léa Paixão:

Em princípio, as famílias estão pelo menos atentas ao que se passa na escola, considerando tanto as dimensões instrumentais quanto as de socialização que estão imbricadas, em intensidades variadas, nas trajetórias escolares: nas opções por escolas, no acompanhamento da vida escolar. A escolarização faz parte de um processo social pelo qual os indivíduos aprendem comportamentos, valores, habilidades sociais, representações de si e do outro, estilos de vida, modo de se relacionar com os outros, para se integrarem à sociedade em diferentes posições, em diferentes espaços. (PAIXÃO, 2007, p. 238)

As etapas de escolarização passadas pelo jovem da camada popular são acompanhadas em parte pela família, que muitas vezes, não consegue compreender as exigências da escola e nem as legislações em vigor (THIN, 2006). Mesmo que a família delegue à escola o papel de ensinar, os pais se mostram atentos com a frequência e com os resultados de seus filhos. Isto pode ser exemplificado no discurso dos entrevistados que afirmam que nunca pararam de estudar porque a mãe ou os pais, no caso, o casal, nunca deixaram. A mãe de Júlio nunca o deixou parar de estudar apesar do desânimo. De acordo com o jovem: “Ela acha que eu tenho que ser alguém na vida.” Nem os pais de Tatiana que estimulam a filha trazendo suas próprias vidas como exemplo, pois ambos estudaram muito pouco e lutam bastante para terem uma vida digna. Segundo a aluna: “Eles acreditam que estudar é importante. Querem uma vida

melhor pra mim. Pelo menos melhor que a deles.” Isto mostra que, para esta família, o estudo e a aquisição do diploma é a oportunidade de uma vida melhor, talvez com menos sacrifícios. Como não conversei com os responsáveis pelos jovens entrevistados, não posso afirmar o que eles pensam a respeito das escolhas de seus filhos. Mas, acredito que o ato de incentivar a conclusão do Ensino Médio significa preocupação frente ao futuro dos jovens.

A presença e o incentivo da mãe são tão importantes que a ausência destes fatores podem prejudicar o bom rendimento do jovem aluno. Isto ocorreu com Jonas. Ele me relatou que sempre foi um estudante dedicado, com ótima frequência e notas altas. Mesmo o conhecendo há uns quatro anos, soube alguns fatos de sua vida que eu fiquei emocionada. O aluno me contou que começou a estudar com cinco anos de idade como ouvinte em uma escola rural/multisseriada perto de sua casa. Ele ia a pé nos primeiros anos. Depois começou a ir de Kombi (veículo que faz o transporte da prefeitura). Ele e a mãe moravam em uma pequena casa e eram muito pobres.

A história de Jonas possui particularidades: sua mãe faleceu há dois anos e ele foi morar com o pai e o meio-irmão. Devido a alguns problemas de convivência ele passa alguns dias na casa da tia em um bairro na cidade. Quando conversei com ele, senti que ao falar de sua vida ele ficava emocionado e parecia sentir falta da mãe. Algumas vezes troquei o assunto da conversa com o intuito de deixá-lo mais a vontade.

Conheço Jonas desde o 9º ano e acompanhei seu crescimento e mudanças enquanto estudante. Também percebi como ele se tornou mais distante e arreado quando sua mãe faleceu. Sabia que ele tinha dificuldades de transporte para chegar à escola, mas não sabia que até os dez anos de idade ele não tinha energia elétrica em casa. No mesmo instante lembrei-me das histórias do meu pai que, filho de agricultores, estudou em escola multisseriada e fazia seus deveres de casa sob a luz da lamparina, pois não tinha energia elétrica em casa. Mas, meu pai morou na área rural (no município de Santo Antônio de Pádua – RJ) nas décadas de cinquenta e sessenta do século XX. O jovem Jonas nasceu em 1998. Eu, de maneira equivocada, pensava até aquele momento que muitas invenções que facilitaram a vida do homem, como a luz elétrica, a água encanada e o telefone, alcançassem a maior parte da população ou todas as pessoas da minha convivência. Este relato me causou uma comoção ao mesmo tempo que modificou o meu olhar sobre os meus alunos.

O fato de não ter luz elétrica e precisar da vela trazia dificuldades na escola que Jonas frequentava. Ele afirmou que, como ficava sem luz, não conseguia fazer o dever de casa e a professora não acreditava nele quando tentava justificar o porquê de não ter feito as tarefas.

Para um estudante dedicado, esta desconfiança era muito ruim.

Além disso, a morte da mãe mexeu bastante com o estudante que aponta este problema como justificativa para seu rendimento escolar ruim. Na entrevista, ele menciona que era um bom aluno, mas “teve uns problemas aí”. Isto mostra, sendo até explicável, que Jonas não teve o mesmo ânimo para se dedicar ao estudo como antes.

As entrevistas dos jovens apresentadas nesta pesquisa mostram que as trajetórias de escolarização dos jovens de camadas populares e residentes em áreas rurais é permeada por dificuldades que podem levar à repetência ou à evasão. Eu presenciei neste colégio muitos jovens que desistiram de estudar para trabalhar e/ou por conta da distância percorrida todos os dias. Todos os jovens entrevistados também conheciam alguém, geralmente da própria família, que tinha parado de estudar. Estudos recentes sobre a juventude do campo (BRUMER, 2007; VALADARES, 2016) mostram que há um número crescente de jovens, sobretudo mulheres, que optam por deixarem o campo para prosseguir os estudos na cidade a fim de conseguir uma vida melhor. Nem todos dão prosseguimento nos estudos seguindo o Ensino Superior. Mas muitos jovens terminam o Ensino Médio com a finalidade de conseguir um emprego com maior renda e possíveis garantias de uma vida melhor.

3.1.4 O mundo do trabalho e o projeto de vida dos jovens

Dos dez jovens entrevistados, três não trabalham: Henrique, Daniela e Juliana. Algumas vezes, Henrique auxilia seu pai que é pedreiro. Daniela cuida do serviço da casa, o que se caracteriza por ser um trabalho não remunerado. A jovem estudante cuida dos irmãos mais novos, da roupa, da alimentação e da limpeza da residência enquanto os pais estão trabalhando. Juliana afirmou que apenas auxilia sua família na produção de flores quando há necessidade, pois ela não gosta de trabalhar com isto. A família da aluna é produtora de flores na localidade de Vargem Alta e em algumas épocas do ano em que aumenta a produção de flores, ela e o irmão ajudam na colheita e armazenamento. De acordo com a jovem:

Às vezes ajudo meus pais na colheita das flores. Mas apenas quando a encomenda é muito grande. Não gosto. Minha família cultiva flores e revende no Ceasa no Rio de Janeiro. Determinadas épocas do ano, perto de festas, eu ajudo na colheita. Mas não gosto. Acho um trabalho cansativo. (Juliana)

Apesar de gostar de viver na área rural, Juliana não quer ter um emprego ligado ao campo. A estudante deseja cursar o Ensino Superior e sua família a apóia nisto.

Os outros jovens se manifestaram de forma diferente em relação ao trabalho. Segue abaixo as falas dos jovens entrevistados:

Sim. Trabalho em confecção. Comecei a trabalhar para ajudar meus pais. Também para ter um dinheirinho para comprar minhas coisas. Comecei com 13 anos na confecção. Antes de trabalhar em confecção, eu vendia aquelas revistas da Avon e Jequiti para a minha tia. Ganhava muito pouco. Acho que nessa época eu tinha 13 (anos) também. Trabalho por dia umas 6 horas. Mais ou menos 30 horas por semana. Faço muita coisa e ganho pouco. Acho um trabalho muito cansativo. Eu empacoto as peças e coloco nas caixas. Às vezes, eu chego em casa e durmo direto de tão cansada. Às vezes o trabalho atrapalha a escola. Principalmente quando tenho trabalhos para entregar e não consigo fazer porque estou na confecção. É muito difícil, melhor dizendo, cansativo, trabalhar e estudar. Sorte de quem só estuda. (Claudia)

Sim. Trabalho com faxina nas casas de veranistas em Rio Bonito. Comecei com 12 anos empacotando calcinhas em uma confecção e vendia Avon para minha mãe. Eu tive que começar a trabalhar para ajudar meus pais. Hoje em dia não trabalho todos os dias. Sou uma diarista. E trabalho depois da escola e nos sábados. Não ganho muito e acho meu trabalho muito desgastante. Quando terminar a escola terei mais tempo para trabalhar. Ou continuo com esse serviço ou trabalho na cidade no comércio mesmo. (Tatiana)

Claudia e Tatiana possuem histórias semelhantes em relação a como começaram a trabalhar: as duas começaram cedo, com 12 e 13 anos; venderam produtos em revistas como Avon e Jequiti; e empacotaram lingerie em confecção. As duas jovens justificaram que precisavam ajudar suas famílias e por isso começaram a trabalhar muito cedo. Claudia ainda permanece trabalhando na confecção que é próxima a sua residência. Ela trabalha todos os dias após o horário da escola. Eu questionei se seu trabalho atrapalhava seus estudos e a jovem disse: “É muito difícil, melhor dizendo, cansativo, trabalhar e estudar. Sorte de quem só estuda.” Claudia se sente cansada ao final do dia e não tem ânimo para estudar. Quando tem tarefas da escola para entregar, têm dificuldades de fazê-las por passar parte do dia na confecção.

Tatiana trabalha como diarista na limpeza das casas dos veranistas em Rio Bonito. A jovem não trabalha todos os dias e, por isso, não vê o trabalho como obstáculo a um bom desempenho nos estudos. No entanto, Tatiana não quer continuar estudando após terminar o Ensino Médio. Para a jovem, o tempo que ela permanece na escola, ela perde no serviço. Assim, ela declarou na entrevista: “Quando terminar a escola terei mais tempo para trabalhar. Ou continuo com esse serviço ou trabalho na cidade no comércio mesmo.” Neste caso, o tempo dedicado ao estudo não é valorizado. Em contrapartida, a jovem estudante vê que,

assim que terminar a escola, poderá se dedicar a um emprego o dia inteiro, possivelmente, na cidade.

Júlio e Jonas têm a mesma fala: “Trabalho com o que aparecer”. Os dois jovens não têm emprego fixo e fazem “bico”, ou seja, trabalham com serviços como ajudante de pedreiro, jardinagem, dentre outros. Júlio começou a trabalhar para comprar coisas que eram de seu interesse. Enquanto Jonas precisava ajudar sua mãe nas despesas de casa. Segundo os jovens:

Trabalho com o que aparecer. Com jardim, ajudando meu pai que é pedreiro e assim vai. Comecei a trabalhar para poder comprar minhas coisas. Comecei com 14 anos ajudando meu pai nas obras. Trabalho mais ou menos 6 h por dia. 30h por semana. Acho este trabalho muito cansativo, mas tenho vontade de mudar para algo que eu ganhe mais dinheiro. (Júlio)

Trabalho com o que aparecer. Geralmente com jardim. Comecei a trabalhar para ajudar minha mãe nas despesas de casa. Comecei com 12 anos. Na confecção em Galdinópolis mesmo. Fazia pequenos serviços. E mais tarde nos jardins das casas de veraneio perto de casa. Hoje em dia trabalho mais ou menos 6 h por dia quando tenho um “trampo”. 36h por semana. Às vezes até domingo. Não ganho bem e acho meu trabalho super cansativo. As pessoas não valorizam. Eu gostaria de trabalhar com algo que me canse menos. O trabalho atrapalhou um pouco [o estudo]. Às vezes chegava muito cansado e não conseguia acordar cedo. Ou dormia na sala de aula. (Jonas)

O trabalho aparece como horizonte na vida destes jovens mais que os estudos. Percebi tal fato na fala de Júlio onde a prioridade é arrumar outro emprego que seja menos cansativo, mas que possa ganhar mais dinheiro. Já Jonas analisa como seu trabalho é cansativo e desvalorizado pelas demais pessoas. Também tem o intuito de trabalhar com algo que canse menos, mas não sabe informar com o que exatamente. Ele percebe o quanto o trabalho atrapalha sua vida escolar, pois diz que: “Às vezes chegava muito cansado e não conseguia acordar cedo. Ou dormia na sala de aula.” Apesar de gostar de estudar, o jovem não quer prosseguir com os estudos. Lembro que Jonas perdeu a mãe há dois anos e isto o deixou bastante abalado podendo ter afetado seus planos para o futuro.

Os alunos Iuri, Luiz e José trabalham com salário fixo. Iuri trabalha na construção civil e Luiz e José na produção de flores de suas respectivas famílias. Eles recebem um valor certo em dinheiro por mês e com este, podem comprar carros e motos. Nas palavras deles:

Trabalho na construção civil. Comecei a trabalhar porque eu quis. Para poder comprar as minhas coisas e pagar as minhas dívidas. Tenho uma moto. Ajudo meu pai desde os 12 anos. Mas, ganhando salário foi a partir dos 16 anos. Sou o faz-tudo da obra. Trabalho em média umas 8h por dia. Às vezes mais de 40h por semana. E trabalho sábado também. Gosto do que eu faço. Não quero mudar. (Iuri)

Sim. Na produção de flores. Eu que quis. Para poder pagar o meu carro e minhas motos. Meu pai nunca me obrigou. Comecei com 12 anos. Na produção de flores do

meu pai. Hoje tomo conta de uma parte sozinho. Cuido das mudas. Colho e coloco no transporte para o Rio. Trabalho umas 6h por dia. Às vezes mais de 36h. Quando tem festas, nós vendemos mais. Tem mais trabalho. Mesmo assim, nunca quis mudar de trabalho. O fato de trabalhar nunca atrapalhou a minha vida na escola. (Luiz)

Sim. Trabalho na produção de flores. Agricultura. Comecei a trabalhar por opção própria. Para poder comprar as minhas coisas e pagar as minhas dívidas. Tenho carro. Comecei com 16 anos. Como agricultor nas terras do meu pai ou ajudando no transporte de flores para o Rio de Janeiro. Determinadas épocas eu ajudo meus irmãos no transporte de flores com caminhão. Trabalho umas 6h por dia. Umas 36h por semana porque trabalho sábado também. Eu gosto do que faço. Não quero mudar. O trabalho sempre foi opção minha. Meus pais nunca me obrigaram a trabalhar e entendem que eu preciso estudar. Eu também priorizo a escola. Quando tenho provas, tento trabalhar menos. (José)

Iuri começou ajudando o pai aos doze anos e aos dezesseis passou a receber salário. Ele gosta do que faz e não pretende mudar de profissão. O jovem começou a trabalhar porque quis, pois queria comprar uma moto. Iuri não é o único jovem que trabalha para ter moto ou carro. Devido ao pouco horário de ônibus, muitos jovens começam a pilotar muito cedo, antes dos dezoito anos. Nunca notei uma preocupação dos responsáveis ou dos alunos em estarem infringindo a lei, ou seja, dirigindo veículos sem terem carteira de habilitação e idade adequada.

Luiz e José trabalham com produção agrícola. Luiz começou a trabalhar com doze anos para “poder pagar o meu carro e minhas motos”, segundo o próprio aluno. Ele começou ajudando o pai, mas com o passar do tempo passou a tomar conta sozinho de determinado espaço da produção de flores. Por ser um menino quieto, poucas pessoas sabem disso. Eu, inclusive, só fui saber quando o entrevistei, pois ele nunca mencionou que tinha esta responsabilidade antes. A família de Luiz tem poder aquisitivo que permite que o jovem compre suas coisas sem precisar ajudar nas despesas de casa.

Uma situação semelhante ocorre com José. Começou a trabalhar cedo porque quis para poder comprar as coisas que desejava. Sua família também tem capital econômico que permite que o estudante trabalhe apenas para ele e não para ajudar a sustentar a casa. No entanto, diferente de Luiz, José quer continuar estudando e seus pais o apóiam nisto: “Meus pais nunca me obrigaram a trabalhar e entendem que eu preciso estudar. Eu também priorizo a escola. Quando tenho provas, tento trabalhar menos.” Há uma preocupação na fala do aluno em valorizar o estudo e isto não é observado na fala de Luiz.

A princípio pensei que por terem capital econômico, as famílias destes alunos se preocupassem com uma boa formação escolar de seus filhos, incentivando-os a prosseguirem estudando. Contudo, pude verificar que não é bem assim que ocorre. A família de Luiz, por

exemplo, tem boa condição financeira o que possibilita a aquisição de bens materiais, como ferramentas para a produção, caminhões, carros e motos. Mas, não se preocupam em adquirir capital cultural (BOURDIEU, 2014b) para a formação do estudante. Assim, mesmo tendo condições, o jovem estudante não tem acesso a viagens culturais, visitas a museus, aquisição de livros, dentre outros, pela família não ter este tipo de preocupação. Luiz não quer fazer um curso técnico, nem uma faculdade. Ele deseja somente trabalhar após o término da escola.

A família de José valoriza a iniciativa do filho querer prosseguir os estudos. Apesar dos pais não terem o Ensino Fundamental completo, eles incentivam o jovem. Acredito que na família não há uma preocupação para a aquisição de capital cultural no estado objetivado, por exemplo, como livros e obras de arte. Porém, há a ideia de que é necessário estudar, ter um diploma e prosseguir nos estudos. Como falei anteriormente, José é tio de Juliana e, por terem quase a mesma idade, foram criados juntos. Os dois querem cursar o Ensino Superior, o que parece ser apoio e presença da família para a continuação dos estudos.

Percebi que os alunos entrevistados começaram a trabalhar no período dos doze aos catorze anos, apenas José começou com dezesseis anos. Esta situação não respeita a legislação do país que prevê: “Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de catorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.” (ECA – LEI Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990) Nenhum dos jovens entrevistados mencionaram ter trabalhado na condição de aprendiz. Nenhum também afirmou ter tido a garantia dos direitos trabalhistas e previdenciários após os catorze anos conforme está no ECA. Nunca percebi nas conversas com estes jovens ou com seus responsáveis a preocupação por trabalharem antes da idade exigida por lei. Acredito, inclusive, que grande parte dos pais não sabem da existência da lei.

De acordo com Tânia Dauster (1996), as camadas populares não vêem o período da infância como uma etapa longa, pois logo surge a necessidade dos jovens ajudarem nas despesas de casa. Sendo assim, a escola que é oferecida foi pensada para uma infância e juventude de longa duração que, no caso, é o modelo presente nas camadas médias e altas da sociedade, que não precisam se preocupar tão cedo com trabalho e sobrevivência.

3.1.5 A escola multisseriada e a escola de ensino regular

Nos últimos anos, a educação nos espaços rurais tem apresentado mudanças na sua

estrutura, tais quais, fechamento e/ou nucleação de escolas fazendo com que grande quantitativo de crianças e jovens desloquem grandes distâncias para estudar. (Cordeiro, 2013a) Em sua pesquisa, Cordeiro (2013b) demonstra a partir dos dados do Censo Escolar/INEP 2006 que existe precariedade na educação das áreas rurais em relação às áreas urbanas. A autora aponta que:

[...] 23,3% da população de 15 anos ou mais da zona rural é analfabeta, contra 7,6% na zona urbana; apenas 6,4% das crianças da zona rural de 0 a 3 anos estão sendo atendidas pela educação infantil, contra 19,6% na zona urbana; 66% das crianças da zona rural de 4 a 6 anos estão sendo atendidas na educação infantil, contra 80,4% na zona urbana; a distorção idade – série na zona rural é de 38,9% no 1º segmento do Ensino Fundamental, 51% no 2º segmento e 55,8% no Ensino Médio. (CORDEIRO, 2013b, p.21)

Desta forma, os estudantes das zonas rurais parecem ter mais dificuldades em seus percursos escolares que aqueles que moram e estudam em áreas urbanas. Isto me permite pensar se existem desigualdades na forma em que as instituições escolares urbanas e rurais são tratadas pelas políticas públicas visto que há grande diferença em números nos dados apresentados acima. Cordeiro (2013b) afirma que o modelo educacional urbano é imposto à população rural sem considerar aspectos característicos do campo, como modos de vida, tempos para colheita, distâncias percorridas entre a residência e a escola, dentre outros. Isto pode afetar principalmente a estrutura das escolas e a adaptação dos estudantes.

As autoras Druzian e Meurer (2013) analisam a questão da educação nas áreas rurais observando como funcionam as escolas multisseriadas. Segundo as autoras:

As características geográficas, sociais e culturais locais determinam que o ensino, nas séries iniciais, seja multisseriado na maioria das escolas rurais, segundo dados do Educacenso 2011. Diante disso, faz-se imprescindível definir as classes multisseriadas que (...) são turmas nas quais um professor tem a responsabilidade exclusiva por dois ou mais níveis de escolaridade ao mesmo tempo e espaço. Cabe ressaltar que essa organização do ensino no Brasil está intrinsecamente ligada ao meio rural, uma vez que é, neste espaço, que essa realidade configura-se. (DRUZIAN e MEURER, 2013, p. 130)

Assim, as classes multisseriadas são encontradas nas áreas rurais quando “(...) se tem um número reduzido de alunos por série, justificando a permanência deles nas escolas mais próximas de suas localidades, evitando que os estudantes percorram longos trechos até a área urbana ou que acabem evadindo.” (DRUZIAN e MEURER, 2013, p. 131) Neste caso, a ideia das classes multisseriadas é possibilitar menos abandono e deslocamento dos estudantes que moram na zona rural. No entanto, esbarra-se em outras questões: é visto como um ensino de qualidade inferior ao modelo urbano e seriado e sobrecarrega o professor. Desta forma, o

ensino multisseriado é apresentado como atrasado e de qualidade ruim em comparação com o ensino da escola seriada. Druzian e Meurer (2013) destacam também que o professor das escolas multisseriadas possui baixa qualificação e, geralmente, não tem acesso a materiais didáticos que contribuam para o melhor resultado do aprendizado. Além disso, exige-se do professor um excesso de trabalho que vai além da sua função de docente. Para as autoras:

Nas turmas multisseriadas, existe um único professor, assumindo, muitas vezes, múltiplas funções, de faxineiro a professor, para duas, três e até quatro séries diferentes ao mesmo tempo e no mesmo espaço. A existência das escolas unidocentes denuncia a desvalorização e a sobrecarga de trabalho do professor, que atende a demanda de várias séries e ainda desempenha todas as funções no âmbito da escola, desde a docência, passando pelo preparo da merenda, até a limpeza do estabelecimento. (DRUZIAN e MEURER, 2013, p. 133)

O fato do educador ter muitas funções atrapalha seu trabalho enquanto mediador de aprendizagem, pois ter que dar aulas para várias séries no mesmo espaço exige mais planejamentos e mais desenvolvimentos já que terá contato com crianças de várias idades ao mesmo tempo. Druzian e Meurer (2013) apontam que, além das aulas, muitas vezes o professor também é o responsável pela limpeza e pelos cuidados com a merenda. Esta sobrecarga o faz trabalhar mais que professores das escolas seriadas que têm apenas uma turma por vez em sala de aula e não precisam se preocupar com a limpeza do local e nem a alimentação dos estudantes.

A maioria dos jovens estudantes desta pesquisa estudou em escola multisseriada até o 5º ano do Ensino Fundamental. Apenas Luiz não estudou. Todos os alunos relataram que sentiram dificuldades quando passaram a estudar no Colégio Estadual X que é uma escola seriada. Eles relataram que sentiram espanto com o tamanho e a quantidade de professores que passaram a ter conforme as falas abaixo:

Sim. Lá em Rio Bonito. Estudei lá até o 5º ano. Eu gostava. E tive dificuldades quando eu vim para cá. Pelo menos até eu me adaptar com tantos alunos em uma sala só e tantos professores diferentes. Lá eu sabia onde a professora morava. Aqui éramos todos estranhos. Outra dificuldade foi acordar cedo. De madrugada. Vinha dormindo no ônibus. Mas depois eu me acostumei. (Claudia)

Perto de casa. Onde minha mãe dá aula. Estudei lá até o 5º ano. Bem, quando sua mãe te dá aula, tudo é chato. Ela queria que eu fosse o exemplo. E eu queria brincar e conversar. Quando eu vim para cá fiquei mais livre. Mas também senti dificuldades. A escola é maior. Vários professores. E o fato de ter que acordar cedo e enfrentar quase 2h de ônibus para vir e depois para voltar. Foi cansativo. (Henrique)

Sim. Lá perto de casa. É a única que tem por lá. Estudei lá até o 5º ano. Na escola de Rio Bonito. Eu gostava. E achei muito difícil quando eu vim para cá. Tinha até vergonha de falar e os meninos ficavam me sacaneando. Achavam que eu falava engraçado. Eu me aborrecia com isso. Nem falava com os professores quando eu

tinha dúvida. Por mim, eu nem tinha vindo estudar aqui. Lá, em Rio Bonito, era menor e todo mundo se conhecia. (Júlio)

Sim. Estudei lá até o 5º ano. Na escola de Galdinópolis. Eu gostava porque conhecia todo mundo. Parecia até uma família. Senti dificuldades para me adaptar quando vim para cá. Muitas matérias novas e muitos professores. Passei a me cobrar mais. Ninguém me cobrava. Eu que me cobrava. (Jonas)

Sim. Até o 5º ano eu estudei na escola de Rio Bonito. Ela é multisseriada. Eu gostava. Mas senti muita dificuldade quando vim para cá. Lá, eu estava próximo de casa e conhecia todo mundo. Inclusive a professora que morava perto. Ela era muito atenciosa. Quando vim fazer o 6º ano aqui foi muito difícil. Comecei a acordar de madrugada. Chegava cansada na escola. Tinha muitas matérias e muitos professores. Eu me senti perdida e demorei a me acostumar. E tinha dificuldade de aprender a matéria. (Tatiana)

Sim. Em Vargem Alta. Hoje em dia a escola só atende como creche. Mas quando eu estudei tinha duas séries juntas. Eu me lembro disso: de estudar com outra turma junto. Estudei lá até o 5º ano e depois vim para cá. Eu gostava porque eu estudava com muitos amigos, primos e sobrinhos juntos. Era tipo uma família. Quando cheguei aqui era muita gente na escola. Foi difícil adaptar. Mas depois gostei de estudar aqui. (José)

Sim, quando eu comecei a estudar. Foi perto de casa. Estudei até o 5º ano e depois vim para cá. Por um lado eu preferia ter ficado lá. Era mais perto de casa e eu conhecia todo mundo. Por outro lado, eu fiquei com medo na época. Achava que aqui era uma escola enorme com muita gente. Hoje em dia eu vejo que foi a melhor coisa ter vindo para este colégio. Tem o problema do ônibus, mas é uma escola boa com professores bons. (Juliana)

Sim. Antes de vir para cá estudei na escola do Stucky. Era mais fácil e divertido. Todo mundo estudava junto. Senti muita dificuldade quando vim para cá. As turmas eram bem mais cheias e eu não conhecia ninguém. E muitos professores. Eu ficava confuso. (Iuri)

Sim. Estudei até o 3º ano no Stucky mesmo. Depois fui para outra escola da prefeitura e depois vim para cá. Era bem diferente. Tinha uma professora só e várias séries juntas na mesma sala. Não éramos muitos alunos. E eu sempre ajudava as séries menores que a minha. Eu senti dificuldade quando eu saí de lá. Parece que lá o ensino era mais fraco ou a professora não conseguia atender a todo mundo. (Daniela)

Observei que todos os jovens afirmaram que gostavam da escola multisseriada, pois parecia “uma família”. A palavra adaptação foi mencionada várias vezes ao relatarem a dificuldade quando foram estudar no colégio atual. Isto porque antes tinham contato apenas com um professor e passaram a conhecer vários docentes divididos por disciplinas. Havia um contato mais íntimo com o professor da escola multisseriada. Claudia sabia onde a professora morava. Henrique estudava com a mãe. Esta intimidade se perde com a troca de escola que é apontada por Júlio como difícil: “achei muito difícil quando eu vim para cá. Tinha até vergonha de falar. (...) Nem falava com os professores quando eu tinha dúvida. Por mim, eu nem tinha vindo estudar aqui. Lá, em Rio Bonito, era menor e todo mundo se conhecia.”

Tatiana aponta a dificuldade de cursar o 6º ano somada a distância e o fato de ter que acordar cedo. A aluna diz: “Tinha muitas matérias e muitos professores. Eu me senti perdida e demorei a me acostumar. E tinha dificuldade de aprender a matéria.” Nadir Zago (2007 apud Oliveira 2010, p. 129) afirma que em suas pesquisas com mães pertencentes a camadas populares, o 6º ano (antiga quinta série) é considerado como “(...) o período em que as dificuldades na escola se acentuam, sendo caracterizada como uma fase difícil de ser ultrapassada.” (OLIVEIRA, 2010, p. 129) Assim, pode ser o momento em que, possivelmente, ocorrem reprovações levando a desânimo e abandono do estudo.

Ao compararem as duas escolas, a multisseriada e o Colégio Estadual X, os jovens estudantes relataram ter tido dificuldades em relação ao tamanho da escola, ao número de estudantes e ao ensino. Daniela considera o ensino do Colégio Estadual X mais forte, pois sentiu dificuldades de aprendizado quando passou a estudar na rede estadual. Ela diz que: “E eu sempre ajudava as séries menores que a minha. Eu senti dificuldade quando eu saí de lá. Parece que lá o ensino era mais fraco ou a professora não conseguia atender a todo mundo.” Desde o momento que comecei a trabalhar no Colégio Estadual X, não observei nenhuma ação da equipe de professores e diretores com objetivo de acolher estes alunos a fim de facilitar sua adaptação ao novo ambiente escolar.

Ao contrário dos demais, Luiz sempre estudou no Colégio Estadual X. Até o ano de 2010 a escola também oferecia o Ensino Fundamental – 1º segmento, mas no ano de 2011 a prefeitura de Nova Friburgo passou a ser a única responsável por ofertar estas séries. Luiz estudou na escola seriada por escolha de sua mãe, como se observa na fala do aluno:

Não. Sempre estudei aqui. Mas sei que tem uma escola multisseriada no Stucky. Não estudei lá porque minha mãe achava que o ensino lá era ruim. E esta escola aqui sempre teve fama de uma boa escola. Acho que minha mãe estudou aqui. Então ela achou melhor me matricular aqui. (Luiz)

Além da fala do Luiz, observei comentários positivos em relação à escola vindos de outros responsáveis e pessoas da comunidade. Estes comentários feitos de boca a boca servem para divulgar o trabalho realizado na escola e auxiliam na decisão dos pais de onde devem colocar seus filhos.

Os estudos sobre as escolas multisseriadas mostram que, no Brasil, elas estão presentes, majoritariamente, no campo. Este fato reforça o descaso das secretarias de educação em relação à qualificação do professor e ao ensino desta escola. Salomão Hage (2011) constata que no Brasil o ensino padrão a ser seguido é o urbano e seriado o que faz caracterizar como atrasado todos os outros que não se encontram neste perfil. Para o autor:

Esse discurso se assenta no paradigma urbanocêntrico, de forte inspiração eurocêntrica, que estabelece os padrões de racionalidade e de sociabilidade ocidentais como universais para o mundo, impondo um único modo de pensar, agir, sentir, sonhar e ser como válido para todos, independentemente da diversidade de classe, raça, etnia, gênero e idade existente na sociedade. Esse paradigma exerce muita influência sobre os sujeitos do campo e da cidade, levando-os a estabelecer muitas comparações entre os modos de vida urbanos e rurais, entre as escolas da cidade e as do campo, e a compreender que as do campo devem seguir os mesmos parâmetros e referências daquelas da cidade, se quiserem superar o fracasso escolar e se tornar escolas de qualidade. (HAGE, 2011, p. 105)

Desta forma, ao colocarem o ensino das cidades como aquele que deve ser seguido, os sujeitos que moram em áreas rurais e frequentam escolas multisseriadas têm que conviver com um ensino considerado mais fraco em comparação ao das escolas seriadas e urbanas. Além disso, como Hage aponta, a valorização do ensino e práticas pedagógicas da cidade faz com que as escolas do campo sigam os referenciais e parâmetros das escolas de cidade como uma forma de se tornarem escolas de qualidade. Assim, não há preocupação sobre o contexto, vivência e necessidades dos alunos que moram em áreas rurais no momento de elaborarem as metodologias e currículos das escolas multisseriadas.

3.1.6 Pedagogia da Alternância e o ensino voltado para o campo

A última pergunta da ficha socioeconômica era sobre a escola com pedagogia da alternância. Optei por colocar esta questão por existir uma escola com esta metodologia na localidade de Vargem Alta como já mencionei anteriormente.

A Pedagogia da Alternância vem sendo utilizada na formação de jovens e adultos moradores do campo consistindo em uma proposta pedagógica e metodológica para atender as necessidades dos sujeitos das áreas rurais. De acordo com Cordeiro (2011):

Assumindo o trabalho como princípio educativo, a Pedagogia da Alternância permite aos jovens do campo a possibilidade de continuar os estudos e de ter acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos não como algo dado por outrem, mas como conhecimentos conquistados e construídos a partir da problematização de sua realidade, que passa pela pesquisa, pelo olhar distanciado do pesquisador sobre o seu cotidiano. (CORDEIRO, 2011, p.116)

Assim, esta modalidade de ensino tem o intuito de favorecer o acesso e a permanência dos jovens e adultos das áreas rurais na escola, pois esta é adaptada ao modo de vida do estudante morador da zona rural. Como mencionei no primeiro capítulo, a Pedagogia da

Alternância surge no Brasil na década de 60 no estado do Espírito Santo e desenvolve-se pelo país. Atualmente, a cidade de Nova Friburgo tem duas escolas com esta modalidade: o CEFFA Flores e o CEFFA Rei Alberto I. No entanto, nem todos os moradores das regiões próximas a estes colégios optam por estudar neles. Acredito que a opção por não estudar em uma escola com Pedagogia da Alternância esteja relacionada à falta de conhecimento sobre a modalidade e também ao fato de algumas famílias prepararem seus filhos para um modo de vida urbano. Cabe ressaltar que muitos moradores de áreas rurais não trabalham com produção agrícola e pecuária, apenas moram no campo e mantêm empregos urbanos. Este é o caso da maioria dos estudantes desta entrevista.

Segundo Frazão e Dália (2011),

[...] um CEFFA se baseia em quatro pressupostos: o desenvolvimento do meio, a formação integral do educando, a associação de pais e a Pedagogia da Alternância. Estes quatro elementos (...) constituem a marca identitária dos CEFFAs, já que estavam presentes desde as primeiras instituições. Esses pilares não poderiam ser desenvolvidos de forma isolada. Ao contrário, o bom funcionamento de um CEFFA e, conseqüentemente da Pedagogia da Alternância, só é possível por meio de uma ação que tenha por base uma articulação entre esses elementos. (FRAZÃO e Dália, 2011, p. 3)

Deste modo, para os autores, além da Pedagogia da Alternância existem outros elementos que sustentam o bom funcionamento de uma escola CEFFA, como a preocupação da formação integral do aluno e a participação dos pais. Conforme foi mencionado, muitos pais pertencentes às camadas populares delegam à escola a função de escolarizar seus filhos tendo pouca participação em reuniões e projetos promovidos pela instituição escolar. De certa forma, acredito que a exigência da escola com Alternância inibiu a escolha dos pais de colocar seus filhos no colégio com esta modalidade como pude observar na fala do jovem Iuri apresentada mais abaixo.

Dos dez alunos entrevistados, três já tiveram contato com a Pedagogia da Alternância: Iuri, José e Juliana. Nenhum dos três estudou na escola, mas tiveram irmãos e tios que estudaram. A seguir, as falas dos jovens:

Mas minha irmã estudou lá. E meus tios também. Tem uma em Vargem Alta. Meus tios estudaram pouco. Não sei dizer se gostavam. Mas a minha irmã não aguentou e minha mãe colocou ela aqui. Para ela foi difícil por causa das tarefas e projetos para casa. Na semana que ela estava em casa, ela tinha que fazer um projeto. Mas não tinha ninguém para ajudar. Lá em casa, ninguém nunca ajudou a fazer o dever. Era muito difícil. Ela corria o risco de repetir. Assim, acho que ela se sentia, como se fala, (pausa) desamparada. Isso, desamparada. E outra coisa é que nós não temos produção rural. Onde ela iria colocar em prática os projetos da escola. Porque é isso que ensina nessa escola, a cuidar da terra. (Iuri)

Eu nunca estudei. Mas conheço. Tem uma em Vargem Alta e meus irmãos estudaram lá. Meus irmãos são mais velhos que eu, então eu nem lembro quando estudaram. Eu sei que minha mãe não quis me colocar lá porque o ensino era muito “puxado” e voltado só para o campo. Ensino de “coisas do campo”. Ela queria que eu estudasse em uma escola completa. E na minha época já tinha a estrada (Mury – Lumiar) e meus pais tinham condição de me trazer até aqui. Com os meus irmãos isso era impossível. Acho que se eu estudasse lá não estaria preparado para fazer o Enem. (José)

Minha mãe estudou. Ela não comenta muita coisa. Ela preferiu que eu e meu irmão estudássemos aqui porque o ensino é melhor para cursar uma universidade. E como vinha um grupo de parentes estudar aqui, era mais fácil organizar as tarefas dela. (Juliana)

Iuri tem uma irmã mais nova que estudou seis meses no CEFFA Flores em Vargem Alta. Segundo o aluno os pais optaram por transferir a filha para o C. E. X pela quantidade de exercícios e tarefas que ela levava para casa. Como eu afirmei no capítulo 2, na alternância o aluno fica uma semana em casa fazendo atividades e projetos. Tal situação é difícil para o aluno que não tem os responsáveis ou outra pessoa que possa ajudar nas tarefas. A família de Iuri se encaixa neste perfil. Eles preferiram colocar os filhos em escolas de ensino regular em que a maioria das atividades é feita na própria unidade escolar.

Segundo Lea Paixão (2006), há expectativa da escola em relação ao comprometimento das famílias, pois “para muitos educadores, existe relação entre sucesso ou fracasso escolar e o *interesse dos pais* (grifo da autora), revelado pelo acompanhamento de perto das atividades escolares dos filhos (...)”. (PAIXÃO, 2006, p. 58) Assim, a escola espera que a família cumpra seu papel de auxiliar na escolarização dos seus filhos. Para Paixão (2006):

A família representa, para a escola, a possibilidade de estender sua atuação. A escola supõe que os alunos continuem, em casa, o trabalho pedagógico que ela vem desenvolvendo. Espera que tal aconteça sob a coordenação de um outro adulto na família, que se constitui, na verdade, em um “professor oculto”. Ele deve prestar apoio ao aluno em tarefas escolares, como pesquisas, organização de material a ser apresentado aos colegas etc. Entre as responsabilidades que cabe a essa figura, está uma que ocorre ao longo do ano letivo de forma sistemática: acompanhar, orientar, verificar a realização do dever de casa. (PAIXÃO, 2006, p. 59)

Seja na modalidade regular ou na alternância, de acordo com Paixão (2006), o momento em família deveria ser um prolongamento do que é aprendido na escola. As tarefas escolares, como dever de casa e pesquisas, precisam ser feitas com um amparo de um adulto para que o estudante continue o processo de ensino-aprendizagem fora do ambiente escolar. Contudo, o que foi percebido no discurso dos jovens entrevistados e nas minhas observações como professora da escola é a falta de ajuda para fazer as tarefas e pesquisas em casa, seja pela ausência de internet, seja pelos pais ou responsáveis não possuírem capital cultural que é

o mais oculto e importante investimento familiar e que pode explicar o sucesso e fracasso nas trajetórias escolares dos filhos.

Mais uma vez retorno ao trabalho de Pierre Bourdieu (2014b) para tentar compreender esta ausência da família nos deveres de casa e pesquisas. O conceito de capital cultural elaborado pelo sociólogo francês permite explicar que a ausência deste capital em qualquer um dos seus estados (incorporado, objetivado e institucionalizado) interfere no desempenho escolar dos estudantes. Iuri mencionou a dificuldade da família em lidar com os projetos que a irmã que estudava na alternância levava para casa. Ele disse: “Mas não tinha ninguém para ajudar. Lá em casa, ninguém nunca ajudou a fazer o dever. Era muito difícil. Ela corria o risco de repetir. Assim, acho que ela se sentia, como se fala, (pausa) desamparada. Isso, desamparada.” Desta forma, a mãe de Iuri optou por colocar a filha no Colégio Estadual X. Outro ponto levantado pelo jovem é o fato de a família não ter produção rural e por isso, não precisar de um ensino voltado para o campo. Para Iuri, a escola com alternância ensina a “cuidar da terra”, não havendo a necessidade de ter este tipo de aprendizado.

Em contrapartida, as famílias de José e Juliana têm produções rurais. Mas, seus pais optaram por matriculá-los no Colégio Estadual X. José relata que foi escolha da mãe a opção pela escola de ensino regular. O jovem mencionou que a mãe não quis colocá-lo na alternância pelo ensino ser “puxado” e voltado para o campo. Ele disse: “Ela queria que eu estudasse em uma escola completa.” Considerei que a escola completa seria aquela que prepara para ter uma profissão e para cursar uma universidade. A escola com Pedagogia da Alternância da comunidade é vista como colégio para aqueles que querem aprender “coisas do campo”. Juliana reforça esta ideia quando cita que, apesar da mãe ter estudado na alternância, preferiu que os filhos estudassem em uma escola com “o ensino melhor para cursar uma universidade”.

Observei que a Pedagogia da Alternância é vista pelas famílias dos jovens entrevistados como algo difícil devido aos excessivos trabalhos para serem feitos em casa o que necessita da ajuda de outra pessoa, geralmente um adulto mais escolarizado. Além disso, as escolas de alternância são tratadas pelos responsáveis dos alunos entrevistados como obstáculos para prosseguimento dos estudos para aqueles que querem cursar uma universidade. A opção pela escola de ensino regular é justificada pela preparação para passar no ENEM.

3.1.7 Expectativas para o futuro e escolha profissionais

Estudos sobre juventude (BRUMER, 2007; CASTRO, 2005; CARNEIRO, 2007; PENATIERY, 2012; PEREGRINO, 2014; SPÓSITO, 1996) mostram que esta fase se caracteriza pelas expectativas e projetos em relação ao futuro. Assim, há uma cobrança da sociedade para o jovem planejar seu futuro e determinar qual a profissão deseja ter. Contudo, a juventude de áreas rurais ainda enfrenta outro dilema: a decisão de ficar ou sair do campo.

De acordo Kummer e Colognese (2013), há alguns fatores que interferem na decisão do jovem morador das áreas rurais, como:

[...] os mecanismos de inserção em atividades urbanas; o envelhecimento da população rural; a saída recorrente “das jovens” e a conseqüente masculinização da população do campo; a probabilidade de uma situação de celibato entre os jovens do sexo masculino; os problemas de acesso à educação no campo; a característica urbana das escolas do campo; as demandas por atividades de lazer; demandas por acesso a informação (internet); demandas por acesso à renda; os processos de sucessão; os conflitos familiares e as estratégias de permanência lançadas por uma parcela desses sujeitos. (KRUMMER e COLOGNESE, 2013, p. 211)

Desta forma, todos estes fatores interferem na escolha do jovem das áreas rurais que, muitas vezes, opta por ir morar na cidade contra sua vontade, mas por necessidade. Brumer (2007) também ressalta que as jovens moças deixam as áreas rurais em maior quantidade que os rapazes. Para a autora, isto é decorrente da desvalorização das atividades femininas no espaço rural.

Nas entrevistas realizadas por mim, as meninas não demonstraram vontade de ir morar na cidade. Apenas Henrique declarou ter esse desejo quando terminasse o Ensino Médio. Contudo, todas as moças querem seguir profissões urbanas: Claudia quer ser professora; Juliana quer ser nutricionista ou farmacêutica; Tatiana quer trabalhar no comércio; Daniela quer trabalhar com estética, mas está procurando emprego no comércio. Enquanto os meninos possuem o discurso de terminarem o Ensino Médio para conseguirem um emprego melhor. Apenas José quer cursar a graduação voltada às ciências da natureza, possivelmente em agronomia. Mencionei que a família de José tem recursos financeiros permitindo que o aluno possa escolher trabalhar para si sem a necessidade de ajudar em casa. Além disso, o jovem é o filho “temporão”, sendo assim sua família já estava estruturada financeiramente quando ele alcançou a juventude.

Para Penatieri (2012) os jovens das classes sociais mais baixas vivenciam uma pressão no momento de fazer a escolha entre a continuidade dos estudos e a procura do primeiro

emprego. Desse modo, o pertencimento a uma classe social interfere nos projetos de futuro desses jovens, pois assim como nesta pesquisa o trabalho desenvolvido por Penatieri (2012) mostra que jovens das camadas populares têm como objetivo buscar um emprego após o término do Ensino Médio. Enquanto os jovens com maior poder aquisitivo podem almejar uma vida escolar mais longa sem a preocupação da sobrevivência financeira.

Sposito e Galvão (2004 apud PENATIERI, 2012, p.127) reafirmam esta ideia quando pensam sobre a experiência escolar do jovem do Ensino Médio. Assim:

No último degrau da educação básica, os dilemas que marcam a transição para outro patamar do ciclo de vida ficam mais evidentes. A continuidade dos estudos não se afigura como caminho imediato para a maioria, o desejo de trabalhar ou de melhorar profissionalmente para os já inseridos no mercado torna-se mais urgente com a preocupação do iminente desemprego ou da precariedade ocupacional. Os jovens alunos são impelidos a pensar nas escolhas imediatas (...) (SPOSITO e GALVÃO, 2004, p. 374 – 375 apud PENATIERI, 2012, p. 127)

Com isso, os estudantes se vêem no momento de incertezas e cobranças por serem jovens e terem que começar a tomar decisões para suas vidas. O pensar em como será o futuro traz angústias para estes indivíduos que se sentem cobrados pelos pais, escola e sociedade. Nas entrevistas eu questionei o que os jovens estudantes pensavam em relação ao futuro e a maioria respondeu que esperam ser capazes de se sustentar e trabalhar. Todos têm receios de passarem por dificuldades financeiras e a valorização do ter dinheiro é muito forte entre eles.

De acordo com Marília Spósito (2011), o modo de se observar e compreender os jovens foi modificado juntamente com as mudanças na sociedade brasileira. Para a autora:

[...] o modo como os jovens vivem essa etapa de vida também se altera, uma vez que a escolaridade já não se afigura mais como elemento garantidor da entrada no mundo do trabalho, especialmente se considerarmos o ingresso no mercado formal de ocupações e as posições dos estratos menos privilegiados da sociedade, exatamente aqueles que têm acesso tardio aos degraus mais elevados do sistema de ensino. (SPOSITO, 2011, p. 90)

As entrevistas com estes dez jovens rurais permitiram um maior aprofundamento sobre as expectativas de escolarização e perspectivas para o futuro. A escola é vista como um caminho para se alcançar uma vida melhor. Tanto os meninos quanto as meninas vêem o diploma com uma ferramenta que possibilita mais conquistas financeiras e materiais por meio de um bom emprego. As falas abaixo demonstram isto:

Estudar para sonhar com um futuro melhor. De tanto ver os pais da gente trabalhando, sofrendo dia-a-dia e ver que no final do ano... não dá! A gente não sonha muito no interior, sonha com o básico: ter um trabalho, ter teu próprio dinheiro, saber em que gastar. A gente sonha ter um emprego para construir as coisas, a gente sempre quer mais. (Daniela)

Nunca desisti porque minha mãe nunca deixou. E, na verdade, ela está certa. Para eu trabalhar na cidade e arrumar um emprego para me sustentar, tenho que ter um diploma. Quero fazer mais cursos de informática. Quem sabe uma faculdade de informática. Não sei para falar a verdade, tenho preguiça de estudar. (Henrique)

É preciso aprender alguma coisa. Na verdade minha mãe que insistiu para eu estudar. Eu não queria, mas eles acham que mais estudo é melhor, consegue emprego. (Iuri)

Quando afirmam que estudar é importante para se conseguir um emprego e ter boas condições financeiras, os jovens reconhecem que o estudo possibilita um futuro melhor. Muitos alunos sabem da dificuldade de conseguir um emprego sem um diploma e citam a vida dos pais como exemplo. Daniela ressalta o sofrimento dos pais no trabalho e afirma que o estudo é um meio de sonhar com um futuro melhor. Henrique e Iuri se lembram do papel desempenhado pelas suas respectivas mães que incentivam e não permitem que parem de estudar.

O desejo de permanecer morando no campo não está atrelado a trabalhar no campo. Os jovens entrevistados observam as dificuldades do dia a dia e desejam um emprego que traga recursos financeiros e materiais. Para isso, a necessidade de conseguir o diploma de Ensino Médio.

Segundo Carneiro (2011), a decisão de permanecer ou não no campo está atrelada às condições de realização dos desejos profissionais. Na pesquisa realizada por esta autora foi constatado que os jovens moradores de áreas rurais se interessam pelos mesmos assuntos dos jovens urbanos – educação, emprego, cultura e lazer. Contudo, os temas educação e emprego chamam mais atenção dos jovens do campo. Para Carneiro (2011), isto ocorre devido à “(...) importância atribuída pela população jovem (e por seus pais) à educação como meio de acesso a uma ocupação mais bem remunerada e menos penosa que a agricultura.” (CARNEIRO, 2011, p. 248) Assim, a valorização do ato de estudar, sobretudo pelos pais dos jovens, está na possibilidade de alcançar uma vida menos penosa em uma profissão fora da agricultura. Nas palavras de Carneiro (2011):

O “estudo” é, então, visto como o principal caminho para abrir novas alternativas ao “trabalho pesado”, ao pequeno retorno monetário e às incertezas sobre o futuro da agricultura, o que leva esses agricultores a vislumbrarem a cidade como alternativa desejável para os filhos, onde “a vida é mais fácil” em comparação ao “péssimo negócio” que representa a atividade agrícola (...). Mesmo entre os que se consideram bem-sucedidos na atividade agrícola, são poucos os que desejam que os filhos deem continuidade à lavoura familiar, pesando nessa avaliação o pessimismo quanto ao futuro das condições de produção do pequeno produtor. (CARNEIRO, 2011, p. 248) (Grifos da autora)

A desvalorização da atividade agrícola faz com que os pais incentivem os filhos a buscarem outras profissões que tenham retorno financeiro e sejam menos cansativas que a agricultura. Cabe ressaltar que, a maioria dos pais, tanto da pesquisa realizada por Carneiro (2011) quanto da minha pesquisa, estudaram até o 5º ano, antiga 4ª série. Tal situação reforça o estímulo dos pais para que seus filhos estudem, pois vêem no estudo a oportunidade de uma vida melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Autores que analisam o impacto da reprodução das desigualdades sociais promovida pela escola e a escolarização dos jovens brasileiros (APPLE, 2005; BOURDIEU e PASSERON, 2013, BOURDIEU, 2014a, CARRANO, 2014; CHARLOT, 2007; DAYRELL, 1996; SPÓSITO, 1996, 2011) apontam que as decisões e opções das políticas públicas educacionais são importantes para se entender as trajetórias de escolarização dos jovens analisados nessa pesquisa, e que, diversas vezes, contribuem para a transformação das desigualdades sociais em desigualdades escolares.

Muitas medidas e leis, como a LDB 9394/96, afirmam que o currículo e as ações da escola devem incentivar o avanço dos alunos, respeitando as características da comunidade específica. Tal situação se observa com mais clareza na educação dirigida às populações indígenas e de assentamentos rurais. Mas, não são tão respeitadas nas escolas de ensino regular urbanas em que atuo.

A pesquisa realizada buscou mostrar as dificuldades dos jovens que moram em áreas rurais no município de Nova Friburgo e estudam em uma escola urbana. O problema com o horário do transporte público, a distância percorrida até a escola, a mudança de uma escola multisseriada para uma escola regular e seriada, o modo de falar e viver das áreas rurais que, às vezes, é ridicularizado pelos moradores das zonas urbanas, a necessidade de dividir o tempo entre o estudo e o trabalho, são fatos presentes no cotidiano dos jovens estudantes que participaram desta pesquisa.

O estudo mostrou que o Ensino Médio, para esses jovens, representa uma possibilidade de conseguir um emprego melhor. Além disso, esta modalidade de ensino é a porta para a entrada em um curso superior. A aquisição do diploma de conclusão no Ensino Médio representa a saída do campo para a maioria dos jovens entrevistados que não vêem um futuro promissor na lavoura. A questão da mudança para a cidade é mais forte em famílias que não são donas da própria terra evidenciando a exploração do trabalhador no campo. Outro fator que faz com que o jovem queira se mudar está no transporte precário e na distância que é obrigado a percorrer para estudar ou trabalhar na cidade.

A questão do Colégio Estadual X não ser adequado à realidade rural não está presente nos discursos dos alunos rurais que gostam da escola deste jeito e a consideram mais fácil que a escola com Pedagogia da Alternância. Um dos apontamentos demonstrado por esta pesquisa

é que a ausência de capital cultural está atrelada às dificuldades e continuidade de estudo. Os entrevistados relataram que seus pais/responsáveis têm pouca escolarização e, muitas vezes, não podem ajudar nos deveres de casa. Este ponto pode ser considerado como empecilho para estudar em escolas com Pedagogia de Alternância, pois há a necessidade do estudante levar roteiro de estudos para casa com o objetivo de serem aplicados e executados junto as famílias. A Alternância também é apontada pelos jovens entrevistados como uma metodologia para aqueles alunos que os pais têm produção rural e almejam permanecer no campo.

Apesar de morarem em áreas rurais, grande parte dos membros das famílias possui empregos urbanos, como no comércio, na construção civil, nas pousadas, nos restaurantes e na faxina de casas. Da mesma forma, os alunos entrevistados indicaram que seus planos para o futuro são urbanos. Isto porque pensam em conseguir empregos na cidade e cursar a universidade. Os jovens, de maneira geral, indicaram que gostam do lugar em que foram criados, contudo isto não gerou uma ligação com o trabalho no campo. Somente dois estudantes pensam em fazer atividades ligadas ao campo: José quer fazer o curso de Agronomia e permanecer com o trabalho na produção de flores de sua família e Luiz quer continuar trabalhando e administrando sua plantação de flores.

Acredito ser importante afirmar que qualquer escola, urbana ou rural, deve considerar as especificidades de alunas e alunos a fim de construir currículos e metodologias apropriados para a realidade daquele público. A educação deve ser vista como prática social e histórica e, portanto, indissociável das condições de vida dos sujeitos. Em relação à educação de jovens rurais, a escola deve buscar um meio de encontrar uma ligação entre o conhecimento científico (academia) e o conhecimento prático (saber popular). Assim, o trabalho rural deve ser visto como uma forma de saber que valoriza a visão de mundo de estudantes do meio rural.

Desta forma, é importante a apropriação da obra de Paulo Freire (1979, 1980, 1987, 1996) pelas escolas brasileiras de maneira a dialogar com a cultura local, assim como, acredito que o diálogo com a realidade desses jovens e com seus saberes poderia modificar esses destinos escolares. Isto porque a valorização do conhecimento trazido pelo estudante, seja das áreas periféricas urbanas, seja das áreas rurais, é um caminho para possibilitar uma relação de ensino-aprendizagem dialógica e a formação do sujeito de forma integral, mas esse é um vasto campo de estudos que deverá ser investigado em trabalhos de pesquisa futuros.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. *Para além da lógica do mercado: Compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo*. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2005.

ARROYO, Miguel G; FERNANDES, Bernardo M. *A educação básica e o movimento social do campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, nº 2.

BEZERRA NETO, Luiz. *Educação do campo ou educação no campo?* RevistaHistedbr Online, Campinas, SP, n.38, p. 150-168, jun 2010.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, P. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org) *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.

BOURDIEU, P. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org) *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

BOURDIEU, P. *Futuro de classe e causalidade do provável*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org) *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014c.

BOURDIEU, P. *Os excluídos do interior*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org) *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014d.

BOURDIEU, P. *Efeitos do Lugar*. In: BOURDIEU, P. (Org) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

BOURDIEU, P. *Compreender*. In: BOURDIEU, P. (Org) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

BOURDIEU, P. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína P.; FERREIRA, Marieta M. (Orgs) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRASIL. *Decreto 7.532 de 04 de Novembro de 2010*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2010/decreto-7352-4-novembro-2010-609343-publicacaooriginal-130614-pe.html>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

BRASIL. *ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 17 abr. 2017.

BRASIL. *LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2014.

BRASIL. *Lei Nº 12.852 de 05 de Agosto de 2013*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm>. Acesso em 04 abr. 2017.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 29 de out. 2014.

BRUMER, Anita. *A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade*. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. (Org) *Juventude rural em perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAMPOLIN, Aldalgiza Ines. *Quando alunos e alunas são rurais e a escola é urbana: O significado do Ensino Médio para jovens rurais*. 2000. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2000.

CARNEIRO, Maria José. *Juventudes e novas mentalidades no cenário rural*. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. (Org) *Juventude rural em perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO, Maria José. *Juventude rural: projetos e valores*. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2011.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan/abr, 2004.

CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural*. 2005. 380f. Tese (Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.

CHARLOT, Bernard. *Valores e normas da juventude contemporânea*. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir. (Orgs) *Sociologia da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CORDEIRO, Georgina, et al. Pedagogia da alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. *Em Aberto*, Brasília, v.24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011.

CORDEIRO, Tássia. Reorganização espacial da oferta escolar: o fechamento de escolas rurais no estado do Rio de Janeiro. *Rev. Tamoios*, São Gonçalo, ano 09, n. 2, p.112-126, jul/dez, 2013a.

CORDEIRO, Tássia. *Nenhuma escola fechada! Os impactos da nucleação escolar no embate entre educação rural e educação do campo*. 2013b. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013b.

DAUSTER, Tânia. *Construindo pontes – A prática etnográfica e o campo da educação*. In: DAYRELL, J. (Org) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sócio-cultural*. In: DAYRELL, J. (Org) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1996.

DRUZIAN, Franciele; MEURER, Ane Carine. Escola do campo multisseriada: experiência docente. *Geografia, Ensino e Pesquisa*, v.17, n. 2, p. 129 – 146, maio/ago, 2013.

FRAZÃO, Gabriel A; DÁLIA, Jaqueline M. Thurler. *Pedagogia da Alternância e desenvolvimento do meio: possibilidades e desafios para a educação do campo fluminense*. In: II Conferência do Desenvolvimento CODE – IPEA, 2011, Brasília, DF. Anais. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo16.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luis Carlos de. A avaliação e as reformas dos anos de 1990: novas formas de exclusão, velhas formas de subordinação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 133-170, abr. 2004.

GAMBOA, Silvio Sánchez. *Quantidade – qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica*. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez. (Orgs) *Pesquisa educacional: quantidade – qualidade*. São Paulo: Cortez, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HAGE, Salomão M. Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. *Em Aberto*, Brasília, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr. 2011.

KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. *Tempo da Ciência*, Cascavel, PR, v. 20, n. 39, p. 201 – 220, 1º semestre de 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.38, n.1, p. 13-28, 2012.

MACHADO, Carmem L. B.; CAMPOS, Christiane S. S.; PALUDO, Conceição (Orgs). *Teoria e prática da educação do campo: análise de experiências*. Brasília: MDA, 2008.

MAIA, Ana Claudia Nunes; ANDRADE, Gevson Silva. As modificações na franja-urbanarural no município de Timbaúba. *Revista Rural e Urbano*, Recife, v.01, n. 01, p. 159-165, 2016.

MAIA, Alexandre Gori; BUAINAIN, Antônio Márcio. *O novo mapa da população rural brasileira*. Nov. 2015. Disponível em: <<https://confins.revues.org/10548>> Acesso em: 15 mar. 2017.

MARTINS, José de Souza. Educação rural e o desenraizamento do educador. *Revista Espaço Acadêmico*, São Paulo, n°49, Junho/2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/049/49cmartins.htm>> Acesso em: 04 ago. 2015.

MARTINS, Maria de Fátima A.; CONDE, Fernando. A dialética campo-cidade e o desafio de educar. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.17, n. 99, p. 38-41, mai./jun, 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio M. Martins. *Bourdieu e a Educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2014.

OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende de. *Um outro mundo no mundo da escola: escolarização dos filhos de catadoras de um lixão na perspectiva das mães*. 2010. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende de. *Educação popular e juventudes em periferias urbanas: a escolarização dos jovens na linha de fogo*. In: TAVARES, Maria Tereza Goudard; ALVARENGA, Márcia Soares; SILVA, Cátia Antônia da (Orgs.). *Educação popular, movimentos sociais e formação de professores: os 50 anos do golpe militar de 1964 e a mobilização de inéditos viáveis no campo social e educativo*. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. *Compreendendo a escola na perspectiva das famílias*. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; MÜLLER, Maria Lucia Rodrigues. (Orgs) *Educação, diferenças e desigualdades*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2006.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. *Socialização na escola*. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir. (Orgs) *Sociologia da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PENATIÉRI, Gisele Rogéria; FALCÃO, Christiane Rodrigues; MARTÍNEZ, Silvia Alicia. Ao final da Educação Básica: o que pensam jovens alunos sobre suas escolarizações, suas juventudes e seus projetos. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, MG: UFJF, v.16, n.2, set. 2011/fev. 2012. 213p.

PEREGRINO, Mônica. *Juventude, trabalho e escola*. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar. (Orgs.) *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.

RIO DE JANEIRO (Estado) Secretaria de Educação. *Avaliação interna de aprendizagem: Manual de orientações para a operacionalização da Portaria SEEDUC/SUGEN N° 419/2013*. Disponível em: <http://download.rj.gov.br/documentos/10112/2298861/DLFE77985.pdf/MANUALORIENTACOESOPERACIONALIZACAOPORTARIASEEDUCSUGENN419docversaorevisadaefinalizada_certo.pdf>. Acesso em: 06 out. 2015.

RIO DE JANEIRO (Estado) Secretaria de Educação. *Currículo Mínimo*. Disponível em: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/curriculo_identificacao.asp> Acesso em 24 de out. 2014.

RIO DE JANEIRO (Estado) Secretaria de Educação. *Secretaria de Estado de Educação*. Disponível em <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc>>. Acesso em: 29 de out. 2014

ROCHA, Jorge. et al. *Caracterização da franja urbana-rural através de gradientes: análise por continuum versus contraste*. In: Actas do X Colóquio Ibérico de Geografia, realizado em Évora, 22 a 24 de Setembro, 2005. Disponível em: <http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/097.pdf> Acesso em: 15 mar. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org) *Identidade e diferenças: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SPÓSITO, Marília Pontes. *Juventude: crise, identidade e escola*. In: DAYRELL, J. (Org) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1996.

SPÓSITO, Marília Pontes. *Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil*. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2011.

THIN, Daniel. *Famílias de camadas populares e a escola: confrontação desigual e modos de socialização*. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; MÜLLER, Maria Lucia Rodrigues. (Orgs) *Educação, diferenças e desigualdades*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2006.

VALADARES, Alexandre Arbex. et al. *Os significados da permanência no campo: vozes da juventude rural organizada*. In: SILVA, Enid Rocha Andrade da; BOTELHO, Rosana Ulhôa (Orgs.). *Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas*. Brasília, DF: IPEA, 2016.

APÊNDICE A – Fotos do carnaval em Rio Bonito de Lumiar

Figura 5- Folião em Rio Bonito de Lumiar



Fonte: Disponível em: <<https://avozdaserra.com.br/noticias/criatividade-das-fantasia-do-foliao-de-rio-bonito-de-cima-lumiar>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

Figura 6 - Palhaço em Rio Bonito de Lumiar



Fonte: Disponível em: <<http://novafriburgo.rj.gov.br/2017/02/carnaval-em-rio-bonito/>>. Acesso em: 06 mar. 2017

APÊNDICE B – Ficha de inserção socioeconômica

Nº: _____

Idade: _____

Localidade onde mora: _____

1. Sexo: Masculino Feminino**2. Como você chega à escola?** Ônibus Carro A pé

Outros: _____

3. Qual é seu objetivo após terminar o Ensino Médio? Cursar a Universidade Trabalhar no campo Trabalhar na cidade Outros: _____**4. Qual a escolaridade de seus pais?** Não sabe responder Ensino Fundamental (até o 5º ano) Ensino Fundamental (até o 9º ano) Ensino Médio Ensino Superior**5. Qual a escolaridade de seus avós?** Não sabe responder Ensino Fundamental (até o 5º ano) Ensino Fundamental (até o 9º ano) Ensino Médio Ensino Superior**6. Qual a sua religião?** Católico Evangélico Religiões Afro-brasileiras Não tenho Outras: _____

7. Você faz outro curso ao mesmo tempo que a escola?

Sim Não

8. Em caso afirmativo, qual o tipo de curso:

Curso técnico/profissionalizante Curso de idiomas

Outros: _____

9. Você exerce alguma atividade remunerada após o horário da escola?

Sim Não

10. Em caso afirmativo, qual atividade?

Confecção de lingerie Jardinagem Cultivo de flores

Cultivo de leguminosas

Outros: _____

11. Você já teve contato com a pedagogia da alternância?

Sim Não Não sabe informar

12. Em caso afirmativo, você gostaria de estudar em uma escola de pedagogia da alternância?

Sim Não

Justifique sua resposta: _____

APÊNDICE C– Roteiro de entrevistas

Tabela 3 – Roteiro de entrevistas com jovens do Colégio Estadual X

Entrevista de n. _____
Jovem estudante _____

1- Entrevista

Local de realização

Data de realização

Horário em que foi realizada

Duração

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade

Gênero

Cor

Local onde mora

Com quem vive?

Habitação própria ou alugada?

3- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Quais problemas enfrentou na sua escolarização?

Até que nível gostaria de estudar?

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

4- História de trabalho

Você trabalha?

Por que começou a trabalhar?

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

Quantas horas por dia? Quantas horas trabalha por semana?

Trabalhos posteriores?

Você ganha bem? O que faz com seu dinheiro?

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

Se sim, por quê?

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar?

Faz trabalhos domésticos? Quais?

5- A escola

A escola em que você estuda é boa?

O que é uma boa escola?

O que é um bom professor (a)?

Onde faz as tarefas escolares?

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

A escola é importante para o seu futuro?

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

O que achou de estudar nesta escola?

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

6- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Qual profissão você sonha ter?

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Você decide seu futuro?

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Fonte: A autora, 2017.

APÊNDICE D – Entrevistas na íntegra

Entrevista de n. 01

Jovem estudante: Iuri*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 28/11/2016

Horário em que foi realizada: 10h40

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 18

Gênero: Masculino

Cor: Branca

Local onde mora: Stucky

Com quem vive?

Com meus pais

Habitação própria ou alugada?

Própria

Segue uma religião? Qual?

Sim. Sou católico.

O que faz nos momentos de lazer?

Saio com meus amigos.

Você tem acesso a Internet? Onde?

Não. Só no celular quando vou à cidade.

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

O que mais gosta?

O que não gosta?

O que você mudaria no seu bairro?

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Gosto muito de morar no meu bairro. Gosto do contato com a natureza. Já pensei em sair sim. Principalmente quando eu não tinha carteira de motorista. Hoje em dia eu tenho o meu carro e posso ir às festas ou fazer um passeio na cidade. Antes eu dependia dos meus pais e do ônibus. E depender do ônibus não dá. Quando chove muito, a estrada vira uma lama. O ônibus não vai até lá em cima (no ponto final). Então eu faltava aula. Não tinha como ir à escola. Tinha dias que só com uma caminhonete para sair de casa e nem sempre meus pais podiam me levar. Hoje não penso mais em sair do Stucky. Lembro que minha família está nas terras desde muito tempo. Minha irmã pesquisou e descobriu que minha família ganhou a propriedade quando chegou no Brasil vindo da Suíça. Legal, né? Pena que muita história se perdeu desde aquela época.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Até que nível gostaria de estudar?

Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Comecei com 6 anos na escola perto de casa. Vim pra essa escola com 12 anos. Nunca parei de estudar até esse ano. Posso dizer que estudar sempre foi um sacrifício para mim. Não gosto. Acho chato. Não conseguia fazer as tarefas de casa porque não tenho internet em casa. Sempre dependia dos colegas. Acho que estudei até muito. Só para os meus pais não terem problemas com o Conselho Tutelar. Não acho que estudar seja fundamental na vida de todo mundo. Meu pai estudou muito pouco e ganha muito bem na profissão dele. Para algumas profissões é importante estudar. Outras, não. Não quero mais estudar e já fiz 18 anos. Vou tentar o ENEM e me formar. Meu primo conseguiu. Vou fazer a mesma coisa. Vou tentar a certificação. (O aluno parou de estudar logo depois que fez 18 anos. Faltando pouco para terminar o ano).

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

Sim. Moro em um lugar muito ruim de ônibus. E de estrada também. Muitas vezes faltei aula porque não tinha como sair de casa por causa do estrago da chuva na estrada. Minha casa é ótima, mas muito mal localizada. Quando minha mãe não podia me buscar, eu tinha que pegar o ônibus do Stucky, descer no ponto final e caminhar uma distância enorme até em casa.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Sim. Na construção civil.

Por que começou a trabalhar?

Porque eu quis. Para poder comprar as minhas coisas e pagar as minhas dívidas. Tenho uma moto.

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

Ajudo meu pai desde os 12 anos. Mas, ganhando salário foi a partir dos 16 anos. Sou o faz tudo da obra.

Quantas horas por dia? Quantas horas você trabalha por semana?

Um 8h por dia. Às vezes mais de 40h por semana. Trabalho sábado também.

Você acha que ganha bem?

Sim.

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

Gosto bastante. Não quero mudar.

Se sim, por quê?

XXX

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

Não. Sempre consegui frequentar a escola e trabalhar. Só é um pouco cansativo.

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Não.

Quem faz o serviço doméstico na sua casa? **

Minha mãe.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim

O que é uma boa escola?

É aquela que tem professores atenciosos.

O que é um bom professor (a)?

Aquele que sabe ensinar.

Onde você faz as tarefas escolares?

Na escola.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Quando eu era pequeno minha mãe ajudava. Depois, minha irmã me ajudou.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Para trabalhar.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim. É preciso aprender alguma coisa. Na verdade minha mãe que insistiu para eu estudar. Eu não queria, mas eles acham que mais estudo é melhor, consegue emprego

Você tem amigos que pararam de estudar? Por quê?

Sim, para trabalhar.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

Não há nada de ruim. Eu que não gosto de estudar.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Nada.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não. Mas minha irmã estudou lá. E meus tios também. Tem uma em Vargem Alta.

O que eles comentavam desta escola?*

Meus tios estudaram pouco. Não sei dizer se gostavam. Mas a minha irmã não aguentou e minha mãe a colocou aqui. Para ela foi difícil por causa das tarefas e projetos para casa. Na semana que ela estava em casa, ela tinha que fazer um projeto. Mas não tinha ninguém para ajudar. Lá em casa, ninguém nunca ajudou a fazer o dever. Era muito difícil. Ela corria o risco de repetir. Assim, acho que ela se sentia, como se fala, (pausa) desamparada. Isso, desamparada. E outra coisa é que nós não temos produção rural. Onde ela iria colocar em prática os projetos da escola. Porque é isso que ensina nessa escola, a cuidar da terra.

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim. Antes de vir para cá estudei na escola do Stucky. Era mais fácil e divertido. Todo mundo estudava junto. Senti muita dificuldade quando vim para cá. As turmas eram bem mais cheias e eu não conhecia ninguém. E muitos professores. Eu ficava confuso.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Pedreiro

Seu pai estudou até que série?

3º ano do Ensino Fundamental

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Em Nova Friburgo também. Meu avô estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental e era pedreiro. Minha avó era analfabeta e trabalhava em casa.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

Trabalha em casa

Sua mãe estudou até que série?

5º ano do Ensino Fundamental

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

De Nova Friburgo também. Meu avô é agricultor e minha avó trabalhava em casa. Os dois estudaram até o 5º ano do Ensino Fundamental.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Tenho 2 irmãs.

Qual a idade delas?

A mais velha que eu tem 22 anos. E a mais nova tem 12 anos.

Qual o nível de escolarização atingido por elas?

A mais velha tem Ensino médio e a mais nova está no 7º ano

Se trabalham, quais são as suas profissões?

Somente a minha irmã mais velha. Ela trabalha no comércio na cidade.

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Trabalhar e ganhar dinheiro.

Qual profissão você sonha ter?

Pedreiro mesmo.

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Ficar doente.

Você decide seu futuro?

Sim.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Lutar pelo que quer.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Usar drogas.

*Nome fictício

** Acrescentei as perguntas de acordo com a fala do entrevistado.

Entrevista de n. 02

Jovem estudante: Jonas*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 29/11/2016

Horário em que foi realizada: 08h20

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 18

Gênero: Masculino

Cor: Branca

Local onde mora: Galdinópolis

Com quem vive?

Às vezes com meu pai. Outras vezes, sozinho. E às vezes estou na minha tia no Catarcione (bairro na cidade)

Habitação própria ou alugada?

Não sei. A do meu pai é dele mesmo. Eu já aluguei um quarto. E não sei informar a da minha tia.

Segue uma religião? Qual?

Nenhuma

O que faz nos momentos de lazer?

Encontro meus amigos. Cuido das minhas plantas. Curto batalha de rap na praça de Nova Friburgo.

Você tem acesso a Internet? Onde?

Só na minha tia.

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

O que mais gosta?

O que não gosta?

O que você mudaria no seu bairro?

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Gosto de Galdinópolis. Não gosto do centro da cidade. Gosto da tranquilidade e do silêncio do mato. Gosto de cuidar das minhas plantas. A parte ruim é a dificuldade de chegar. Eu não tenho carro nem moto, preciso de ônibus. E quase não tem ônibus.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Com 5 anos.

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Não.

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Sempre gostei. Aliás, sempre me cobrei muito. Odiava ser chamado atenção pela professora. Era sempre o melhor aluno da sala. Só piorei quando cresci um pouco e tive uns problemas aí.

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

Sim. Vários. Primeiro o fato de que quando eu era criança eu vivia só com minha mãe e ela precisava trabalhar. Quase não tinha tempo pra me ajudar. Outro problema é que nossa casa não tinha luz. Isso. Eu me lembro de fazer o dever com uma vela acesa e eu não terminar de fazer o dever porque a vela apagava. Minha mãe mandava um bilhete para escola explicando isso, mas a professora não acreditava. Dizia que eu mentia. Eu ficava muito triste. Quando eu vim estudar aqui, o problema passou a ser a distância e a falta de ônibus. Depois, quando minha mãe morreu. Aí foi mais difícil. Foi difícil. (O aluno fica um pouco pensativo. A mãe dele faleceu há dois anos. Ela era alcólatra).

Por que você não desistiu? **

Porque eu gostava de estudar e acreditava que aprender era importante para a minha vida. Depois, pela minha mãe. Era o sonho dela.

Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?

Sempre tem uma piadinha, mas não me lembro de nada em especial.

Até que nível gostaria de estudar?

Vou parar agora quando terminar o Ensino Médio. Quero só trabalhar.

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

Sim, para não ser enganado. Para ter um bom emprego.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Sim. Com o que aparecer. Geralmente com jardim.

Por que começou a trabalhar?

Para ajudar minha mãe nas despesas de casa.

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

Com 12 anos. Na confecção em Galdinópolis mesmo. Fazia pequenos serviços. E mais tarde nos jardins das casas de veraneio perto de casa.

Quantas horas por dia? Quantas horas você trabalha por semana?

Mais ou menos 6 h por dia. 36h por semana. Às vezes até domingo.

Você acha que ganha bem?

Não.

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

Sim. Cansativo. As pessoas não valorizam.

Se sim, por quê?

Para trabalhar com algo que me canse menos.

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

Um pouco. Às vezes chegava muito cansado e não conseguia acordar cedo. Ou dormia na sala de aula.

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Sim. Limpo a casa. Faço comida. Lavo roupa. Tive que aprender. Foi a necessidade.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim.

O que é uma boa escola?

É aquela que ensina e respeita o aluno.

O que é um bom professor (a)?

É aquele que tem paciência de ensinar.

Onde você faz as tarefas escolares?

Na escola. Em casa sempre foi difícil fazer.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Ninguém.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Por problemas financeiros.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim, para eu ser alguém na vida.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por que?

Sim, para trabalhar.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

Não acho nada de ruim. Gosto de tudo.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Também não mudaria nada.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não.

O que achou de estudar nesta escola?

XXX

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim. Estudei lá até o 5º ano. Na escola de Galdinópolis. Eu gostava porque conhecia todo mundo. Parecia até uma família. Senti dificuldades para me adaptar quando vim para cá. Muitas matérias novas e muitos professores. Passei a me cobrar mais. Ninguém me cobrava. Eu que me cobrava.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Pedreiro.

Seu pai estudou até que série?

Não sei

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Não tenho muito contato. Trabalham na roça. Não sei se estudaram.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

Sempre trabalhou em confecção

Sua mãe estudou até que série?

Até o 5º ano do Ensino Fundamental.

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Também são de Nova Friburgo. Não sei se estudaram. Trabalhavam na lavoura. Mas já faleceram.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Um irmão por parte de pai.

Qual a idade dele?

25 anos

Qual o nível de escolarização atingido por ele?

Eu não sei. Ele não é muito “certo da cabeça”, não. Toma remédio e tudo.

Ela trabalha, quais a sua profissão?

Ela trabalha com meu pai em obras.

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Poder me sustentar.

Qual profissão você sonha ter?

Não sei.

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Sofrer.

Você decide seu futuro?

Sim.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Correr atrás dos seus objetivos.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Não arrumar confusão por aí.

*Nome fictício

** Acrescentei as perguntas conforme a resposta do aluno.

Entrevista de n. 03

Jovem estudante: Daniela*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 29/11/2016

Horário em que foi realizada: 9h30

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

7- O/A entrevistado (a)

Idade: 18

Gênero: Feminino

Cor: Branca

Local onde mora: Stucky (Vale do Cedro) Bem longe do asfalto.

Com quem vive?

Meus pais e irmãos

Habitação própria ou alugada?

Do meu avô

Segue uma religião? Qual?

Sim, Sou evangélica.

O que faz nos momentos de lazer?

Saio com meu noivo.

Você tem acesso a Internet? Onde?

Sim, do celular. Mas é péssima.

8- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

O que mais gosta?

O que não gosta?

O que você mudaria no seu bairro?

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Gosto de morar no Stucky. Gosto de viver longe da agitação da cidade. Eu me sinto bem onde vivo. É calmo e incomparável à cidade. Quando de manhã o dia está fresco, não há lugar melhor para uma caminhada. Eu, meus pais e meus irmãos morávamos em outro bairro (Debossan) até meu avô nos convidar para ir pra lá. Ele sempre morou lá. Quando ficou velho precisou que a gente estivesse perto dele. Ele sempre trabalhou na roça. Por isso, nunca quis sair de lá.

9- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Com 4 anos

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Não.

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Sim. Nada em especial. E me considero uma boa aluna.

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

O problema do ônibus e da estrada ruim. Quando chove a estrada fica muito “lameada” e o ônibus não consegue subir porque fica muito escorregadio. Quando isso acontece temos que descer a pé para pegar o ônibus perto do asfalto. Levamos em média 15 a 25 minutos. Mas, hoje em dia, podemos dizer que não somos tão prejudicados, pois na época da minha mãe, eles tinham que ir a pé até a escola, que não é tão perto assim. Demorava de 1h30 a 2h até chegar e mesmo depois de todo esse sacrifício ela não pode desfrutar tanto de seus estudos, pois teve que sair da escola quando estava na 4ª série, 5º ano, para ajudar minha avó a tomar conta dos irmãos e ajudar nas tarefas domésticas.

Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?

Não me lembro.

Até que nível gostaria de estudar?

Por enquanto o ensino médio mesmo. Quero trabalhar. Aliás, preciso trabalhar para poder casar. Coloquei currículo nas Lojas Americanas e estou esperando ser chamada.

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

Sim, pois nos ensina coisas que vamos levar para nosso futuro. São ensinamentos e princípios muito importantes.

10- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Não

Por que começou a trabalhar?

XXX

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

XXX

Quantas horas por dia? Quantas horas trabalha por semana?

XXX

Você acha que ganha bem?

XXX

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

XXX

Se sim, por quê?

XXX

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

XXX

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Sim. Limpo a casa. Cuido dos meus irmãos. Meus pais trabalham fora e eu tenho que cuidar da comida e levá-los para a escola.

11- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim

O que é uma boa escola?

É aquela que apresenta um bom aprendizado.

O que é um bom professor (a)?

É aquele que se preocupa com o aluno.

Onde você faz as tarefas escolares?

Em casa.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Meus pais.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Somente se eu tivesse que sustentar meus irmãos e minha casa.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim, pois é da escola que aprendemos as coisas que vamos levar para a vida o aprendizado. Estudar para sonhar com um futuro melhor. De tanto ver os pais da gente trabalhando, sofrendo dia-a-dia e ver que no final do ano... não dá! A gente não sonha muito no interior, sonha com o básico: ter um trabalho, ter teu próprio dinheiro, saber em que gastar. A gente sonha ter um emprego para construir as coisas, a gente sempre quer mais.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por que?

Sim, por serem repetentes.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

O melhor são os professores e o pior é a estrutura e a comida da escola.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Melhoraria a estrutura da escola.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não. Nunca estudei.

O que achou de estudar nesta escola?

XXX

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim. Estudei até o 3º ano no Stucky mesmo. Depois fui para outra escola da prefeitura e depois vim para cá. Era bem diferente. Tinha uma professora só e várias séries juntas na mesma sala. Não éramos muitos alunos. E eu sempre ajudava as séries menores que a minha. Eu senti dificuldade quando eu saí de lá. Parece que o ensino era mais fraco ou a professora não conseguia atender a todo mundo.

12- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Jardineiro

Seu pai estudou até que série?

4ª série ou 5º ano

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Não sei muito bem. Sei que eles nasceram em Friburgo também. E trabalhavam com roça.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

Faxineira

Sua mãe estudou até que série?

4ª série ou 5º ano

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

De Nova Friburgo. Não sei se eles estudaram. Minha avó é dona de casa e meu avô trabalha plantando alimentos. Ele cuida da sua própria roça.

13- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Dois

Qual a idade dele?

6 anos e 11 anos

Qual o nível de escolarização atingido por ele?

Estão no 1º e 6º ano do Ensino Fundamental

14- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Trabalhar com estética

Qual profissão você sonha ter?

Algo ligado a estética

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Se vou conseguir a profissão que quero.

Você decide seu futuro?

Decido. Mas Deus me guia nas minhas escolhas.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Ser determinado a lutar por seu sonho.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Não aceitar qualquer coisa no sentido geral.

*Nome fictício

Entrevista de n. 04

Jovem estudante: Juliana*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 29/11/2016

Horário em que foi realizada: 10h

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 18

Gênero: Feminino

Cor: Branca

Local onde mora: Vargem Alta

Com quem vive?

Com meus pais e meu irmão
 Habitação própria ou alugada?
 Própria
 Segue uma religião? Qual?
 Sim. Católica.
 O que faz nos momentos de lazer?
 Saio com meu namorado. Escuto música e curto futebol.
 Você tem acesso a Internet? Onde?
 Sim, em minha casa. Mas é particular. Meus pais que colocaram.

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?
 O que mais gosta?
 O que não gosta?
 O que você mudaria no seu bairro?
 Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?
 *Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.
 Eu gosto de onde eu moro (Vargem Alta). Amo o silêncio. Detesto barulho e a poluição do centro de Friburgo. É difícil morar lá, né? Quase não tem ônibus e a estrada é de chão. Mesmo assim acho que os benefícios são maiores que os malefícios.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?
 Com 3 anos
 Por que tão cedo? **
 Cedo porque minha mãe precisava me deixar com alguém para trabalhar. Não tinha ninguém, então ela me colocou na escola. Comecei perto lá de casa e depois vim para cá.
 Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?
 Não.
 Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?
 Sim. Gosto de aprender mais.
 Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?
 A locomoção. Não tem ônibus até a escola toda hora. Então meus tios ou primos têm que nos levar (meus primos, meu irmão e vizinhos) até o asfalto para pegar o ônibus. Dependendo de alguém me buscar no asfalto para eu voltar pra casa também.
 Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?
 Nunca.
 Até que nível gostaria de estudar?
 Até onde eu puder. Quem sabe Fisioterapia.
 A escolarização é importante para a vida? Por quê?
 Sim. Sempre está se atualizando e aprendendo coisas novas.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?
 Não. Às vezes ajudo meus pais na colheita das flores. Mas apenas quando a encomenda é muito grande. Não gosto. Minha família cultiva flores e revende no Ceasa no Rio de Janeiro. Determinadas épocas do ano, perto de festas, eu ajudo na colheita. Mas não gosto. Acho um trabalho cansativo.
 Por que começou a trabalhar?
 XXX
 Com que idade começou a trabalhar? Em que?
 XXX
 Quantas horas por dia? Quantas horas você trabalha por semana?

XXX

Você acha que ganha bem?

XXX

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

XXX

Se sim, por quê?

XXX

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

XXX

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Não.

Quem faz o serviço o doméstico na sua casa? **

Minha mãe.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim

O que é uma boa escola?

É aquela que incentiva os alunos.

O que é um bom professor (a)?

É ter seriedade em sala.

Onde você faz as tarefas escolares?

Na escola e em casa.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Minha mãe me ajudou nas tarefas quando nova. Hoje faço tudo sozinha.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Por doença.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim, porque é a base de toda a vida acadêmica.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por quê?

Sim, porque tiveram que trabalhar.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

Ótimos professores, mas péssima estrutura.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Nada específico.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não. Minha mãe estudou.

O que ela comentou desta escola? **

Não muita coisa. Ela preferiu que eu e meu irmão estudássemos aqui porque o ensino é melhor para cursar uma universidade. E como vinha um grupo de parentes estudar aqui, era mais fácil organizar as tarefas dela.

O que achou de estudar nesta escola?

XXX

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim, quando eu comecei a estudar. Foi perto de casa. Estudei até o 5º ano e depois vim para cá. Por um lado eu preferia ter ficado lá. Era mais perto de casa e eu conhecia todo mundo. Por outro lado, eu fiquei com medo na época. Achava que aqui era uma escola enorme com muita gente. Hoje em dia eu vejo que foi a melhor coisa ter vindo para este colégio. Tem o problema do ônibus, mas é uma escola boa com professores bons.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Lavrador

Seu pai estudou até que série?

6ª série/7º ano do Ensino Fundamental

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Em Nova Friburgo. Eles eram lavradores e têm o Ensino Fundamental Incompleto.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

Agricultora

Sua mãe estudou até que série?

7ª série/8º ano do Ensino Fundamental

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

De Nova Friburgo também. Meu avô é lavrador e minha avó é auxiliar de enfermagem. Os dois estudaram até o 5º ano do Ensino Fundamental.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Tenho 1 irmão.

Qual a idade dele?

Eles têm 17 anos.

Qual o nível de escolarização atingido por eles?

Está no 2º ano do Ensino Médio

Se trabalha, quais é a sua profissão?

Não trabalha.

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Ser feliz e bem sucedida no trabalho.

Qual profissão você sonha ter?

Fisioterapeuta ou Farmacêutica

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Não conseguir emprego.

Você decide seu futuro?

Sim.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Sonhar alto e estudar com persistência.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Caminhos que o empurrem para o buraco.

*Nome fictício

** Acrescentei as perguntas de acordo com a fala da entrevistada.

Entrevista de n. 05

Jovem estudante: Júlio*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 29/11/2016

Horário em que foi realizada: 11h20

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 18

Gênero: Masculino

Cor: Branca

Local onde mora: Rio Bonito

Com quem vive?

Minha mãe.

Habitação própria ou alugada?

O terreno é do meu avô.

Segue uma religião? Qual?

Sim. Sou católico.

O que faz nos momentos de lazer?

Encontro meus amigos.

Você tem acesso a Internet? Onde?

Não.

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

O que mais gosta?

O que não gosta?

O que você mudaria no seu bairro?

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Eu gosto do meu bairro. Não suporto a cidade. Não gosto do barulho e nem da poluição. O que eu não gosto no meu bairro é que não tem acesso à internet e nem o telefone celular funciona.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Com 6 anos. Tinha o transporte da prefeitura de casa até a escola. Não tinha ninguém pra me levar.

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Não.

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Não gosto de estudar. Venho para ficar com a rapaziada. Gosto de ficar com meus amigos. Quando eu vim para cá foi mais difícil. A sorte é que a maioria dos meus amigos de lá vieram pra cá também. Aí, eu não vinha sozinho.

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

Sim. Moro bem longe. Você sabe que às vezes, quando chove, nem o ônibus consegue ir lá. A estrada é ruim. A lama dificulta muito. Eu tenho que acordar bem cedo e nem moro no ponto final de Rio Bonito. Outra coisa que sempre me desanimou estudar é o modo como o pessoal da escola me olhava. Sempre me sacaneavam por causa do meu modo de falar. Só porque eu sou da roça.

Por que você não desistiu? **

Porque minha mãe nunca deixou. Ela acha que eu tenho que ser alguém na vida. E o estudo ajuda nisso. E porque, mesmo não gostando de vir à escola, eu gosto de estar com meus amigos.

Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?

Tem pessoas que falam que o local que eu moro é muito ruim de morar. Eles (alunos da cidade) se acham superiores a nós. Só porque moram perto da escola, acham que moram melhor. Só que isso nem sempre é verdade.

Até que nível gostaria de estudar?

Vou parar agora quando terminar o Ensino Médio. Nem sei como eu cheguei até aqui.

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

Sim, para ter um bom emprego e não ser enrolado por aí. É importante saber das coisas.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Sim. Com o que aparecer. Com jardim, ajudando meu pai que é pedreiro e assim vai.

Por que começou a trabalhar?

Para poder comprar minhas coisas.

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

Com 14 anos. Com meu pai em obras.

Quantas horas por dia? Quantas horas você trabalha por semana?

Mais ou menos 6 h por dia. 30h por semana

Você acha que ganha bem?

Não.

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

Sim. Acho cansativo.

Se sim, por quê?

Para trabalhar com algo que eu ganhe mais dinheiro.

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

Não.

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Não.

Quem faz o serviço o doméstico na sua casa? **

Agora é a minha mãe. Antes era minha irmã. Mas ela casou e saiu de casa.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim.

O que é uma boa escola?

É aquela que ensina.

O que é um bom professor (a)?

É aquele que é presente e tem paciência de ensinar.

Onde você faz as tarefas escolares?

Na escola.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Minha irmã.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Se eu precisasse de dinheiro.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim, pois ela pode me garantir um bom emprego.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por que?

Sim, para trabalhar.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

O melhor são meus amigos. E o pior é a comida.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Mudaria só a comida.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não. Não sei o que é.

O que achou de estudar nesta escola?

XXX

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim. Lá perto de casa. É a única que tem por lá. Estudei lá até o 5º ano. Na escola de Rio Bonito. Eu gostava. E achei muito difícil quando eu vim para cá. Tinha até vergonha de falar e os meninos ficavam me sacaneando. Achavam que eu falava engraçado. Eu me aborrecia com isso. Nem falava com os professores quando eu tinha dúvida. Por mim, eu nem tinha vindo estudar aqui. Lá, em Rio Bonito, era menor e todo mundo se conhecia.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Pedreiro.

Seu pai estudou até que série?

4ª série ou 5º ano

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Acho que são daqui mesmo. Eles trabalhavam na roça. E acho que estudaram muito pouco. Não tenho muito contato.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

É diarista.

Sua mãe estudou até que série?

Até o 5º ano do Ensino Fundamental.

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Também são de Nova Friburgo. Não sei dizer se estudaram. Acho que não. Minha avó é dona de casa e meu avô trabalha na lavoura.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Uma irmã

Qual a idade dele?

22 anos

Qual o nível de escolarização atingido por ele?

Ela já se formou. Fez o Ensino Médio, mas não quis fazer faculdade. Ela engravidou e casou.

Ela trabalha, quais a sua profissão?

Ela trabalha no comércio em Nova Friburgo. Logo que ela se formou, ela saiu de Rio Bonito.

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Ter dinheiro para me sustentar.

Qual profissão você sonha ter?

Uma que dê dinheiro.

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Não sei. Não ter condições de me sustentar.

Você decide seu futuro?

Sim.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Lutar.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Usar drogas. Arrumar confusão por aí.

*Nome fictício

** Acrescentei as perguntas conforme a resposta do aluno.

Entrevista de n. 06

Jovem estudante: Henrique*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 29/11/2016

Horário em que foi realizada: 11h40

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 18

Gênero: Masculino

Cor: Não declarou

Local onde mora: Rio Bonito

Com quem vive?

Meus pais.

Habitação própria ou alugada?

Própria.

Segue uma religião? Qual?

Sim. Sou católico.

O que faz nos momentos de lazer?

Encontro meus amigos. Vou ao shopping. Ouço música. Mexo na internet.

Você tem acesso a Internet? Onde?

Em casa, não. Só na casa da minha avó. Ela mora em Conselheiro (bairro na periferia de Nova Friburgo)

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

Não gosto muito de morar em Rio Bonito.

Por quê? **

Gosto e não gosto. Quando eu era criança eu gostava. Hoje em dia acho chato morar lá. Não tem nada. Não tenho internet. E meu pai me obriga a trabalhar com ele. Eu prefiro ficar na minha avó. É mais perto do centro.

Posso fazer cursos. Ir ao shopping.

O que você gosta de Rio Bonito?

O que eu ainda faço e gosto em Rio Bonito é ficar com a minha mãe e cuidar dos meus bichos.

O que não gosta?

Não ter internet. Ser longe. A estrada ruim. Perco horas no ônibus. Quase 2 horas para ir. Sem contar a volta. Isso quando não chove. Tenho menos vontade de sair de casa. Às vezes o ônibus nem consegue passar pela lama.

O que você mudaria no seu bairro?

Colocaria internet e celular. Melhoraria a estrada

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

Eu tenho muita vontade de sair de lá. Acho que lá é pra curtir um dia ou dois. Eu quero morar na cidade. Só estou esperando terminar este ano e vou morar com a minha avó, mãe da minha mãe. Vou arrumar um emprego e ficar pelo centro.

.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Com 3 anos.

Por que tão cedo? **

Porque minha mãe é a professora da escola de Rio Bonito. Eu ia antes com ela. Ia mais novo, mas não estudava. Com 3 anos ela me colocou junto dos outros alunos. Ela não tinha ninguém pra tomar conta de mim. Então eu tinha que ficar o dia todo com ela. Até mais tarde. Eu ficava o dia todo porque ela não me deixava sozinho em casa.

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Não.

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Não gosto. Estudo porque tem que estudar. Antes eu até gostava e era um bom aluno. Mas isso era porque minha mãe ficava no meu pé. Depois de um tempo ela me deixou mais livre.

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

Sim. O transporte e a distância. Moro muito longe e é muito cansativo acordar muito cedo e enfrentar aquela estrada.

Por que você não desistiu? **

Porque minha mãe nunca deixou. E, na verdade, ela está certa. Para eu trabalhar na cidade e arrumar um emprego para me sustentar, tenho que ter um diploma.

Até que nível gostaria de estudar?

Quero fazer mais cursos de informática. Quem sabe uma faculdade de informática. Mas, não sei. Às vezes tenho preguiça.

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

Sim, para se alcançar o que quer.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Não. Às vezes, ajudo meu pai. Mas não ganho nada por isso.

Por que começou a trabalhar?

XXX

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

XXX

Quantas horas por dia? Quantas horas você trabalha por semana?

XXX

Você acha que ganha bem?

XXX

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

XXX

Se sim, por quê?

XXX

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

XX

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Não.

Quem faz o serviço doméstico na sua casa? **

Minha mãe.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim.

O que é uma boa escola?

É aquela que tem um bom ensinamento.

O que é um bom professor (a)?

É aquele que sabe ensinar e não desiste.

Onde você faz as tarefas escolares?

Em casa.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Minha mãe.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Por problemas financeiros.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim, para ter um bom emprego.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por que?

Sim, para trabalhar.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

O melhor são meus amigos. E o pior é a infraestrutura.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Não mudaria nada.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não. Não sei o que é.

O que achou de estudar nesta escola?

XXX

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim. Perto de casa. Onde minha mãe dá aula. Estudei lá até o 5º ano. Bem, quando sua mãe te dá aula, tudo é chato. Ela queria que eu fosse o exemplo. E eu queria brincar e conversar. Quando eu vim para cá fiquei mais livre. Mas também senti dificuldades. A escola é maior. Vários professores. E o fato de ter que acordar cedo e enfrentar quase 2h de ônibus para vir e depois para voltar. Foi cansativo.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Pedreiro.

Seu pai estudou até que série?

4ª série ou 5º ano

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

De Nova Friburgo. Estudaram até o 5º ano. E os dois trabalhavam na roça.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Cantagalo

Qual a profissão de sua mãe?

Professora

Sua mãe estudou até que série?

Ensino superior. Ela fez pedagogia.

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Não sei. Acho que são de Cantagalo. Meu avô já faleceu. Não sei dizer o que ele fazia, nem se estudou. Minha avó é costureira e acho que tem o ensino fundamental.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Nenhum

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Ter dinheiro e uma boa casa.

Qual profissão você sonha ter?

Algo relacionado à informática.

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Não ter como me sustentar.

Você decide seu futuro?

Sim.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Lutar atrás do que quer.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Fazer coisas erradas.

*Nome fictício

** Acrescentei as perguntas conforme a resposta do aluno.

Entrevista de n. 07

Jovem estudante: Luiz*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 08/12/2016

Horário em que foi realizada: 08h40

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 19

Gênero: Masculino

Cor: Branca

Local onde mora: Stucky

Com quem vive?

Com meus pais e meu irmão

Habitação própria ou alugada?

Própria

Segue uma religião? Qual?

Sim. Sou evangélico.

O que faz nos momentos de lazer?

Saio com meus amigos. Vou à igreja e ando de moto.

Você tem acesso a Internet? Onde?

Sim. Em casa.

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

O que mais gosta?

O que não gosta?

O que você mudaria no seu bairro?

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Eu gosto de viver no mato. Perto das plantações e dos animais. Eu sempre morei no Stucky e nunca pensei em sair. Gosto de lugar tranquilo. Gosto de lá mesmo sem internet e com a estrada ruim.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Com 6 anos

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Não.

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Não gosto. Estudo porque meus pais me obrigam.

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

Sim. A falta de ônibus e a estrada ruim. Muitas vezes eu não ia para a escola porque o ônibus não vinha até próximo da minha casa.

Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?

Sempre tem. Falam que eu não sei de nada. Às vezes olham a gente como inferior.

Até que nível gostaria de estudar?

Ensino Médio. Já pensei em fazer faculdade, mas desisti.

Por quê? **

Porque é difícil e tenho preguiça de estudar.

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

Sim. A gente precisa saber das coisas.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Sim. Na produção de flores.

Por que começou a trabalhar?

Porque eu quis. Para poder pagar o meu carro e minhas motos. Meu pai nunca me obrigou.

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

Com 12 anos. Na produção de flores do meu pai. Hoje tomo conta de uma parte sozinho. Cuido das mudas.

Colho e coloco no transporte para o Rio.

Quantas horas por dia? Quantas horas você trabalha por semana?

Umás 6h por dia. Às vezes mais de 36h quando tem festas, nós vendemos mais. Tem mais trabalho.

Você acha que ganha bem?

Sim.

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

Gosto bastante. E não quero mudar.

Se sim, por quê?

XXX

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

Não. Nunca atrapalhou.

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Não.

Quem faz o serviço o doméstico na sua casa? **

Minha mãe.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim

O que é uma boa escola?

É aquela que os professores sabem ensinar.

O que é um bom professor (a)?

É aquele que sabe ensinar.

Onde você faz as tarefas escolares?

Na escola.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Quando eu era pequeno minha mãe ajudava. Depois, ninguém.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Por problemas financeiros.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim. É importante aprender.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por quê?

Sim, para trabalhar.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

Não há nada de ruim. Talvez a comida.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Nada.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não.

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Não. Sempre estudei aqui. Mas sei que tem uma escola multisseriada no Stucky.

Por que não estudou na escola do seu bairro? **

Porque minha mãe achava que o ensino lá era ruim. E esta escola aqui sempre teve fama de uma boa escola.

Acho que minha mãe estudou aqui. Então ela achou melhor me matricular aqui.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Agricultor

Seu pai estudou até que série?

5º ano do Ensino Fundamental

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Em Nova Friburgo também. Meu avô é agricultor e minha avó trabalha em casa. Não sei se eles estudaram.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

Agricultora

Sua mãe estudou até que série?

5º ano do Ensino Fundamental

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

De Nova Friburgo também. Os dois trabalham na roça e estudaram muito pouco. Não sei dizer.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Tenho 2 irmãos.

Qual a idade deles?

Eles têm 30 e 26 anos.

Qual o nível de escolarização atingido por elas?

Acho que só até o 5º ano do Ensino Fundamental.

Se trabalham, quais são as suas profissões?

Trabalham na produção de flores com meu pai.

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Ganhar dinheiro.

Qual profissão você sonha ter?

Quero trabalhar com cultivo de flores mesmo.

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Passar necessidade.

Você decide seu futuro?

Sim.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Lutar por aquilo que se sonha.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Usar drogas e fazer coisas erradas por aí.

*Nome fictício

** Acrescentei as perguntas de acordo com a fala do entrevistado.

Entrevista de n. 08

Jovem estudante: José*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 08/12/2016

Horário em que foi realizada: 10h

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 19

Gênero: Masculino

Cor: Branca

Local onde mora: Vargem Alta

Com quem vive?

Com meus pais

Habitação própria ou alugada?

Própria

Segue uma religião? Qual?

Sim. Sou católico.

O que faz nos momentos de lazer?

Reunião com a família

Você tem acesso a Internet? Onde?

Sim, em minha casa. Nós que colocamos internet a rádio.

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

O que mais gosta?

O que não gosta?

O que você mudaria no seu bairro?

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Gosto muito de Vargem Alta. Vivi minha vida toda lá. É algo familiar. Tipo vem passando de geração em geração. Os pais dos meus pais já viveram neste local. Então me identifico com o lugar, sabe. Nunca pensei em sair. Agora que tenho meu carro posso me locomover mais rápido e melhor. Apenas melhoraria as ruas e telefonia. Meu pai teve que colocar uma antena na nossa terra para ter telefone e internet. Sai caro.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Com 3 anos.

Por que tão cedo? **

Cedo porque eu via os meus sobrinhos indo para a escola e queria ir junto. Eu sou a “raspa do tacho” então fui criado com meus sobrinhos. Não queria ficar longe deles. Aí, fui estudar.

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Não.

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Sim. De ciências da natureza.

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

Sim. A distância e o deslocamento. Não tem ônibus toda hora. Dependo de alguém me levar até o asfalto (Estrada Mury-Lumiar) para eu pegar um ônibus para chegar à escola. Agora eu tenho carteira de motorista. Posso ir dirigindo até o asfalto ou até a escola. Mas, antes eu dependia de um irmão ou um vizinho para levar. Assim, juntavam vários colegas que também estudam aqui e tínhamos que ir e voltar na mesma hora. Isso desanima bastante.

Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?

Não que eu me lembre.

Até que nível gostaria de estudar?

Nível superior completo. Fazer algo relacionado às Ciências da Natureza.

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

Sim, porque nos dá conhecimento e até um futuro melhor.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Sim. Na produção de flores. Agricultura.

Por que começou a trabalhar?

Por opção própria. Para poder comprar as minhas coisas e pagar as minhas dívidas. Tenho carro.

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

Com 16 anos. Como agricultor nas terras do meu pai ou ajudando no transporte de flores para o Rio de Janeiro. Determinadas épocas eu ajudo meus irmãos no transporte de flores com caminhão.

Quantas horas por dia? Quantas horas você trabalha por semana?

Um 6h por dia. Um 36h por semana porque trabalho sábado também.

Você acha que ganha bem?

Sim.

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

Gosto bastante. Não quero mudar.

Se sim, por quê?

XXX

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

O trabalho sempre foi opção minha. Meus pais nunca me obrigaram a trabalhar e entendem que eu preciso estudar. Eu também priorizo a escola. Quando tenho provas, tento trabalhar menos.

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Não.

Quem faz o serviço o doméstico na sua casa? **

Minha mãe.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim

O que é uma boa escola?

É aquela que tem bons professores e alunos interessados.

O que é um bom professor (a)?

Aquele que ensina o aluno.

Onde você faz as tarefas escolares?

Na escola ou em casa.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Meus irmãos.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Por necessidade financeira.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim, porque me dá novos conhecimentos.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por quê?

Sim, alguns pararam pela necessidade financeira e ter que trabalhar.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

Não há nada de ruim. Não mudo nada. Gosto muito daqui.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Aulas de instrumentos musicais.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não. Mas conheço. Tem uma em Vargem Alta. Meus irmãos estudaram lá.

O que eles comentavam desta escola?***

Meus irmãos são mais velhos que eu, então eu nem lembro quando estudaram. Eu sei que minha mãe não quis me colocar lá porque o ensino era muito “puxado” e voltado só para o campo. Ensino de “coisas do campo”. Ela queria que eu estudasse em uma escola completa. E na minha época já tinha a estrada (Mury – Lumiar) e meus pais tinham condição de me trazer até aqui. Com os meus irmãos isso era impossível.

Mas sua família não é de agricultores? Não seria interessante estudar assuntos mais próximos desta realidade?***

Por um lado sim. Mas por outro, não há muita dificuldade na plantação de flores. Acho que se eu estudasse lá não estaria preparado para fazer o Enem.

O que achou de estudar nesta escola?

XXX

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim. Em Vargem Alta. Hoje em dia a escola só atende como creche. Mas quando eu estudei tinha duas séries juntas. Eu me lembro disso: de estudar com outra turma junto. Estudei lá até o 5º ano e depois vim para cá. Eu gostava porque eu estudava com muitos amigos, primos e sobrinhos juntos. Era tipo uma família. Quando cheguei aqui era muita gente na escola. Foi difícil adaptar. Mas depois gostei de estudar aqui.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Agricultor

Seu pai estudou até que série?

5º ano do Ensino Fundamental

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Em Nova Friburgo também. Eles eram agricultores. Meu avô estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental e minha avó era analfabeta.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

Funcionária pública. Ela é auxiliar de enfermagem no posto de saúde de Vargem Alta

Sua mãe estudou até que série?

5º ano do Ensino Fundamental

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

De Nova Friburgo também. Meu avô é agricultor e minha avó foi merendeira da prefeitura, ou seja, funcionária pública. Os dois estudaram até o 5º ano do Ensino Fundamental.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Tenho 3 irmãos.

Qual a idade deles?

Eles têm 38, 36 e 30 anos.

Qual o nível de escolarização atingido por eles?

Os dois mais velhos estudaram até o 6º ano. A mais nova concluiu o Ensino Médio.

Se trabalham, quais são as suas profissões?

Agricultor, agricultora e auxiliar de Odontologia.

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Trabalhar para poder viajar pelo mundo.

Qual profissão você sonha ter?

Agrônomo

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Viver em um país ruim.

Você decide seu futuro?

Não. Quem decide é Deus.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Estudar e trabalhar.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Entrar no mundo das drogas.

*Nome fictício

** Acrescentei as perguntas de acordo com a fala do entrevistado.

Entrevista de n. 09

Jovem estudante: Tatiana

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 09/12/2016

Horário em que foi realizada: 9h20

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 18

Gênero: Feminino

Cor: Branca

Local onde mora: Rio Bonito

Com quem vive?

Meus pais.

Habitação própria ou alugada?

Própria

Segue uma religião? Qual?

Sim. Sou católica.

O que faz nos momentos de lazer?

Saio com meu namorado. Tomo banho de rio.

Você tem acesso a Internet? Onde?

Não.

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

O que mais gosta?

O que não gosta?

O que você mudaria no seu bairro?

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Eu gosto de morar em Rio Bonito. Apesar da distância. Mas a minha família mora lá e tenho meus amigos.

Gosto do sossego e da tranquilidade que não tem na cidade.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Com 6 anos. Onde eu moro não tem creche. A gente começa a estudar mais tarde. Eu gostava porque via meus primos. Lá em Rio Bonito quase todo mundo é parente, né? E depois da escola saíamos para brincar no terreno que ficava perto.

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Não.

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Gosto. Das aulas de Biologia.

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

Sim. A distância de 2h de estrada e o ônibus quebrando. Eu moro há 20 km depois do ponto final de Rio Bonito.

Ou seja, depois de andar 2h de ônibus ainda ando 20 km a pé para chegar em casa. Nem sempre alguém pode me buscar de moto ou carro. É muito desanimador. Por isso muita gente desiste.

Por que você não desistiu? **

Porque meus pais não deixaram. Eles acreditam que estudar é importante. Querem uma vida melhor pra mim.

Pelo menos melhor que a deles. Então eu continuei estudando. Repeti um ano. Mas não parei.

Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?

Várias pessoas debocham por eu morar longe. E me sinto mal por depender de ficar na casa de alguém se eu quiser ficar na cidade até mais tarde. Não tem ônibus até tarde.

Até que nível gostaria de estudar?

Vou parar agora quando terminar o Ensino Médio.

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

Sim, para ter um futuro melhor e poder dar aos meus filhos um bom ensino.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Sim. Faxina.

Por que começou a trabalhar?

Para ajudar meus pais

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

Com 12 anos. Em confecção.

Quantas horas por dia? Quantas horas você trabalha por semana?

Trabalho 6 h por dia. 30h por semana

Você acha que ganha bem?

Não.

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho?

Sim. Acho meu trabalho desgastante.

Se sim, por quê?

Quando terminar a escola terei mais tempo para trabalhar. Ou continuo com esse serviço ou trabalho na cidade no comércio mesmo.

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

Não. Bem, acho que não. Na verdade fazer faxina me cansa. Não consigo estudar quando eu chego em casa após limpar uma casa. Por isso, só estudo na escola.

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Sim. Cozinheiro, lavo roupa e faxino.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Razoável.

O que é uma boa escola?

Onde existe ensino de qualidade.

O que é um bom professor (a)?

Dedicado.

Onde você faz as tarefas escolares?

Em casa.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Ninguém.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Por questões financeiras.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim, pois ela garantirá um futuro e um bom emprego.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por que?

Sim, devido à necessidade de trabalhar.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

O melhor é a tranquilidade se comparada com as outras escolas. E ruim é o desinteresse de alguns professores.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Eu reorganizaria as regras da escola. Nunca são postas em prática.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não. Não sei o que é.

O que achou de estudar nesta escola?

XXX

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim. Até o 5º ano eu estudei na escola de Rio Bonito. Ela é multisseriada. Eu gostava. Mas senti muita dificuldade quando vim para cá. Lá, eu estava próximo de casa e conhecia todo mundo. Inclusive a professora que morava perto. Ela era muito atenciosa. Quando vim fazer o 6º ano aqui foi muito difícil. Comecei a acordar de madrugada. Chegava cansada na escola. Tinha muitas matérias e muitos professores. Eu me senti perdida e demorei a me acostumar. E tinha dificuldade de aprender a matéria.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Lavrador.

Seu pai estudou até que série?

4ª série ou 5º ano

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Em Nova Friburgo também. Meu avô era lavrador e já faleceu. Não sei até que série ele estudou. Minha avó era dona de casa. Estudou um pouco mais.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

Merendeira

Sua mãe estudou até que série?

Ela tem o Ensino Médio. Fez porque morou um tempo na cidade.

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Os dois são de Nova Friburgo. E os dois não estudaram. São analfabetos. Minha avó é dona de casa e meu avô é jardineiro.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Um

Qual a idade dele?

9 anos

Qual o nível de escolarização atingido por ele?

Ele está no 4º ano. Estuda perto de casa.

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Ter um emprego.

Qual profissão você sonha ter?

Ainda não sei.

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Não ter condição financeira.

Você decide seu futuro?

Sim.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Correr a frente e nunca desistir.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Drogas.

*Nome fictício

** Acrescentei as perguntas conforme a resposta da aluna

Entrevista de n. 10

Jovem estudante: Claudia*

1- Entrevista

Local de realização: Escola

Data de realização: 09/12/2016

Horário em que foi realizada: 11h20

Duração: 20 minutos

Instrumentos utilizados

Outras informações

2- O/A entrevistado (a)

Idade: 18

Gênero: Feminino

Cor: Branca

Local onde mora: Rio Bonito

Com quem vive?

Meus pais

Habitação própria ou alugada?

Própria

Segue uma religião? Qual?

Sim. Sou católica.

O que faz nos momentos de lazer?

Tomo banho de cachoeira. Vou ao shopping.

Você tem acesso a Internet? Onde?

Não. Aliás, só no celular quando vou à cidade.

3- Local onde mora:

Você gosta do bairro/localidade em que mora?

O que mais gosta?

O que não gosta?

O que você mudaria no seu bairro?

Você tem vontade de sair deste bairro e ir morar na cidade? Por quê?

*Deixei o entrevistado falar. Apenas guiei as respostas através das perguntas acima.

Gosto muito de morar em Rio Bonito. Gosto da tranquilidade e da paz que o local transmite. Gosto de ouvir os pássaros e de não ouvir nada. Já percebeu que na cidade a gente sempre é obrigado a ouvir alguma coisa? Lá na roça não. Posso não ouvir nada. Posso tomar banho de cachoeira sem ter que ir muito longe da minha casa. Tudo é mais limpo. Não gosto de barulho e sujeira. Nem penso em sair, em me mudar.

Lógico que tem a parte ruim disso tudo. Morar longe tem a sua parte ruim. A estrada é péssima e quando chove fica impossível de passar a pé ou até de carro. Outra parte ruim é que se alguém passar mal, não temos quem socorra ou faça os primeiros socorros. Com o irmão do meu avô foi assim. Ele passou mal e quando chegou à cidade já era tarde. Não sobreviveu. Foi infarto. Talvez se ele estivesse na cidade, tinha se recuperado.

4- História de escolarização

Com que idade começou a estudar?

Eu comecei a estudar com 6 anos. E quero continuar até o nível superior. Quero ser professora de geografia. Nunca repeti o ano e nem fiquei em recuperação em nada.

Interrompeu em algum momento? Quais foram os motivos de cada interrupção?

Não.

Gosta de estudar ou gostava? Do que mais gosta ou gostava?

Sim. Sempre gostei de Geografia. Lógico que tinha umas dificuldades, não foi fácil. Sempre estudei mais na escola que em casa. Em casa eu não tenho internet. Então nunca consegui fazer pesquisas. Minha mãe me ajudava até onde ela sabia. Ela só tem a 4ª série, não tem muito conhecimento. Aprendia na escola com os professores e os colegas. Era o jeito.

Você enfrentou problemas para frequentar a escola? Quais?

Apenas com o transporte. Eu moro bem longe. Quase no ponto final de Rio Bonito. Eu tenho que acordar muito cedo para pegar o ônibus. Não temos carro. Dependendo de ônibus é muito ruim. Quando chove fica pior.

Já sentiu ou presenciou algum tipo de deboche por você morar no campo?

Sim. Por eu morar em uma área rural, muitas pessoas já riram de mim. Isto porque eu onde eu moro não tem internet, tem pouco horário de ônibus, não tem asfalto e nem o celular funciona. Fico fora dos grupinhos da rede social.

Até que nível gostaria de estudar?

Até o nível superior. Quero ser professora de geografia.

A escolarização é importante para a vida? Por quê?

Sim, para ter conhecimento e aprender.

5- História de trabalho

Você trabalha? Em que?

Sim. Em confecção.

Por que começou a trabalhar?

Para ajudar meus pais. Também para ter um dinheirinho para comprar minhas coisas.

Com que idade começou a trabalhar? Em que?

Com 13 anos na confecção. Antes de trabalhar em confecção, eu vendia aquelas revistas da Avon e Jequití para a minha tia. Ganhava muito pouco. Acho que nessa época eu tinha 13 (anos) também.

Quantas horas por dia? Quantas horas trabalha por semana?

Trabalho 6 horas. Mais ou menos 30 horas por semana.

Você acha que ganha bem?

Não ganho. Faço muita coisa e ganho pouco.

Como avalia seu trabalho? Gostaria de mudar de trabalho? Se sim, por quê?

Eu acho um trabalho muito cansativo. Eu empacoto as peças e coloco nas caixas. Às vezes, eu chego em casa e durmo direto de tão cansada.

O trabalho atrapalha ou atrapalhou sua vida escolar? Como?

Às vezes atrapalha. Principalmente quando tenho trabalhos para entregar e não consigo fazer porque estou na confecção. É muito difícil, melhor dizendo, cansativo, trabalhar e estudar. Sorte de quem só estuda.

Faz trabalhos domésticos? Quais?

Sim. Limpo a casa. Ajudo na cozinha e com a roupa suja.

6- A escola

A escola em que você estuda é boa?

Sim

O que é uma boa escola?

É aquela que tem bons professores.

O que é um bom professor (a)?

É aquele que se esforça e é atencioso com os alunos.

Onde você faz as tarefas escolares?

Em casa ou na escola.

Quem te ajuda ou já ajudou com as tarefas escolares?

Ninguém. Antigamente minha mãe me ajudava, hoje não precisa mais.

Em que situação você saiu ou sairia da escola?

Em nenhuma. Talvez se eu tivesse que sustentar minha casa sozinha.

A escola é importante para o seu futuro?

Sim, pois é ela vai me garantir um futuro melhor.

Você tem amigos que pararam de estudar? Por quê?

Sim, por causa de trabalho ou porque não queriam mais estudar. Alguns primos meus saíram para trabalhar na roça. Ter sua própria plantação. Aí tinham que se dedicar somente ao trabalho.

O que acha melhor e pior na escola em que você estuda ou já estudou?

O melhor é que a maioria dos professores é dedicada e o pior é a comida.

O que você gostaria que a escola te ensinasse? Ou o que você mudaria na sua escola?

Eu queria que tivesse mais atividades práticas e passeios.

Já estudou em escola com proposta de pedagogia de alternância? Por que saiu?

Não.

O que achou de estudar nesta escola?

XXX

Já estudou em escola rural multisseriada? Por que saiu? O que achou de estudar nesta escola?

Sim. Lá em Rio Bonito. Estudei lá até o 5º ano. Eu gostava. E tive dificuldades quando eu vim para cá. Pelo menos até eu me adaptar com tantos alunos em uma sala só e tantos professores diferentes. Lá eu sabia onde a professora morava. Aqui éramos todos estranhos. Outra dificuldade foi acordar cedo. De madrugada. Vinha dormindo no ônibus. Mas depois eu me acostumei.

7- Ascendentes

Em qual cidade seu pai nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de seu pai?

Lavrador

Seu pai estudou até que série?

4ª série ou 5º ano

E seus Avós paternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um? São de Nova Friburgo também. Trabalhavam na roça. Acho que estudaram pouco. Não sei, já faleceram.

Em qual cidade sua mãe nasceu?

Nova Friburgo

Qual a profissão de sua mãe?

Costureira

Sua mãe estudou até que série?

4ª série ou 5º ano

E seus Avós maternos? Onde nasceram? Qual a profissão de cada um? Qual a escolaridade de cada um?

Os dois são de Nova Friburgo. Meu avô estudou até o 5º ano e minha avó não pode estudar. Minha avó é dona de casa e meu avô é agricultor.

8- Irmãos

Quantos irmãos você tem?

Uma

Qual a idade dele?

10 anos

Qual o nível de escolarização atingido por ele?

Ela está no 5º ano do Ensino Fundamental.

9- Futuro

Qual é o seu maior sonho no futuro?

Conseguir cursar a faculdade de geografia

Qual profissão você sonha ter?

Ser professora de geografia.

O que você mais teme quando pensa no seu futuro?

Em não ter como me manter.

Você decide seu futuro?

Sim.

O que um jovem deve fazer para realizar o que quer fazer na vida?

Deve ter determinação.

O que um jovem deve evitar para não atrapalhar sua vida?

Drogas e crime.

*Nome fictício